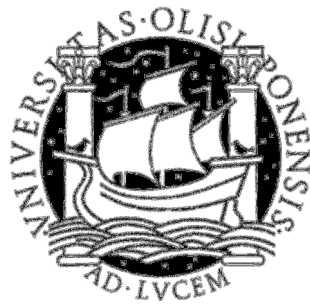


UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SECÇÃO AUTÓNOMA DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS



José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907).
A construção de uma *persona* científica.

Catarina Madruga

DISSERTAÇÃO
Mestrado em História e Filosofia das Ciências

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SECÇÃO AUTÓNOMA DE HISTÓRIA E FILOSOFIA DAS CIÊNCIAS



José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907).
A construção de uma *persona* científica.

Catarina Madruga

DISSERTAÇÃO
Mestrado em História e Filosofia das Ciências

ORIENTADORES:
Professora Doutora Ana Simões
Professor Doutor Luís Miguel Carolino

2013

Agradecimentos

Escrever uma dissertação em História da Ciência e da Tecnologia, um campo recente em Portugal, é uma grande responsabilidade. Os professores do Mestrado de História e Filosofia das Ciências, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, ensinaram-me isso mesmo. Se finalmente posso dizer que escrevi um texto de História da Ciência é graças, em primeiro lugar, à Professora Ana Simões, cuja elegância e capacidade humana não deixam de me surpreender. Também devo muito ao Professor Luís Miguel Carolino, ao Professor Henrique Leitão e às Professoras Maria Paula Diogo e Ana Carneiro. As capacidades académicas e o profissionalismo deste grupo de professores são indiscutíveis e uma fonte de inspiração. A sua generosidade, disponibilidade e simpatia, são um traço de distinção no dia-a-dia do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia. A minha dívida para com todos é infinita.

Colaborar no CIUHCT e poder fazer parte de uma família académica com tanta qualidade e competência é um extraordinário prazer e uma grande honra. A todos os meus colegas que, de alguma maneira, contribuíram e aturaram as minhas conversas sobre história natural, o século XIX e o “meu Bocage” agradeço muito e espero apenas conseguir retribuir de modo equivalente. Muito obrigada pela aprendizagem e pela troca de ideias à Conceição Tavares, à Marta Macedo, à Inês Gomes, à Teresa Carvalho, à Salomé Mota, ao Francisco Romeiras, ao Samuel Gessner, ao Luís Tirapicos, ao José Alberto Silva, ao Pedro Raposo, ao António Sánchez, e ao Joaquim Gaspar.

Devo uma palavra de reconhecimento também ao trabalho e à amizade de Vítor Gens, no Arquivo Histórico do Museu de Ciência e um agradecimento pela disponibilidade à Dra. Helena Grego da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa e à Dra. Judite Alves do Arquivo Histórico do Museu Bocage.

Resta-me agradecer profundamente à minha Mãe, e ao meu Pai e à minha Cacilda pelo apoio incondicional ao meu percurso de vida. E ao Zé, cuja boa disposição e energia, e também obstinação, me deu a força para seguir avante. Bem hajam.

Tabela de Conteúdos

<i>Sumário</i>	iii
<i>Abstract</i>	v
1. Introdução	1
2. A construção de uma <i>persona</i> científica.....	9
<i>Metabiografias de José Vicente Barbosa du Bocage</i>	10
3. Do Funchal a Lisboa.....	19
<i>Raízes Atlânticas</i>	19
<i>A 8ª Cadeira da Escola Politécnica</i>	23
<i>Uma Nova Família em Lisboa</i>	25
<i>A Cabra do Gerês</i>	27
4. O Museu Nacional de Lisboa, «uma obra eminentemente útil e civilisadora».....	35
<i>Do Museu Real ao Museu Nacional de Lisboa</i>	37
<i>Três relatórios, uma agenda para o Museu</i>	41
5. Colaboradores e Correspondentes.....	55
<i>As «Instrucções» de 1862 como um programa para a Zoologia em Portugal</i>	55
<i>Redes de Correspondentes e Trocas Simbólicas</i>	61
6. Administração Colonial e Expertise Científico	69
<i>A expedição de 1877</i>	71
<i>O Mapa Cor-de-Rosa</i>	84
7. Conclusões.....	89
Anexo I. Transcrição de manuscritos	93
1. <i>Carta dos Naturalistas do Museu ao Director da Escola Politécnica (1905)</i>	93
2. <i>Carta de J. V. Barbosa du Bocage à Direcção-Geral da Instrução Pública (1865)</i>	95
Fontes manuscritas citadas	97
Fontes impressas	98
Referências bibliográficas	103

Índice de Figuras

Figura 1. Busto de Barbosa du Bocage, MUHNAC.....	1
Figura 2. Placa toponímica da Avenida Barbosa du Bocage, Lisboa.	9
Figura 4. José Vicente Barbosa du Bocage, em 1858	26
Figura 3. Teresa Roma Bocage, em 1858.	26
Figura 6. Família Roma Bocage em 1860.	27
Figura 5. Família Roma reunida na Villa Roma em Sintra, em 1861.	27
Figura 7. “Estampa II” publicada em anexo à “Memoria sobre uma espécie nova do genero Capra L., a Cabra-Montez da Serra do Gerez, em Portugal”, 1857.	29
Figura 8. Pequena Guia de Lisboa, 1892.	37
Figura 9. Novo Guia do Viajante em Lisboa e seus arredores, 1853.	37
Figura 10. Figuras in J. V. Barbosa du Bocage, Instrucções, 1862.	57
Figura 11. “Mappa d’Africa” anexo in SGL, Ao Povo Portuguez... (1881).....	79

Índice de Tabelas

Tabela 1. Trabalho com as colecções entre 1858 e 1865.	45
---	----

Abreviaturas utilizadas no texto

AHMB	Arquivo Histórico do Museu Bocage, Museu Nacional de História Natural e de Ciência da Universidade de Lisboa.
AHMC	Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e de Ciência da Universidade de Lisboa.
BACL	Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa.
EPL	Escola Politécnica de Lisboa (1837-1911).
MUHNAC	Museu de História Natural e de Ciência da Universidade de Lisboa.

NOTAS: A autora, por opção pessoal, não usa o Acordo Ortográfico.

As citações e transcrições de fontes foram deixadas propositadamente na grafia original.

As fotografias que ilustram o texto são da autora, excepto quando especificada a sua fonte.

Sumário

Nesta dissertação pretende dar-se a conhecer o percurso de um indivíduo, José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907), através da sua ligação às instituições políticas e científicas do seu tempo em Portugal e no estrangeiro. Graças ao seu trabalho como naturalista e director da Secção Zoológica do Museu Nacional de Lisboa, o seu nome ficou para sempre ligado às colecções científicas zoológicas portuguesas. Os seus maiores trabalhos científicos são em taxonomia africana, e o seu maior legado é a credibilidade e reputação internacional que o trabalho científico com colecções zoológicas africanas em Portugal ganhou na sua época.

Sugere-se a hipótese de que foram os atributos da *persona* de «cientista» que permitiram a Barbosa du Bocage ser respeitado socialmente como competente tanto no domínio científico, como possuindo integridade de acção e valores morais para desempenhar um cargo político de importância em alturas de grande relevância política. Através de alguns exemplos do seu desempenho científico e das suas estratégias para a consolidação da disciplina da zoologia em Portugal, revela-se um caminho para a construção do saber científico no final do século XIX português. Para além de «cientista», Barbosa du Bocage foi eleito Deputado pelo Partido Regenerador, nomeado Par do Reino, e responsável pelo Ministério dos Negócios Externos em 1883-86 e em 1890. As negociações diplomáticas que levou a cabo fortaleceram a visão partilhada acerca da administração colonial africana que ficou conhecida como *Mapa Cor-de-Rosa*.

O seu percurso particular revela a ciência desenvolvida sobre o continente africano e a política colonial portuguesa como campos sociais implicados um no outro. Pretende-se assim salientar a relação entre o papel de «naturalista» ou «cientista» na sociedade portuguesa do final de oitocentos com o capital simbólico e político acumulado por Bocage ao longo da sua vida pública.

Palavras-chave:

José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907); *Persona* científica; República das Letras; Redes Internacionais de Correspondência Científica; Secção Zoológica do Museu Nacional de Lisboa; Escola Politécnica de Lisboa; Mapa Cor-de-Rosa; Ciência Colonial.

Abstract

This dissertation follows the individual path of José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907) and his connection to the scientific and political institutions of his time in a national and international level. Thanks to his work as naturalist and as director of the Zoological Section of the National Museum of Lisbon, his name was forever associated with the development of the Portuguese zoological collections. His major scientific works are dedicated to African taxonomy and his main legacy is the added credibility and international respect that the scientific work with African zoology in Portugal gained in his period.

The hypothesis followed in this dissertation is that it is the characteristics of the *scientific persona* he fashioned and others reshaped that allowed Barbosa du Bocage to be considered and respected socially both as competent in his scientific domain and in having the values and morals of action to perform a political role of relevance. Through the examination of examples of Bocage's scientific accomplishments, which reveal his agenda for the development and consolidation of the scientific discipline of Zoology, I hope to offer some insights into the construction of scientific knowledge of the late 19th century in Portugal.

Barbosa du Bocage was Minister of Navy and Overseas in 1883 and Minister for Foreign Affairs in 1883-86 and again in 1890. His diplomatic skills and political agenda helped strengthen the shared view on colonial administration of African affairs embodied in the famously known *Rose-Coloured Map*. Science produced on African natural life and Portuguese colonial politics are social fields implicated in one another. I aim to reveal the interaction between the role of naturalist in Portuguese society in the eighteenth hundreds and the political and symbolic capital accumulated by Bocage during his public life.

Key words:

José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907); Scientific *persona*; Republic of the Letters; International Networks of Scientific Correspondence; Zoological Section of the National Museum of Lisbon; Polytechnic School of Lisbon; Rose-Coloured Map; Colonial Science.

1. Introdução

José Vicente Barbosa du Bocage (1823-1907) foi um destacado naturalista português que se dedicou ao estudo de espécies zoológicas da fauna portuguesa metropolitana e colonial. A Secção Zoológica do Museu de Lisboa, que ele dirigiu durante cerca de 50 anos passou, em 1905, a denominar-se Museu José Vicente Barbosa du Bocage, em consequência de um pedido feito pelos naturalistas e funcionários do museu. O nome de Barbosa du Bocage ficou deste



Figura 1. Busto de Barbosa du Bocage, na actual sala de leitura da Biblioteca do Museu de Ciência, MUHNAC.

modo formalmente ligado à secção do Museu que coordenou, numa altura em que esta secção já era considerada informalmente o «Museu do Bocage». A formação da identidade do naturalista Bocage coincidiu com a construção de uma identidade para a instituição a partir de onde desenvolveu o seu trabalho de investigação. Para além de uma homenagem dos seus pares, a correspondência de nome, que cientista e departamento de museu partilham, é fruto de uma fusão simbólica de identidade. Esta identidade conjunta é o alvo do estudo desta dissertação.

O trabalho científico de Barbosa du Bocage é sobejamente conhecido e alvo de vários estudos parciais por autores também eles naturalistas, ou investigadores em zoologia. Carlos França e Baltasar Osório, que trabalharam directamente com Barbosa du Bocage escreveram pequenos artigos de elogio onde, em traços gerais, apresentam a obra científica, o contributo político e o indivíduo.¹ Germano Sacarrão e Carlos Almaça, mais recentemente, publicaram textos em que colocam a figura de Barbosa du Bocage definitivamente como o «pai da zoologia».² Neste momento, estão a ser escritas duas teses de doutoramento com enfoque sobre o

¹ Carlos França, “Le Professeur Barbosa du Bocage”, *Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, tomo II (1908) 141-182; Baltazar Osório, *Elogio Histórico do Illustre Naturalista e Professor J. V. Barboza du Bocage* (Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1909).

² Germano Sacarrão, “A obra do Dr. Barboza du Bocage e a Zoologia em Lisboa anteriormente à fundação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais”, *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, 12 (1968) 1-16; Carlos Almaça, *Museu Bocage. Ensino e Exibição* (Lisboa: Museu Bocage, 2000).

mesmo período histórico e a mesma disciplina, a zoologia, que versam naturalmente também sobre a figura de Barbosa du Bocage. No entanto, os seus objectivos são diversos. Nestes trabalhos, o assunto é tratado, num deles, a partir da história do ensino das ciências naturais em Portugal e, no outro, a partir do estudo e levantamento das colecções zoológicas nacionais.³ Apesar das várias publicações mencionadas, ainda não há uma biografia detalhada, nem científica nem política, de Barbosa du Bocage e ainda existe documentação original por estudar. O estudo que se segue não reúne os critérios para uma biografia de José Vicente Barbosa du Bocage, nem a sua abordagem pretende ser biográfica. Este estudo é o resultado de uma análise parcial de fontes originais e de fontes secundárias, e da sua interpretação, do ponto de vista da história da ciência e da tecnologia. A preocupação principal desta dissertação é compreender melhor como se estabelecem as estruturas para a construção, validação e legitimação de novo conhecimento científico em determinada situação histórica e social.

Os historiadores Lorraine Daston e H. Otto Sibum consideraram, em 2003, o conceito de *persona* como uma ferramenta operativa para a história da ciência.⁴ A minha leitura do percurso deste indivíduo encontra-se na tensão inerente ao conceito de *persona*. Se, por um lado, a *persona* é definida pelo percurso de um indivíduo, ela é também uma referência social. Dito de outro modo, o reconhecimento social (externo) de determinados atributos que compõem a acção mas também as características morais de um 'cientista' estão presentes nas práticas individuais (internas) de um agente que se modela, neste caso, como um 'naturalista', 'cientista' ou 'sábio'.

No referido texto, o conceito de *persona* de Marcel Mauss foi adaptado para a história da ciência por Daston e Sibum, num número da revista *Science in Context* dedicado a apresentar estudos de biografias científicas vistos pela perspectiva da formação ou construção das suas *personas científicas*. Na apresentação do conjunto de artigos, estes autores definem a *persona* científica como uma intermediação entre a biografia individual e a história das instituições sociais, como uma «identidade cultural que simultaneamente forma o indivíduo, o seu corpo e a sua

³ Os projectos de doutoramento são respectivamente de Daniel Marques, CIUHCT – Universidade Nova de Lisboa e de Luís Ceríaco, CEHFCi – Universidade de Évora.

⁴ Lorraine Daston, H. Otto Sibum, "Introduction: Scientific Personae and Their Histories", *Science in Context*, 16 (2003) 1-8.

mente, e cria um colectivo que determina uma fisionomia que é reconhecida e partilhada». ⁵ É, em simultâneo, algo formado consciente ou inconscientemente no indivíduo e que o situa social e culturalmente numa estrutura determinada.

Uma *persona* tem uma existência tão concreta como ou até mais do que os indivíduos biológicos, na medida em que é ela que cria as possibilidades do ser no mundo humano, instruindo a mente, o corpo e a alma para percursos circunscritos e estáveis. ⁶

O conceito de *persona* poderá ser transposto com sucesso para a história da ciência, segundo estes autores, já que permite analisar os métodos e as ferramentas utilizadas para a construção, a definição e a demarcação de determinada consciência colectiva do que é ser (em sentido lato) um *cientista*. No século XIX, e nomeadamente no estudo de caso aqui apresentado, a expressão *cientista* está em construção. Em Portugal, são usadas outras definições como *sábio*, ou *homem de sciencia*. A identificação com a *persona* de *sábio* é visível através da fusão entre o capital simbólico do indivíduo e a representação pública e privada de si próprio como detentor de *conhecimento*.

Assim, o objectivo principal desta dissertação é contribuir para clarificar as origens e os resultados da construção da carreira científica de Barbosa du Bocage, e perceber que características compõem esta *persona científica* que, em particular, se define como uma personalidade austera e reservada.

Nesta dissertação é também analisada a crescente identificação de Barbosa du Bocage com a comunidade supranacional de cientistas seus pares, conhecida por *República das Letras*. Esta comunidade imaginada vive de uma rede com características estilísticas muito bem delineadas. A noção de *estilo*, e também de *ethos*, da República das Letras influencia cada um dos seus membros, cada um sendo exemplo de um estilo específico de acção. ⁷ O que define esta comunidade internacional é a partilha de um desinteresse interessado acerca do conhecimento que procuram e ao qual se dedicam inteiramente. Este *estilo* associado ao perfil do

⁵ L. Daston, H. O. Sibum, Op. Cit. [4], 2.

⁶ «Personae are as real as or more real than biological individuals, in that they create the possibilities of being in the human world, schooling the mind, body, and soul in distinctive and indelible ways.» in L. Daston, H. O. Sibum, Op. Cit. [4], 4.

⁷ Lorraine Daston, “The Ideal and Reality of the Republic of Letters in the Enlightenment”, *Science in Context*, 4 (1991) 367-386.

cientista está ligado ao conceito de *objectividade*, característica entendida como fundamental para a definição de ciência.

A hipótese de análise que se propõe é que o reconhecimento público do trabalho científico de Bocage está ligado à sua actuação política e diplomática. Interessa destacar desta relação entre prática científica, reconhecimento social e desempenho político, o potencial de análise que o estudo sobre este indivíduo particular oferece para o entendimento da forma como se constrói pessoal e publicamente a *persona* de um cientista em determinada circunstância histórica.

Através do enfoque na construção da representação social de uma *persona* científica em determinada época, podemos ter acesso a uma definição de ‘carreira científica’ em dado momento histórico e relacionar as características dessa construção com as narrativas mais significativas.

No caso de um indivíduo, as suas ideias científicas, filosóficas, sociais e políticas encontram-se reunidas num único embrulho.⁸

Mesmo não considerando este estudo como uma biografia, algumas características da construção biográfica irão emergir naturalmente, visto que a unidade de análise será, para a construção de uma narrativa consistente, o indivíduo e a sua contribuição e participação na vida social e política do seu tempo.

Seguindo o percurso de um indivíduo que tenta a intermediação entre várias esferas de significado social e cultural, surgem pistas para uma reflexão ainda relativamente ausente na historiografia nacional acerca dos modos através dos quais um cientista se imiscui com o mundo da política, a forma como liga os seus interesses pessoais, a agenda que molda a sua escolha de temas e de linhas de acção tanto científicas como políticas. A partir de um indivíduo e das suas escolhas, é possível apresentar um exemplo da transição entre um mundo e outro, o da ciência e o da política e vice-versa, tornando assim impossível considerar separadamente cada uma das categorias socioprofissionais, cientista ou político, em separado. De resto, o progresso técnico, científico e material está presente tanto no discurso político como no discurso ‘utilitarista’ da ciência do final do século XIX.

⁸ «We have, in the case of an individual, his scientific, philosophical, social and political ideas wrapped up in a single package.» in Thomas L. Hankins “In defense of biography: the Use of Biography in the history of Science”, *History of Science*, 27 (1979) 1-16, 5.

Vários autores têm vindo a mostrar como o género da biografia científica pode ser um instrumento útil no sentido da análise de determinada matriz cultural e como a particularidade de uma vida científica pode oferecer uma maneira de cruzar múltiplos contextos.⁹ Tal como numa biografia, no presente estudo a metodologia usada vai no sentido de cruzar os feitos científicos – as publicações, as redes de correspondentes científicos – com os feitos políticos e de presença de responsabilidade cívica do indivíduo, apesar não se percorrem em detalhe todas as etapas da vida de Bocage e não se poder intitular de ensaio biográfico. Pretende-se enquadrar historicamente e analisar diferentes momentos da produção científica de Barbosa du Bocage. O propósito é seguir o seu percurso na construção de uma identidade para o museu que dirigiu, e perceber como se estrutura uma reputação científica nacional e internacionalmente. A representação simbólica do Museu de Lisboa como centro de acumulação de conhecimento sobre taxonomia africana, reforça o estatuto de Barbosa du Bocage no estrangeiro. O reconhecimento internacional que Barbosa du Bocage consegue obter, confere simultaneamente ao museu o lugar de nodo relevante na rede de instituições europeias. A dimensão internacional é importante porque, ao mesmo tempo que molda para si uma imagem de personalidade científica cujas facetas coabitaram e interagiram com as de político e homem de acção, a conjuntura é particularmente difícil para a afirmação de Portugal colonial no xadrez europeu das nações internacionais.

De maneira a estudar a hipótese levantada, em cada capítulo, um conjunto de documentos é contextualizado e depois lido à luz da construção simultânea da *persona* científica de Bocage e da identidade do Museu de Lisboa enquanto centro de investigação.

O capítulo 2, *A Construção de uma Persona Científica*, é dedicado às representações que outros fizeram do seu percurso. Este levantamento foi feito com o propósito de apresentar a imagem externa coeva de Barbosa du Bocage e tornar visível períodos distintos de reconhecimento público. A partir do que os seus contemporâneos escreveram sobre ele, e de como o descreveram, ficamos a conhecer um homem com um perfil engajado social e politicamente, que participa

⁹ T. L. Hankins, *Op. Cit.* [8] e, mais recentemente, Mary Terrall, “Biography as Cultural History of Science”, *Isis* 97 (2006) 306-313 e Thomas Söderqvist (Ed.) *The History and Poetics of Scientific Biography* (Hampshire: Ashgate, 2007).

na sociedade, tanto como um reputado ‘sábio’ como também como um activo deputado dos interesses da nação. As descrições do seu trabalho como zoólogo e director de museu vão sobrepor-se na produção de perfis mais recentes, que o situam como o ‘pai’ da zoologia em Portugal e evidenciam sobretudo o seu trabalho científico. Este texto termina com uma pequena reflexão sobre a relação entre a construção de uma personalidade austera e distante e a concepção de ‘objectividade’.

No capítulo 3, *Do Funchal a Lisboa*, analisa-se o período inicial da vida de J. V. Barbosa du Bocage desde a sua infância e juventude marcada pela instabilidade política em Portugal, até ao estabelecimento de uma constância na sua vida, fundada no emprego como Lente Proprietário na Escola Politécnica de Lisboa e no seu casamento com Teresa Morato Roma, ambos eventos ocorridos em 1851. O seu primeiro trabalho em taxonomia zoológica é uma memória lida numa sessão na *Academia Real das Sciencias*, que será publicada em 1857. A experiência desta primeira incursão na disciplina da zoologia vai determinar a sua aproximação à comunidade imaginada da República das Letras e ao *ethos* que lhe está subjacente e que Barbosa du Bocage vai seguir daqui por diante.

O capítulo 4, *O Museu Nacional de Lisboa, «uma obra eminentemente util e civilisadora»*, acompanha a construção da agenda que Barbosa du Bocage vai desenhar para o “novo” Museu Nacional de Lisboa, desde que assume responsabilidades sobre as colecções zoológicas que são transferidas, em 1859, para a tutela da Escola Politécnica. Bocage vai criar novas práticas de investigação e de produção científica associada a estas colecções e contribuir para um aumento efectivo das colecções zoológicas do Museu Nacional de Lisboa, ao mesmo tempo que estabelece uma identidade demarcada e reconhecida internacionalmente para si e para o Museu que dirige.

A consolidação das estratégias enunciadas na década de 1860 é analisada no capítulo 5, *Colaboradores e Correspondentes*, a partir de dois estudos de caso. Primeiro analisam-se as causas e consequências da publicação de *Instruções* em 1862, e de seguida, sublinham-se exemplos da construção dinâmica de redes internacionais de correspondência e de troca de colecções dentro de uma República das Letras.

No capítulo final, *Administração Colonial e Expertise Científico*, é analisado o percurso de Barbosa du Bocage entre as suas duas principais obras dedicadas à sistematização do conhecimento ornitológico (1877) e herpetológico (1895) de Angola e da região do Congo, de onde provem a maioria das colecções de investigação do Museu de Lisboa. Para além de ser estudado zoológicamente em Lisboa, o Congo, ou Zaire, é também a região mais discutida nos círculos diplomáticos europeus. A partir de 1877, com a expedição de Serpa Pinto e Capelo e Ivens, Portugal adere definitivamente ao *Scramble for Africa* europeu. O contributo da Sociedade de Geografia de Lisboa, por um lado, e a organização da Comissão Central Permanente de Geografia, no ministério de Andrade Corvo, por outro, foram fundamentais para uma discussão pública mais consequente acerca das políticas coloniais. Neste capítulo, aborda-se a participação de Barbosa du Bocage em ambos os projectos e, sobretudo, na defesa do projecto do que veio a ser chamado de *Mapa Cor-de-Rosa*.

Através do uso de conceitos utilizados na historiografia como *persona* e *República das Letras*, *redes* e *centros de acumulação*, esperamos contribuir para enquadrar o momento em que foi redefinida a disciplina da zoologia em Portugal, e definidas as políticas para as colecções zoológicas, a par e passo com um contexto político particularmente complexo.

2. A construção de uma *persona* científica

Para contribuir para uma análise do percurso do indivíduo mas também para uma investigação sobre a construção do cientista enquanto categoria social, este capítulo apresenta as representações do *ethos* do naturalista e zoólogo José Vicente Barbosa du Bocage, através da análise de algumas notas biográficas.

Dos seus trabalhos científicos, que contam com dezenas de artigos dedicados à descrição taxonómica, sobressaem duas obras tidas como fundamentais para cada um dos seus campos de especialização dentro da zoologia: *Ornithologie d'Angola* (1877) e *Herpetologie d'Angola et du Congo* (1895). Com o seu trabalho científico Barbosa du Bocage ganhou reputação internacional e conseguiu para o museu de Lisboa, e para a secção zoológica que dirigia, reconhecimento na rede internacional de museus e colecções de investigação científica em matéria de zoologia.

Para além do reconhecimento em Portugal e no estrangeiro como *sábio* e como *mestre*, e da grande importância que teve na construção do museu de Lisboa enquanto instituição científica, Bocage foi também membro activo nas associações científicas lisboetas. Eleito sócio da Academia Real de Ciências

em 1853, foi seu vice-presidente em 1875. Foi também o primeiro vice-Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa em 1876-1877 e o seu Presidente de 1877 a 1883, recebendo a Medalha de Ouro da Sociedade em 1903.

Barbosa du Bocage fez igualmente parte da política do seu tempo. Foi eleito Deputado da Nação (1879) e nomeado Par do Reino (1881) e fez parte de várias comissões públicas. Durante os seus trabalhos enquanto Ministro da Marinha e Ultramar (1883) e, depois, dos Negócios Externos do governo de Fontes Pereira de Melo (1883-86), encetou negociações importantes, sendo uma delas a do tratado de 1884 com a Inglaterra sobre o domínio territorial no Zaire. Foi durante este ministério que foram preparados os famosos tratados com a França e a Alemanha, que incluíram o *Mapa Cor-de-Rosa*, e que foram posteriormente assinados em



Figura 2. Placa toponímica da Avenida Barbosa du Bocage, Lisboa.

1886, pelo seu sucessor Henrique de Barros Gomes (1843-1898). Para Barbosa du Bocage, o sucesso de uma adequada administração colonial era um dos maiores desafios do país e representava a possibilidade da independência nacional. Com o falhanço do projecto do *Mapa Cor-de-Rosa* dada a pressão financeira e política feita pela França e pela Inglaterra, coube de novo a Barbosa du Bocage, em 1890, ocupar a pasta dos Negócios Externos e conseguir a alternativa sustentável ao Tratado de 20 de Agosto, chumbado nas Cortes Portuguesas. Como tentarei demonstrar, o seu desempenho político foi considerado pelos seus contemporâneos como estando relacionado com a sua capacidade técnico-científica.

Metabiografias de José Vicente Barbosa du Bocage

José Vicente Barbosa du Bocage não deixou, que se conheçam, apontamentos acerca da sua vida. Para descrever os momentos relevantes da sua biografia, é necessário recorrer ao que os seus contemporâneos mencionam e descrevem nos vários elogios históricos de que foi alvo. Distinguem-se dois momentos diferentes na produção de esboços biográficos de Barbosa du Bocage.

O primeiro, entre 1883 e 1909, é protagonizado pelos personagens que com ele privaram, ou que foram seus alunos, parceiros ou consócios nas organizações científicas ou políticas de que ele fez parte.¹⁰ Em notas biográficas mais recentes, num segundo período que coincide com o século XX, Barbosa du Bocage é tido como um *pai* da zoologia e é associado ao desenvolvimento e modernização das colecções zoológicas em Portugal «de cujo estudo systematico e definitivo (...) lançou os fundamentos seguros»¹¹. Neste segundo período, foram vários os directores da Secção Zoológica do Museu Nacional de História Natural de Lisboa que participaram na construção da história da disciplina da zoologia em Portugal

¹⁰ Destacamos os seguintes elogios e notas biográficas de autores que foram contemporâneos de Bocage: Alberto Rocha [Serpa Pinto], "O Doutor Bocage", *Diario Illustrado*, 3508 (12 de Fevereiro de 1883) 1-2; Conde José Maria do Casal Ribeiro, "Barbosa du Bocage", *A Semana de Lisboa. Suplemento do Jornal do Commercio*, 12 (1893) 89-91; Eduardo Burnay, "Conselheiro Barbosa du Bocage", *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 21ª Série, 7 (1903) 245-253; Augusto Ribeiro "Dr. J. V. Barbosa du Bocage", *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*, Ano 6 (1902-1903) 97-101, 97; Júlio Guilherme Bethencourt Ferreira, "J. V. Barbosa du Bocage", *Occidente*, vol. 30, 1040 (1907) 250-251; C. França, *Op. Cit.* [1] e B. Osório, *Op. Cit.* [1].

¹¹ Victor Ribeiro, *Breve noticia ácerca dos estudos zoológicos em Portugal* (Lisboa: Empresa da Historia de Portugal, 1904) 9.

publicando apontamentos históricos que evidenciam o papel ‘fundador’ de José Vicente Barbosa du Bocage.¹²

Durante o primeiro momento, em que é elogiado ainda em vida, a principal característica das notas biográficas é que a sua faceta científica é sempre associada ao papel desempenhado nos assuntos políticos do seu tempo. Estas descrições relacionam o desenvolvimento pessoal de Barbosa du Bocage com os momentos políticos em que viveu e em que teve acção política porque «todos os homens devem ser políticos»¹³. Esta produção de elogios caracteriza-se por ter sido publicada por ocasião de datas marcantes da vida de José Vicente Barbosa du Bocage ou como homenagem póstuma.

A partir de 1883, foram publicados sete pequenos artigos escritos por sete amigos e colegas com diferentes associações a Bocage, resultantes de relações mais ou menos íntimas. Os autores destas notas dividem-se entre colegas naturalistas, que foram seus discípulos no trabalho com as colecções do Museu de Lisboa: Baltazar Osório (1855-1926), Júlio Guilherme Bettencourt Ferreira (1866-1948) e Carlos França (1877-1926); relações ligadas à Sociedade de Geografia de Lisboa e à Academia das Ciências de Lisboa: Eduardo Burnay (1852-1924), Augusto Ribeiro (1853-1913) e Alberto Rocha [Serpa Pinto] (1846-1900); e relações mais próximas como José Maria Caldeira do Casal Ribeiro, 1º Conde de Casal Ribeiro (1825-1896).

Em 1883, por volta do sexagésimo aniversário de José Vicente Barbosa du Bocage, surge a primeira publicação de um perfil intitulado “O Doutor Bocage”, assinado por Alberto Rocha. Tendo em conta a rede de relações de Bocage é fácil identificar Serpa Pinto, de nome completo Alexandre Alberto Rocha Serpa Pinto, como o autor desta nota. Serpa Pinto foi uma personagem instrumental para os planos da Sociedade de Geografia de Lisboa em fazer com que Portugal participasse e marcasse o movimento *civilizador* do final dos anos 1870 e da década de 1880. Serpa Pinto descreve a vida de Bocage com grande pormenor (alguns dos detalhes não se encontram em mais nenhuma fonte e, pelas suas

¹² Vejam-se as seguintes publicações dos vários Directores: Artur Ricardo Jorge, “Museus de História Natural”, *Arquivos do Museu Bocage*, 12 (1941) 79-112; Germano Fonseca Sacarrão, Op. Cit. [2]; Carlos Almaça, *Bosquejo histórico da zoologia em Portugal* (Lisboa: Museu Bocage, 1993); Carlos Almaça, Op. Cit. [2]. Também Graça Ramalhinho, enquanto directora do Museu Bocage, organizou, em 2005, a exposição 100 anos do Museu Bocage que comemorou o nome de Barbosa du Bocage e o desenvolvimento da secção zoológica ao longo do século XX.

¹³ B. Osório, Op. Cit. [1], 13.

características, têm de provir de uma fonte muito próxima da intimidade de Bocage) desde a infância atormentada no Funchal até à sua participação na Sociedade de Geografia de Lisboa, fazendo com que o seu futuro lugar como Ministro do Ultramar e da Marinha fique validado através dos vários argumentos que desenvolve. Serpa Pinto inscreve o percurso de Bocage num devir de contribuição cívica, assinalando a sua proficiência científica como uma característica totalmente ligada à capacidade de intervenção política na administração colonial, atribuindo assim um sentido político ao seu percurso de vida.

Dez anos depois, José Maria Caldeira do Casal Ribeiro (1825-1896), amigo da família Roma, colega desde a Universidade de Coimbra, e no Ministério dos Negócios Estrangeiros¹⁴, escreve um novo perfil de Bocage. Em 1893, não se trata de legitimar a acção política de um cientista mas sim de *resgatar* a sua reputação política:

Não cabe aqui dissertar sobre se o tratado de 1891 foi um éxito. Tenho-o por evidente; e não tanto porque somou ao domínio português alguns territórios ao norte do Zambeze, e eliminou toda a espécie de condomínio na África occidental, como porque o precedeu uma negociação correctíssima.¹⁵

Para além de descrever o perfil do cientista, Casal Ribeiro começa por realçar o papel técnico de Bocage nos seus primeiros gabinetes ministeriais e, posteriormente, a sua capacidade de administração e aptidão diplomática numa situação tão sensível como foi o pós-*Ultimatum* de 1890.

O conselheiro Barbosa do Bocage foi político, mas como tal fez sempre a melhor administração, aquela que um homem de ciência, de uma grande elevação de ideias e de nobre sentimento podia fazer, desinteressada e útil, com um intuito único - a felicidade e o engrandecimento da Pátria.¹⁶

A participação de Bocage na vida política do seu tempo não foi negligenciada pela história política. Mesmo assim, os dois lados de Bocage, como sábio (cientista) e como político são apresentados como independentes, contrariando a ideia do discurso historiográfico que entende a história da Regeneração como carregado de

¹⁴ Cf. C. Ribeiro, *Op. Cit.* [10], 89; Carlos Maia, *Memórias da Villa Roma* (Lisboa, 1940) 81-83 e Fernando de Castro Brandão, *História Diplomática de Portugal. Uma Cronologia* (Lisboa: Livros Horizonte, 2002) 231.

¹⁵ C. Ribeiro, *Op. Cit.* [10], 91.

¹⁶ J. G. B. Ferreira, *Op. Cit.* [10], 251.

cientismo. Fernando Catroga definiu *cientismo* como uma «crença em que a verdadeira e definitiva transformação e reorganização da sociedade teria de se inspirar nos ditames da ciência»¹⁷. Esta ideia estava disseminada pela sociedade e que inspirou as elites intelectuais contemporâneas de Barbosa du Bocage.

O discurso político português desta época foi construído por muitos homens cujo percurso pessoal e profissional passou pela Escola Politécnica, e por um interesse grande na promoção das ciências como fonte de progresso e modernização do país. Na geração de Bocage, muitos personagens houve que ocuparam em simultâneo uma posição relevante no campo das ciências ou do seu ensino e no campo da política.¹⁸ Bocage é chamado a participar nos assuntos políticos devido aos conhecimentos profundos que tem em fauna africana e, conseqüentemente, em geografia africana e colonial.

Servindo a sciencia, com uma devoção que, nem a idade nem os sofrimentos phisicos, entibiaram ou enfranqueceram, o sr. Professor Barbosa du Bocage pode ter o justo desvanecimento de haver, com os seus trabalhos, feito alguma cousa mais do que honrar e servir a sciencia portugueza, pois com eles constituiu e formou o mais alto monumento aos modernos exploradores de Portugal.¹⁹

Nesta citação, Augusto Ribeiro, sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, refere-se à repercussão do trabalho científico desenvolvido por Bocage no momento histórico das explorações geográficas africanas. O próprio Bocage, na introdução do livro *Herpetologie d'Angola et du Congo* (1895) refere-se ao investimento português na exploração científica de África e relaciona-o com o seu contributo, e o dos viajantes correspondentes do Museu de Lisboa:

Por iniciativa e despesa do governo português, ousados viajantes e intrépidos naturalistas têm contribuído largamente para o progresso das ciências geográficas, etnográficas e naturais nesta parte do mundo antigo. As viagens de Serpa Pinto, de Capello e Ivens, a exploração botânica de Angola pelo Dr. Welwitsch, as explorações zoológicas de Angola e do Congo por Anchieta, nas

¹⁷ Fernando Catroga, “Cientismo Político e Anticlericalismo” in José Mattoso (Coord.) História de Portugal, Vol. 5 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1993) 583-593, 583

¹⁸ O caso de João Andrade Corvo (1822-1890) é paradigmático: Andrade Corvo frequentou a Escola Politécnica como aluno e foi professor lá e no Instituto Agrícola. Desempenhou, lado a lado com a publicação de importantes obras de divulgação científica, um papel extraordinário na organização da administração colonial portuguesa enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros em vários mandatos.

¹⁹ A. Ribeiro, *Op. Cit.* [10], 97.

ilhas do golfo da Guiné por Francisco Newton e Moller, são as provas incontestáveis do que acabo de apresentar.²⁰

Neste parágrafo, Bocage sublinha a relação entre os objectivos políticos das potências europeias e as explorações científicas que permitem o avanço da zoologia. A imprescindível assistência dos seus colaboradores na exploração científica africana ajudou a construir um trabalho com as colecções do museu de Lisboa que se posiciona, também no entendimento do próprio Bocage, num trajecto de afirmação política de identidade nacional.

A representação social externa apresentada pelos autores das suas biografias colocam um ênfase na relação entre a participação na política e a carreira científica de Barbosa du Bocage. Se o seu percurso científico foi pontuado com obras de reconhecido valor e contribuição para o conhecimento científico e zoológico, o seu trajecto político foi construído a partir de um contributo relevante para o seu tempo, mas nem por isso feito de sucessos a longo prazo. As suas maiores negociações diplomáticas enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros ficaram definitivamente manchadas depois do *Ultimatum* inglês e nem o seu auxílio nas negociações que se seguiram ao tratado de 20 de Agosto de 1890 expiaram o seu papel na administração dos assuntos coloniais.

Os contemporâneos de Bocage resumem os seus feitos em mote de homenagem depois de uma longa carreira pública e associam o seu perfil de *sábio* ao seu retrato como *patriota* e *estadista*. Neste período, o perfil de Bocage é multifacetado em relação à sua participação cívica mas com o decorrer do século XX passa a ser analisado a partir de perspectivas distintas e marcadas por estudos específicos.

Com um diferente contexto, os esboços biográficos de Bocage escritos ao longo do século XX, cristalizam uma imagem de Barbosa du Bocage como um *pai fundador* da Zoologia em Portugal ao mesmo tempo que esbatem a sua participação política, relegando-a para segundo plano. Neste segundo período de

²⁰ José Vicente Barbosa du Bocage, *Herpétologie d'Angola et du Congo* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1895) IV: «Par l'initiative et aux frais du gouvernement portugais, de hardis voyageurs et d'intrépides naturalistes ont puissamment contribué aux progrès des sciences géographiques, ethnographiques et naturelles dans cette partie de l'ancien monde. Les voyages de Serpa Pinto, ceux de Capello et Ivens, l'exploration botanique d'Angola par le Dr. Welwitsch, les explorations zoologiques d'Angola et du Congo par d'Anchieta, celles des îles du golfe de Guinée par Francisco Newton et Moller, sont des preuves incontestables de ce que je viens d'avancer.» [tradução minha].

perfis biográficos, a participação histórica de Barbosa du Bocage é referida numa perspectiva unidimensional, separando assim a história da ciência da história política e social do mesmo período. Para a história da zoologia portuguesa constitui-se uma representação, de Barbosa du Bocage como *pai fundador*, enquanto na história política e diplomática aparecem referências soltas ao seu desempenho em assuntos de grande importância na política externa como a Conferência de Berlim ou, por exemplo, a publicação do Mapa Cor-de-Rosa como anexo do Tratado Luso-Francês de 1886, produzido durante o seu mandato enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros. Para a historiografia política, o nome de Barbosa du Bocage poderá não ser tão notório como o de Andrade Corvo, Luciano Cordeiro ou Pinheiro Chagas. No entanto, o seu nome aparece em muitos estudos da história da intervenção portuguesa na diplomacia e política europeia sobre os territórios africanos onde se verifica que Bocage desempenha um papel que, mesmo sendo secundário, se desenrola desde o início das discussões acerca da participação portuguesa no movimento *civilizador* até ao desenlace infeliz do *Ultimatum* inglês.

Na historiografia sobre o *Mapa Cor-de-Rosa*, Barbosa du Bocage aparece como um dos defensores da ideia da ligação entre as costas de Angola e Moçambique e, em obras sobre o período do *Ultimatum* inglês de 1890, o Ministro dos Negócios Estrangeiros Barbosa du Bocage aparece como a figura de destaque no governo português na altura das negociações posteriores ao Tratado de 20 de Agosto e ao subsequente *modus vivendi* que foi lavrado com Lord Salisbury e que outros, como o adido Marquês de Soveral, protagonizaram²¹. O historiador Charles Nowell descreve a participação de Bocage na Sociedade de Geografia de Lisboa como «vigorosa» e como um personagem «activo na política e membro do Partido

²¹ Vejam-se as menções ao papel desempenhado por Barbosa du Bocage enquanto Ministro em: Maria Manuela Lucas, “Organização do Império” in José Mattoso (Coord.) *História de Portugal*, Vol. 5 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1992) 285-311; António José Telo, “Um sonho cor-de-rosa? Portugal, a Europa e a África (1879-1891)” in João Medina (Dir.), *História de Portugal dos tempos pré-históricos aos nossos dias* vol.9, (Lisboa: Clube Internacional do Livro, 1995)199-219; Charles Nowell, *The Rose-Colored Map: Portugal's attempt to build an African empire* (Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1982) e Eric Axelson, *Portugal and the Scramble for Africa, 1875-1891* (Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1967). Douro ponto de vista, a sua participação na política interna em várias comissões públicas e enquanto deputado, Par do Reino, Ministro e Conselheiro de Estado encontra-se sintetizada in Zélia Pereira, “Bocage, José Vicente Barbosa du (1823-1907)”, in: Maria Filomena Mónica (coord.), *Dicionário Biográfico Parlamentar 1834-1910*, vol. 1 (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – Assembleia da República, 2004) 395-397.

Regenerador» e com «numerosas publicações que lidavam com a fauna colonial», relacionando o papel político com o trabalho científico desenvolvido.²² O nome de Barbosa du Bocage aparece nos processos de regeneração da administração colonial quando se menciona a importância das remessas de colecções naturais para o Museu de Lisboa.

Noutro tipo de registo, um livro editado pelo seu sobrinho Carlos Roma Machado Faria e Maia descreve a vida familiar das várias irmãs da família Roma passadas na Vila Roma,²³ a casa construída em Sintra pelo sogro de Bocage e onde também a família Roma-Bocage passava os seus fins-de-semana. Com este livro ficam a conhecer-se melhor alguns aspectos da relação estreita entre Barbosa du Bocage e várias figuras proeminentes do seu tempo, assim como a relação próxima que mantinha com vários membros da família real.

Para além das famílias científicas com que Bocage se relaciona através do seu trabalho na Escola Politécnica, na Academia das Ciências e, depois, na Sociedade de Geografia, e da família política do Partido Regenerador da qual faz parte no seu quotidiano enquanto deputado e Par do Reino, a família Morato Roma apresenta um círculo de relações não desprezíveis. A família real, também frequentadora dos fins-de-semana em Sintra, passava pela Villa da família Roma, para cumprimentar a família do falecido Carlos Morato Roma (1797-1862).²⁴

Vários membros da família Roma ocuparam lugares de destaque na sociedade lisboeta. O patriarca Carlos Morato Roma, foi um reputado economista e fez parte da elite capitalista de Lisboa. António Maria Barbosa (1825-1892), genro

²² C. Nowell, *Op. Cit.*, 21 (tradução minha).

²³ C. Maia, *Op. Cit.* [14]. O livro, publicado em 1940, é uma compilação de histórias referentes às várias famílias que aí viveram e tem como título completo: *Memórias da Villa Roma. E das famílias que com a família Roma tiveram mais relações de parentesco e de amizade. Memórias e resumos genealógicos das famílias Teles de Meneses e Matos, da Ilha da Madeira.*

²⁴ «Dizia-me a minha Avó que várias vezes, El-Rei D. Fernando, ainda viúvo, entrava no pátio, e sentado numa das cadeiras, conversava bastante com meu Avô e tio Bocage, (...) ao passar no seu carrinho de pôneis, parava, e entrava, sentando-se a conversar com meus tios Bocage e Barbosa. (...) Outras tardes havia no mesmo pátio e sentados nessas cadeiras, grandes cavaqueiras entre meu tio o Dr. Bocage, o José Horta, o Dr. Tomaz de Carvalho, Latino Coelho e o irmão, os dois irmãos Carlos Bento da Silva, Manuel Bento, e Silva Túlio, e nos primeiros tempos algumas vezes o célebre Alexandre Herculano, aos quais nós, os pequenos, escutávamos com muita atenção nas suas curiosas e sábias discussões. Mais tarde, quando já meu tio Bocage tinha deixado de ser ministro, vinham muitas vezes conversar com ele e mesmo tomar conselhos sobre política, o António de Serpa e Senhora, e o célebre João Franco Castelo Branco (...), e pouco depois ainda meu tio, já cego, teve a respeito de conversas com o Franco, de escrever uma carta que ficou célebre sobre política, dirigida ao ministro de então, o Festas, como chamavam ao General Pimentel Pinto, ministro de Guerra.» in C. Maia, *Op. Cit.* [14], 12-13.

de Bocage, foi um reputado médico da corte e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Mais tarde, o filho de José Vicente Barbosa du Bocage, Carlos Roma du Bocage (1853-1918) teve um papel importante na diplomacia externa portuguesa, fazendo parte, por exemplo, da comitiva portuguesa na Conferência de Berlim, em 1884-85.

Entre as várias representações de Barbosa du Bocage publicadas há marcas distintivas do seu contexto de produção. Ainda assim, todas enfatizam o mesmo traço de carácter: a distância e a abnegação. Esta identidade foi construída por Bocage para se modelar a um ideal específico de desinteresse, uma *persona* que intensifica traços de carácter (possivelmente já existentes) e os revela como analogia a uma conduta moral e a um posicionamento ético partilhado pela República das Letras.

Construir uma *persona* não significa fingir ou mascarar uma agenda escondida. Pelo contrário, significa viver a fundo determinado ideal. Neste caso, parece-me, é esta mesma identidade que permite, não só aceder a uma comunidade, como desenvolver uma investigação *objectiva* da natureza. Deste ponto de vista, a filosofia natural não procura causas, mas sim as estruturas por detrás do visível. O próprio Bocage quando afirma: «Não me falta abnegação e desinteresse para ceder, sem a menor dificuldade, o meu lugar ao mais digno»,²⁵ apesar de dramatizar, não está a ser excessivo, mas sim a transmitir o poder da sua vontade em ser querer ser *objectivo*. O livro *Objectivity*, de Lorraine Daston e Peter Galison²⁶ é, para além de um estudo de história epistemológica, um ensaio sobre o poder do ideal de *objectividade* sobre a comunidade dos «cientistas» no século XIX. A repercussão do vocabulário kantiano, e a sua interpretação específica ao longo do século XIX, examinada neste livro é visível através deste estudo de caso em concreto. Barbosa du Bocage construiu a sua identidade como «zoologista» cumprindo com intensidade o ideal de *objectividade*, de *desinteresse* e de *distância* que convém a quem pretende contribuir para o conhecimento da natureza.

²⁵ Cf. AHMB DIV.97, Manuscrito de José Vicente Barbosa du Bocage para o Director Geral da Instrução Pública (19 de Maio de 1865) [transcrição completa em Anexo]

²⁶ Lorraine Daston e Peter Galison, *Objectivity* (New York: Zone Books, 2010).

3. Do Funchal a Lisboa

Neste capítulo descrevem-se alguns acontecimentos do percurso de Barbosa du Bocage desde a sua infância na ilha da Madeira, até ao início da sua vida de adulto quando se estabelece em Lisboa como médico dos hospitais e como professor na Escola Politécnica. Abrange-se o período entre 1823 e 1857, acompanhando o trajecto entre o núcleo familiar madeirense e as suas ligações familiares e extrafamiliares na ilha atlântica, até às ligações de Barbosa du Bocage com a família Morato Roma, e à sua primeira publicação em zoologia taxonómica, que lançará o seu percurso como investigador e naturalista.

Raízes Atlânticas

José Vicente Barbosa du Bocage nasceu no dia 2 de Maio de 1823, no Funchal, na ilha do Madeira. O seu pai, João José Barbosa du Bocage, primo do famoso poeta Maria Manuel Barbosa du Bocage, foi um funcionário administrativo e casou no Funchal com Josefa Teresa Ferreira Pestana com quem teve dois filhos. O primeiro filho, João, não sobreviveu até à idade adulta. O segundo filho, José Vicente, veio a tornar-se uma figura proeminente do seu tempo, em Portugal e no estrangeiro, graças à reputação científica que os seus trabalhos com as colecções zoológicas do Museu de Lisboa lhe trouxeram.

Se a linha paterna ofereceu a José Vicente Barbosa du Bocage a partilha do nome Barbosa du Bocage com o poeta de Setúbal, a família de sua mãe ofereceu-lhe ligações igualmente importantes na política e educação científica. Josefa Ferreira Pestana, era irmã do general José Ferreira Pestana (1795-1885) que foi, para além de Lente da Universidade de Coimbra, Ministro do Ultramar, Governador-geral da Índia e nomeado Par do Reino, uma das personalidades de destaque na ilha da Madeira, sobretudo ligado às ideias liberais que, como à sua restante família, lhe

custaram alguns anos de degredo em Angola, tendo saído clandestinamente de Luanda para o Rio de Janeiro, onde «estabeleceu um colégio de que foi director».²⁷

Em 1828, logo após a declaração de soberania de D. Miguel nas Cortes, houve uma rebelião na ilha da Madeira que foi alvo de uma devassa contra uma lista de muitas dezenas de homens supostos «partidários do liberalismo». Na colecção *Documentos para a historia das Cortes Geraes da Nação Portuguesa*²⁸, aparece o nome de João José Barbosa du Bocage na lista de pronunciados²⁹. Desta lista de nomes, muitos foram presos ou desertaram. No caso da família Barbosa du Bocage, sabemos que se conseguiram reunir no Rio de Janeiro com José Ferreira Pestana.

A instabilidade política em Portugal na primeira metade do século XIX é visível no percurso inicial deste jovem madeirense. Nos seus primeiros anos de vida a sua família exilou-se no Brasil e é só depois de D. Miguel abdicar do trono que a família volta à Madeira, onde Barbosa du Bocage terá frequentado o liceu do Funchal para terminar os seus estudos liceais.³⁰ Para prosseguir estudos, José Vicente parte para o continente, rumo à Universidade de Coimbra, onde o seu tio José Ferreira Pestana tinha antes sido Lente.

José Vicente Barbosa du Bocage frequenta a Faculdade de Medicina em Coimbra e conclui o Bacharelato em Medicina em 1846, em nova época de convulsões sociais e políticas, durante a rebelião da Patuleia. Enquanto estudante da Universidade, Barbosa du Bocage vai fazer parte do Batalhão Académico formado para se opor às tropas do Marechal Saldanha. Este episódio ilustra como as aparentes contradições desta época desafiam qualquer simplificação: Barbosa du Bocage, vindo de uma família liberal que teve de fugir de D. Miguel vai, neste momento específico, voluntariar-se para servir no batalhão do General Póvoas, um convicto miguelista. De facto, a revolta da Patuleia uniu extraordinariamente tanto

²⁷ Padre Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense* Vol.2 (Funchal: Tipografia “Esperança”, 1921) 46.

²⁸ Câmara dos Senhores Deputados (Coord.), *Documentos para a historia das Cortes Geraes da Nação Portuguesa*, vol.5 (Lisboa: Imprensa Nacional, 1883-1891) 478-484.

²⁹ Esta lista, para além de implicar o pai e o tio de José Vicente Barbosa du Bocage como adeptos do liberalismo, mostra também o nome de outro eminente madeirense, António Aluisio Jervis de Athougua (1797-1861), Lente de Matemática da Escola Politécnica e que se cruzará com Bocage em Lisboa, vinte anos depois.

³⁰ P. F. Silva, *Op. Cit.* [27] 243-244.

setembristas como miguelistas, na luta contra os princípios da Carta e à sua imposição pelos Cabrais, associados a D. Maria II e ao Marechal Saldanha.³¹

Mais tarde, em 1888, e de viva voz, Bocage descreve este seu envolvimento, em sede da Câmara de Pares do Reino:

[O sr. Bocage:] embora liberal convicto, nunca sustentou as idéas que o bonet phrygio representa; quanto á accusação de revolucionario, não a declina, porque não renega o seu passado; foi revolucionario, e não se envergonha de o haver sido.³²

Depois dos estudos em Coimbra e do confronto com o complexo momento político que se vivia em Portugal continental, Bocage regressa à Madeira. De volta a casa de seus pais, o clima social turbulento manifesta-se de novo. Num episódio descrito no “Elogio Histórico...” de Baltasar Osório, a casa da família Bocage sofre um apedrejamento popular por estar a abrigar um *patuleia*. Osório conta que é depois deste incidente que Bocage «veio para Lisboa, procurar a consideração que os seus inimigos lhe tinham regateado. Em breve a encontrou, mas não sem que novamente a política adversa lhe manifestasse que o não tinha esquecido.»³³ Aqui, Osório refere-se a quando, em 1848, já em Lisboa, Bocage concorre a um lugar na Escola Politécnica. Este foi um novo episódio de confronto entre Bocage e o poder político que o Duque de Saldanha mantém durante este período.

Em 1848, a Escola Politécnica abre um concurso para Lente Substituto da 8ª Cadeira, *Anatomia e Fisiologia Comparada*, e sobe ao governo um pedido do Conselho da Escola para a aceitação do candidato José Vicente Barbosa du Bocage, Bacharel em Medicina, para o lugar. Este pedido é recusado. O candidato Barbosa du Bocage não é considerado a concurso, com a justificação de que fora apenas apresentado um único candidato e que isso seria contra o normal procedimento. Dada esta situação, que coloca em causa não só o funcionamento da Escola Politécnica mas também a sua autonomia, dá-se uma acesa discussão na Câmara dos Deputados do Reino. A situação parece revelar uma intromissão de um

³¹ A. H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Vol. 2 (Lisboa: Palas Editores, 1977) 98: «A Revolução da Maria da Fonte – também chamada Patuleia na sua segunda fase, de «pata ao léu», o que revela o seu carácter popular – teve características muito complexas. Conjugou diversas forças contraditórias, que incluíam antigos absolutistas e partidários de D. Miguel, radicais esquerdistas, moderados e até cartistas da Direita revoltados contra a violência dos métodos cabralistas e a corrupção infrene do regime.»

³² Cf. *Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino* (30 de Janeiro de 1888) 125.

³³ B. Osório, *Op. Cit.* [1], 12.

desentendimento político numa área considerada como devendo ser independente de tais referências. De facto, as razões para a recusa em considerar Barbosa du Bocage são abertamente relacionadas com o seu anterior envolvimento político, durante o momento da Patuleia:

A Escóla, (...) logo aprovou unanimemente (e peço que a Camara note este facto) as habilitações da sua moralidade. Pouco depois, marcando-se o dia para as provas públicas, apresentou-se elle perfeitamente bem, porque saiu triumphante, passando pelo exame com aplauso geral das pessoas que o ouviram; e tão completamente satisfeitos ficaram os Membros da Escóla, que logo approvaram unanimemente este Candidato, e logo passaram a fazer a proposta de Consulta, que subiu ao Ministerio de Guerra. Mas nesta proposta apenas se achava o nome do Sr. Bocage, porque nenhum outro, senão elle, havia satisfeito ás exigências scientificas procuradas pelo Corpo Cathedratico: e sendo assim, não havia logar a optar. (...) Se pois nelle se dão as habilitações scientificas, e se elle é dotado de bons costumes, o que se segue é que a exclusão que se fez d'elle não foi por outros motivos, senão pelos da política (Apoiados); por quanto é forçoso confessar, que elle se tinha alistado debaixo das bandeiras da Junta do Porto.³⁴

Torna-se claro como o percurso dos primeiros anos de Bocage se cruza entre a sua carreira pessoal, académica e profissional, e é indistinto do que se passa a nível político no país. A vida de Bocage acompanha a maturação do processo da regeneração política do país. A sua infância é marcada nos anos 1820 pelas lutas liberais, na sua adolescência vai viver as convulsões das décadas de 1830 e 40, e começa a sua vida adulta, em Lisboa, em pleno início das mudanças políticas da Regeneração que veio, finalmente, trazer alguma constância à vida portuguesa. Afigura-se difícil distanciar o percurso de vida deste jovem madeirense das circunstâncias históricas que viveu. As suas raízes atlânticas, numa família liberal providenciaram-lhe um turbulento início de vida, mas também as bases para seguir o seu caminho em Lisboa, mantendo o acesso a círculos das elites intelectuais e políticas.

Alguns meses depois, o concurso dá-se por resolvido e o jovem Barbosa du Bocage é contratado como Lente Substituto da 8ª Cadeira da Escola Politécnica, enquanto o Lente Proprietário era Francisco de Assis de Carvalho (1789-1851).

³⁴ Cf. *Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino* (14 de Março 1849) 306.

A 8ª Cadeira da Escola Politécnica

Em 1849, quando Barbosa du Bocage se candidata à Escola Politécnica, a 8ª Cadeira não era ainda de *Zoologia e Antropologia*. Tinha o título de *Anatomia e Fisiologia Comparada* e existia como complementar à *Aula de Introdução à História Natural*, uma aula de Zoologia que funcionava no Museu da Academia das Ciências, seguindo a tradição anterior do *Instituto Maynense*.³⁵ A transição entre as aulas dadas na Academia e as que passaram a existir na Escola Politécnica foi gerida por Assis de Carvalho:

Um medico illustre, antigo discipulo da Universidade de Coimbra, o dr. Francisco Assis de Carvalho (...) encarregado pela Academia Real das Sciencias de reger a cadeira, que esta mantinha, de zoologia e anatomia comparada (desde 1836), cadeira que então se considerava preparatória para os cursos da eschola medico cirurgica, foi quem tomou sobre si o encargo de reavivar os estudos de historia natural no nosso paiz, decahidos e abandonados durante o periodo tormentoso de revoltas, guerras e perseguições odientas, em que o paiz se debateu desde 1807 a 1836.³⁶

Ao mesmo tempo que é responsável pela cadeira na Academia das Ciências, Assis de Carvalho é Lente Proprietário da 8ª Cadeira da Escola Politécnica também desde 1848. Segundo documentação sobre a transferência das colecções da Ajuda para o edifício e a tutela da Academia das Ciências em 1836, o Bacharel Assis [Francisco Assis de Carvalho] já estava ligado à organização das colecções de história natural de Lisboa.³⁷

Para além do ensino de História Natural na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, o ensino do conhecimento sobre a natureza no início do século XIX, em Lisboa, era ainda desconexo. Para um olhar sobre o processo de estruturação deste ensino na capital, leia-se a transcrição seguinte do discurso de um dos conhecidos impulsionadores do projecto da Escola Politécnica, o Visconde de Sá da Bandeira, na Câmara dos Pares em 28 de Janeiro de 1845:

[O Digno Par] observou que a Cadeira de Zoologia existente na Academia das Sciencias estava completamente isolada, e não em relação a outros estudos; que para tirar o proveito

³⁵ Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001) 514-515.

³⁶ V. Ribeiro, Op. Cit., 8.

³⁷ Francisco de Assis de Carvalho é mencionado como responsável pela Comissão encarregada da mudança do Museu Nacional em vários documentos do AHMB. Para mais pormenores acerca do atribulado processo de transferência das colecções vejam-se os documentos AHMB DIV24-DIV31e.

conveniente da mesma Cadeira, era necessário reuni-la à Escola Polytechnica. Que a História natural era uma sciencia hoje extremamente desenvolvida nos seus diferentes ramos, havendo a Anatomia e a Physiologia comparada feito progressos immensos nestes ultimos quarenta anos, os quaes serviam de base à Zoologia. Que não era necessario haver naquella Escóla duas Cadeiras absolutamente idênticas, uma vez que a da Academia para alli fosse transferida, e por isso podia destinar-se uma dellas para Anatomia e Physiologia comparada.³⁸

A Aula de Historia Natural da Academia era herdeira da *Aula de História Natural* do Instituto Mainense e durante os primeiros anos estava ligada às aulas e ao curso de *Introdução à História Natural* oferecido aos alunos da Escola Politécnica. Como consta nas Actas do Conselho da Escola Politécnica, o *museu* que a Escola Politécnica usava para as aulas não era suficiente para o ensino prático e o Lente Assis de Carvalho propõe, em 1848, relacionar as aulas dadas na Escola Politécnica com os materiais disponíveis no Museu Nacional (na Academia das Ciências):

O Sr. Assis: que lhe parecia que a Escola não tinha Museu assás rico para satisfazer a todas as exigencias do ensino de Zoologia, que por isso, estando o Museu Nacional mais nas circunstancias convenientes, perguntava se haveria alguma razão que obstasse a que a aula de Zoologia fosse dada no edificio do citado Museu enquanto outras aulas da Escola andavam também dispersas. Que se nisto não houvesse inconveniente ele tinha agora ocasião de promover que o Museu Nacional lhe fosse para isso franqueado.³⁹

Nesta sessão do Conselho da Escola Politécnica os lentes discutem a renovação do ensino da Zoologia e Assis de Carvalho manifesta-se simultaneamente enquanto lente da Escola Politécnica e como responsável pelo ensino das aulas de zoologia da Academia das Ciências. Mesmo assim, Assis de Carvalho não considera que seja exequível que a Academia ceda as suas colecções para o ensino da Escola Politécnica.

³⁸ Cf. *Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino* (29 de Janeiro de 1845) 1.

³⁹ AHMCUL, Actas do Conselho da Escola Politécnica, Sessão de 24 de Março de 1848, Livro 4, pág. 13. [continuação da transcrição:] «O Sr Costa: que o Museu da Escola é na verdade pequeno em comparação das necessidades todas da ciência mas que ele supunha haver quanto era bastante para as exigencias impreteriveis do ensino: que por outro lado entendia ser sumariamente perigoso para a escola desanexar de si qualquer cadeira, pois que podia isso dar pretexto para outras desanexações ate que a escola dividida e mutilada deixasse de ser o que é e o que deve ser. Que por isso mais vantajoso julgava aproveitar os esforços do Sr Assis para conseguir que o Museu Nacional cedesse alguma coisa em favor do Museu da Escola. Sr Assis: que não deseja desmembrar a Escola mas que vendo muitas cadeiras dispersas não duvidara propor que mais outra se dispersasse para assim aproveitar as vantagens que ao ensino oferece o uso do Museu Nacional. (...) com referencia ao que dissera o Sr Costa ele (Sr Assis) declarava ter por impossível qualquer cessão do Museu Nacional» (ênfase meu). Nesta declaração final Assis confirma que o ensino prático da zoologia podia ser auxiliado com as colecções existentes na Academia, mas que essas colecções não seriam de bom grado emprestadas, preferindo a Academia continuar a providenciar o espaço para os alunos da Escola Politécnica ao invés de, por exemplo, ceder colecções.

A necessidade de aliar ensino prático às aulas da Escola Politécnica faz perceber como estava, por um lado, ainda mal definida a 8ª cadeira e, por outro lado, como, em 1848, estavam subaproveitadas as colecções de história natural pertencentes à tutela da Academia das Ciências e ao seu Museu Nacional. A organização das colecções de história natural disponíveis para estudo e investigação revela-se fundamental para o desenvolvimento do ensino das ciências naturais e da zoologia em particular.

É neste contexto de funcionamento das aulas na Escola Politécnica que Bocage se torna Lente Substituto na Escola Politécnica e toma contacto com o ensino da Anatomia Comparada e da Zoologia e com o curso de Introdução à História Natural. Nos anos seguintes, em 1851, quando falece Francisco Assis de Carvalho, Bocage passa de Substituto a Lente Proprietário da 8ª Cadeira da Escola Politécnica e assume ainda o papel, que também é deixado vago, de agente de mediação entre a Academia das Ciências e a coordenação das suas colecções e o ensino na Escola Politécnica. Mais tarde, em 1853, quando se torna sócio efectivo da Academia das Ciências, verifica-se o seu investimento no estudo e organização de colecções zoológicas. Não caberá aqui um estudo detalhado sobre o funcionamento do ensino das ciências na Escola Politécnica⁴⁰. No entanto, será importante esclarecer a transição de Barbosa du Bocage da área da *Medicina* para a da *Filosofia*. Mesmo se as motivações pessoais ou as particularidades do evento não nos sejam disponíveis, há no seu percurso uma alteração de caminho, onde se encontram marcas de como este tipo de transição pode ser normalmente facilitada ou até catalisada pela presença de actores que fazem parte em simultâneo das várias redes, grupos ou campo de acção em que Barbosa du Bocage se movimenta.

Uma Nova Família em Lisboa

Quando o jovem José Vicente vai estudar para a Universidade de Coimbra – o seu tio José Ferreira Pestana tinha sido lá Lente de Cálculo na Faculdade de Matemática; agora, quando vai para Lisboa para concorrer à Escola Politécnica, encontra-se também em Lisboa o Lente de Matemática da Escola Politécnica

⁴⁰ Sobre a fundação e o projecto de ensino da Escola Politécnica ver o recente artigo: Luis Miguel Carolino, “The making of an academic tradition: the foundation of the Lisbon Polytechnic School and the development of higher technical education in Portugal (1779-1837)”, *Paedagogica Historica*, 48 (2012) 391-410.

António Aluísio Jervis d’Athouguia, que tinha sido pronunciado no Funchal em 1828, por rebelião contra o poder de D. Miguel, juntamente com José João Barbosa du Bocage, seu pai. Chama-se aqui a atenção para as redes de afinidade de origem madeirense. Assim como a sua ida para Coimbra poderá ter sido impulsionada ou mesmo facilitada pelo facto de seu tio ter sido lá professor, a ida do bacharel Bocage para Lisboa com o propósito de se candidatar a professor na Escola Politécnica poderá ter sido influenciada ou facilitada pela relação com um dos professores.

Esta hipótese não pretende fazer apenas relevar o papel das relações pessoais ou o sentimento regionalista de protecção em vários episódios da vida de Bocage, mas fazer notar como qualquer relação pessoal mais ou menos íntima, pode influenciar o percurso de um indivíduo em determinado momento político. Apesar de ser um tema delicado e de difícil investigação, na historiografia recente o tema das redes pessoais tem-se mostrado útil para a compreensão da construção e definição de determinada *persona* científica.⁴¹



Figura 4. Teresa Roma Bocage, em 1858. [in C. Maia, *Memorias da Villa Roma*, 164]



Figura 3. José Vicente Barbosa du Bocage, em 1858. [in C. Maia, *Memorias da Villa Roma*, 164]

Passado pouco tempo de ter chegado a Lisboa, José Vicente Barbosa du Bocage casa com Teresa Morato Roma a 2 de Maio de 1851, no dia do seu vigésimo-oitavo aniversário, formando uma nova família e estabilizando a partir

⁴¹ Deborah R. Coen, “A Lens of Many Facets. Science through a Family’s Eyes”, *Isis* 97 (2006) 395-419.

daqui os seus interesses profissionais. Se se procurar uma coincidência entre as suas relações e as da família Morato Roma, naturalmente cai ao Conde de Casal Ribeiro o papel de elo entre Bocage e Teresa Morato Roma. José Maria Casal Ribeiro é ao mesmo tempo um ex-colega da Universidade de Coimbra e um amigo da família Roma.⁴²



Figura 6. Família Roma reunida na Villa Roma em Sintra, em 1861. Em pé, a partir da esquerda: António Maria Barbosa, Caetano Degeant (amigo da família), José Inácio Machado de Faria, José Vicente Barbosa du Bocage e Teresa Roma du Bocage. Sentados: Emília Roma Barbosa, Carlos Morato Roma, Maria Carolina Roma, Carlos Roma du Bocage, Maria José Roma e Paulina Roma Machado. [in C. Maia, *Memorias da Villa Roma*, 111]

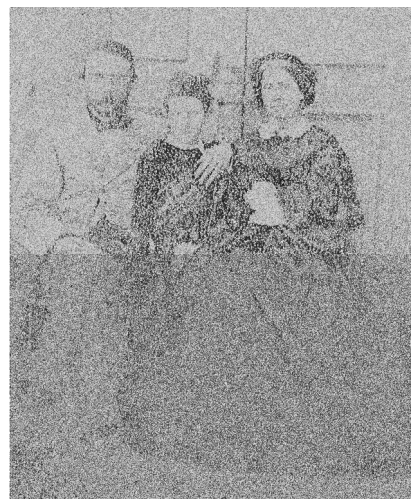


Figura 5. Família Roma Bocage em 1860: José Vicente Barbosa du Bocage, Teresa Roma e o filho Carlos Roma du Bocage. [in C. Maia, *Memorias da Villa Roma*, 168]

Neste período, para além de Lente da 8^a Cadeira da Escola Politécnica, Bocage começou a conhecer melhor o papel das colecções científicas de zoologia e a perceber como as poderia aumentar e como poderia desenvolver o conhecimento associado à fauna portuguesa e das colónias, ambas praticamente desconhecidas na comunidade científica internacional. Começa então uma carreira extraordinária como zoólogo, reestruturando e modernizando a zoologia em Portugal.

A Cabra do Gerês

Entre 16 de Outubro de 1856, quando apresentou e leu a sua «Memoria sobre a cabra-montez da serra do Gerez» à 1^a classe da Academia das Ciências e a publicação, meses mais tarde, desse mesmo trabalho, nos *Annaes das Sciencias e das Letras*, e nas *Memorias da Academia*, José Vicente Barbosa du Bocage modificou a sua opinião quanto à identificação de uma nova espécie. Estas duas publicações

⁴² C. Maia, *Op. Cit.* [14], 75.

são semelhantes e, apesar de publicadas em dois lugares distintos, podem ser analisadas como uma só. Ambas assumem uma *precipitação* em determinar uma nova espécie de *Capra* L. e que foi apenas notada *a posteriori*.

Quando a sua «Memória sobre uma espécie nova do genero *Capra* L., a Cabra-Montez da Serra do Gerez, em Portugal» é finalmente publicada pela Academia das Ciências, a 5 de Fevereiro de 1857, Barbosa du Bocage apresenta-a tal qual a proferiu mas acrescenta-lhe um posfácio com as suas mais recentes conclusões acerca da caracterização da cabra-montês da Serra do Gerês, contraditórias às expectativas que expressou na apresentação pública que tinha feito.⁴³ Apesar de não ter alterado o título da sua comunicação na Academia, ao assumir uma posição anterior e ao corrigi-la, num aditamento, dentro da mesma publicação, Bocage permite-nos acompanhar, nas palavras de Bruno Latour, a sua «ciência em acção»⁴⁴, abrindo o véu para o procedimento de dúvida metódica que acompanha o trabalho científico.

Este pequeno episódio permite observar a complexidade implicada na zoologia descritiva ou sistemática em avançar com novas descrições ou mesmo em definir uma nova espécie que possa ser acolhida pela comunidade internacional. Mas também permite reflectir sobre quão distantes estavam as colecções de Lisboa das existentes em Coimbra. Percebe-se como ainda era mais simples para Barbosa du Bocage, nesta altura, aceder à informação livresca sobre taxonomia deste género de mamífero, do que de se correlacionar com os várias colecções disponíveis em Portugal. De facto, uma colecção só está disponível para estudo se estiver organizada em catálogos, isto é, se se traduzir em *informação* comparável. Neste momento histórico, as colecções portuguesas mesmo que muito relevantes para a construção de uma história natural europeia ou nacional, estão dispersas e não se encontram ainda coordenadas como seria desejável.⁴⁵ É este o projecto de vida que vai definir o percurso de José Vicente Barbosa du Bocage.

⁴³ José Vicente Barbosa du Bocage, “Memoria sobre uma espécie nova do genero *Capra* L., a Cabra-Montez da Serra do Gerez, em Portugal”, *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Classe de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*. Nova Série. Tomo II, Parte I (1857) 1-20.

⁴⁴ Bruno Latour, *Science in Action: How to follow scientists and engineers through society*, (Cambridge: Harvard University Press, 1987).

⁴⁵ Mesmo se o museu que se estabeleceu sob tutela da Academia das Ciências ficou aquém do desejado, pois «não tinha salas próprias para acomodação daquele estabelecimento: o que aumentara as dificuldades no conseguimento de grandes resultados», a intenção era, já na década de 1830, de começar uma sistematização das colecções que só se poderia alcançar com a

Entre a exposição oral e as publicações, Bocage teve a oportunidade de se confrontar com diferentes espécimes e com diferentes opiniões. Se primeiro tinha como recurso os exemplares da colecção real e as obras científicas já publicadas sobre o género *Capra* L. e disponíveis na Biblioteca da Academia, num segundo momento Bocage recorre a mais exemplares presentes noutras colecções, nomeadamente a de Coimbra, e ao contacto directo com os principais autores que escreveram sobre esta espécie.

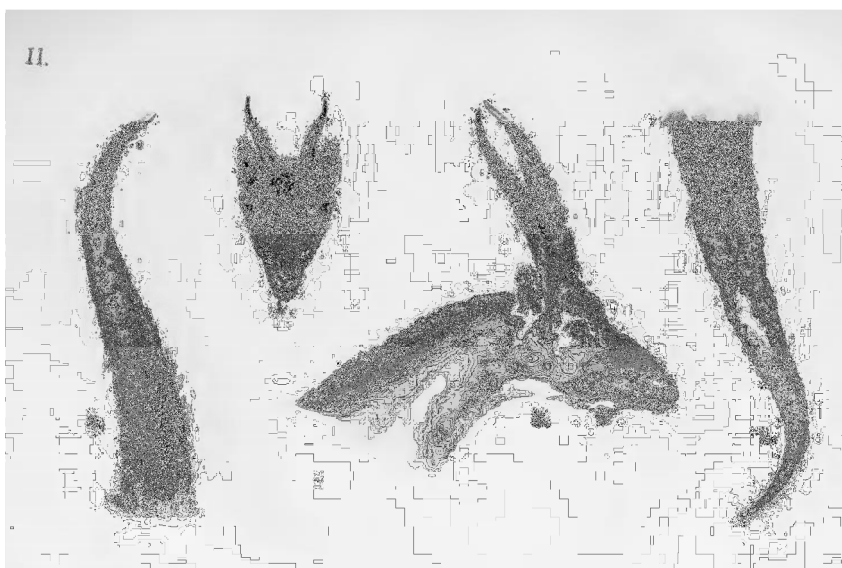


Figura 7. “Estampa II” publicada em anexo à “Memória sobre uma espécie nova do género *Capra* L., a Cabra-Montez da Serra do Gerez, em Portugal”, 1857.

O âmago desta publicação é a comparação com descrições anteriores das espécies deste género, que ocorrem em várias cadeias montanhosas da Europa. Cada autor de uma fauna local, identifica genericamente espécies dentro da família *Capra* e, conseqüentemente, sugerem localmente espécies autónomas dentro do género. Assim, para Bocage, analisar a «Cabra do Gerez» consiste em confrontar a sua descrição com as anteriores *Capra ibex*, L.; a *Capra pyrenaica*, Shinz. e a *Capra hispanica*, Schimper, estabelecendo uma tabela comparativa, com a súmula das várias descrições e com as características distintivas das três espécies

criação de uma instituição central onde se reunisse toda a informação: «Pelo decreto de 27 de agosto [de 1836], foi o Museu de Historia Natural, existente na Ajuda, incorporado no da Academia Real das Sciencias de Lisboa; não só para uso das prelecções da aula de zoologia e anatomia comparada, ali estabelecida, mas tambem para que ficasse patente ao publico no centro da capital, a fim de offerecer aos estudiosos os meios faceis de applicação.» in José Silvestre Ribeiro, *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia* (Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1879), 207 (ênfase meu).

identificadas.⁴⁶ Para esta comparação Bocage recolhe os dados que dizem respeito a quatro caracteres: o comprimento, a cor do pêlo, a 'barba' e os cornos, destacando as características dos cornos da fêmea (um dos caracteres que, segundo Bocage, poderia ser distintivo).

Depois da comunicação pública na Academia, é elaborado um parecer⁴⁷ da Secção de História Natural da Academia Real das Ciências de Lisboa, sobre a memória apresentada por Barbosa du Bocage, assinado por João Andrade Corvo (relator), José Maria Latino Coelho e José Maria Grande. Neste relatório, para além dos elogios ao estudo do consócio, levanta-se uma dúvida e propõem-se uma recomendação ao autor:

As dimensões da espécie *hispanica* e *lusitanica* diferem tão pouco, que se pode essa diferença atribuir a um caracter dos indivíduos observados e não da espécie. (...) Com isto não queremos dizer que a espécie *hispanica* nos parece ser a mesma que a *lusitanica*, julgamos porem necessária a comparação dos diferentes caracteres das duas especies. Pedimos ao sr. Bocage que complete o seu interessantissimo trabalho; observando mais alguns exemplares de cabra do Gerez. O Museu da Universidade possui exemplares de cabra *lusitanica* de diversas edades e ahi pode vêr-se que muitos dos caracteres variam com os anos alem das variações que resultam da estação em que se observam os indivíduos.⁴⁸

Ainda que Bocage não faça referência na obra publicada a este comentário dos seus consócios na Academia e colegas na Escola Politécnica, percebe-se que, quando chega à estampa, a Memória incluía um *aditamento*. Neste posfácio, Bocage inclui a nova informação que conseguiu adquirir através da visita às colecções da Universidade de Coimbra e também a partir do contacto com dois naturalistas ligados a dois museus europeus. Assim, em vez de voltar a citar publicações impressas, Bocage inicia relações mais próximas com naturalistas já reputados

⁴⁶ Referências que Bocage retira de "Description et histoire naturelle du bouquetin des Alpes de Savoye par Berthout van Berchen", in Histoire et memoires de la société des sciences physiques de Lausanne (Lausanne, 1789); Nouveaux memoires de la Société helvétique d'histoire naturelle, (Neuebatel, 1838); Comptes-rendus de l'Academie des Sciences de Paris (Paris, 1848); François Désiré Roulin, "Chèvre", in D'Orbigny, Dictionnaire Universelle d'Histoire Naturelle (Paris, 1849).

⁴⁷ BACL, Manuscrito inserto no Processo Académico de José Vicente Barbosa du Bocage.

⁴⁸ «À Academia será fácil enriquecer o seu Museu não só com indivíduos da espécie do Gerez, senão também, com indivíduos obtidos por troca ou por compra da espécie que habita as serras de Hespanha, e deste modo o sr Bocage poderá completar a sua obra. A memória bem elaborada do nosso socio, faz-nos perceber a necessidade que a sciencia tem de uma monografia da curiosa e singular género Capra. Encontram-se nos museus da Europa elementos para este trabalho.» [mencionam ainda que o estudo é «digno de ser impresso» e que as suas «bellas estampas» corroboram na utilidade que apresenta a sua divulgação] in BACL, *Op. Cit.* [47](ênfase meu).

internacionalmente e contacta directamente Wilhelm Schimper, director do Museu de Strasbourg⁴⁹ e Mariano de la Paz Graells, director do Museu de Madrid⁵⁰.

Assim entre a primeira apresentação pública e a publicação deste trabalho, torna-se visível a importância do recurso a redes internacionais para legitimar e confirmar os resultados do estudo. Posteriormente confrontado com a informação que retirou dos exemplares da variante portuguesa desta espécie em Coimbra, Bocage acrescenta ao seu estudo essa nova descrição. O seu aditamento *altera a sua hipótese original*, abandonando a ideia de uma espécie distinta, na sequência do que aprendeu com a troca de ideias com os seus pares. No entanto, ao invés de reescrever o texto para publicação, Bocage não se separa da redacção original, em que argumenta a identificação de uma nova espécie:

pretendemos (...) fazer admitir a existência d'uma espécie distinta das actualmente conhecidas, e esperamos que nos darão razão os naturalistas que nos fizerem a honra de lêr o trabalho modesto que sujeitamos ao seu exame.⁵¹

Ao utilizar o texto anterior sem alterações, acrescentando um posfácio, a publicação “Memória” tem como característica ser um texto mais especulativo e que não corresponde ao formato de artigo científico, como o que irá acontecer posteriormente. Bocage abre ainda a porta a uma consideração metodológica:

Felizmente nas sciencias de observação os factos teem a preeminencia sobre o syllogismo, e as conjecturas, por melhores que sejam as razões em que se esteiem, não tem curso livre na sciencia, antes de receberem confirmação authentica que as legitime.⁵²

Esta declaração de um *ethos* próprio do trabalho do cientista da observação, aproxima Bocage de um ideal que ele quer atingir. Pelo uso da expressão *felizmente*, a contradição entre a hipótese inicial e as conclusões finais destas

⁴⁹ Wilhelm Philippe Schimper (1808-1880), foi professor de geologia na Universidade de Strasbourg e director do Museu de Strasbourg desde 1839.

⁵⁰ Mariano de la Paz Graells (1809-1898), foi membro fundador da Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales de Madrid. Dedicou a sua carreira científica ao estudo da fauna ibérica, e à reorganização do Museo de Ciencias Naturales de Madrid, desde 1838. Foi ainda o mentor de Laureano Arcas (um dos correspondentes internacionais de Bocage) Alberto Gomis Blanco, Ignacio Bolivar y las Ciencias Naturales en España (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1998) 16.

⁵¹ Bocage, *Op. Cit.* [43], 4-5.

⁵² José Vicente Barbosa du Bocage, “Noticia Zoologica Sobre a Cabra-Montez da Serra do Gerez”, *Annaes das Sciencias e das Letras*, 29 [sublinhado meu]. Esta repetição da publicação contém algumas mas poucas alterações do texto. O periódico *Annaes das Sciencias e das Letras* era publicado em Paris, mas produzido no seio da Academia das Ciências de Lisboa. Neste número encontram-se também artigos, por exemplo, de Andrade Corvo e Latino Coelho.

publicações dissipa-se para dar lugar a uma legitimação ainda mais profunda e carregada de autoridade ao método utilizado e à *confirmação* que conseguiu obter.

Para além de deixar transparecer o método de análise e comparação de fontes e de exemplares que caracteriza o trabalho em zoologia sistemática, este exemplo mostra como é fundamental uma troca de informações através de uma comunidade de especialistas, uma República das Letras activa na Europa e da qual Bocage vai fazer parte a partir deste momento. A referência à autoridade dos nomes de sábios e de instituições específicas do seu campo de saber (*logos*) é mais que um mecanismo retórico que serve para legitimar determinado discurso. Neste caso, é usada em dois momentos: primeiro são identificadas as fontes de referência para mostrar onde Bocage foi comparar os seus dados, mas no momento seguinte, de transformação da tese quase em antítese, o mesmo processo, de referência à autoridade, é usado para conduzir o autor a modificar a sua hipótese inicial e para corroborar essa alteração com a opinião de especialistas, comungando com eles uma total dedicação à discussão e validação do saber científico:

Para ter decidida esta questão de facto, resolvi recorrer a naturalistas que conhecessem bem a *C. hispanica*, e podessem, ajudados da descrição da cabra do Gerez, resolver facilmente as minhas duvidas. Mr. Schimper, o celebre conservador do museu de Strasburg, e o Sr. Graells, o illustre director do museu de Madrid, deviam ser os primeiros consultados: a elles me dirigi com effeito, e acolheram-me com a cortezia e cordialidade que distinguem os verdadeiros sabios. *Os esclarecimentos, que um e outro me prestaram, habilitam-me a aceitar com consciencia a opinião, por ambos unanimemente expressa, de que a cabra do Gerez se deve referir á C. hispanica.* (...)

Não ha portanto motivo para acrescentar uma especie nova da cabra-montez ao catalogo actual das especies europeas: comtudo, *o conhecimento exacto* do que seja a cabra do Gerez parece-me um facto de alguma importancia para a zoologia de Portugal.⁵³

Esta extensa citação demonstra o novo argumento para a legitimação deste trabalho, que Bocage sente necessidade de afirmar. Considera que o trabalho de descrição sistemática da fauna nacional e o seu «conhecimento exacto» são fundamentais para as bases da zoologia feita em Portugal e para a construção de uma ciência *nacional*. Neste sentido não se pode deixar de referir a importância que Bocage dá às descrições da fauna nacional até aqui existentes, produzidas por

⁵³ Bocage, *Op. Cit.* [43], 19 (ênfase meu).

H. F. Link e J. Hoffmannsegg⁵⁴. Na breve descrição feita pelos dois alemães, a cabra identificada na Serra do Gerês foi associada à *C. Aegagrus*. Apesar de apresentar as discordâncias entre esta descrição e a sua, Bocage não deixa de elogiar o esforço e dedicação de Link e Hoffmannsegg, por oposição a outras contribuições de viajantes naturalistas que «nos pagam com vituperios e affrontas immerecidas a hospitalidade sempre rasgada e generosa com que são acolhidos.» Bocage chega mesmo a ameaçar que «aos que modernamente os imitarem, responderão por nós os grandes dotes do character nacional, que tantas e tão repetidas injustiças de estranhos não poderam ainda destruir!».⁵⁵ A defesa de uma *ciência nacional* por oposição ao desprezo a que alguns estrangeiros votavam as características nacionais, é colocada aqui como uma clara questão de orgulho nacional. Numa época em que estão a ser discutidos os contornos do que define uma *nação moderna*, sobressaem naturalmente determinados comentários. A disciplina da história natural define-se, ao longo do tempo, acompanhando sempre os jogos de poder entre nações pequenas e nações grandes, entre centros e periferias. Defender a investigação *nacional* para que possa resultar na melhor determinação da fauna portuguesa, não é incompatível, antes pelo contrário, é reforçado, pela utilização das redes internacionais de legitimação do trabalho científico, que se pretende representar como global e objectivo.⁵⁶

Contudo, há ainda outro problema de zoologia descritiva que envolve a cabra do Gerês, e que serve de mais um pretexto para a defesa da importância do seu estudo e, em simultâneo, confere legitimidade ao estudo de Bocage mesmo se não contribuiu com uma novidade científica:

Esta disseminação, por logares tão distantes, de animais que vivem exclusivamente nas grandes altitudes, deve interessar mais fortemente o zoologista, sob o ponto de vista da geographia zoologica, do que a descoberta de uma especie nova.⁵⁷

Assim Bocage consegue reabilitar a sua nova conclusão, apresentando-a como um derivado de um assunto que é ainda mais interessante e capaz de gerar a

⁵⁴ Heinrich Friedrich Link (1767-1851) e Johann von Hoffmannsegg (1766-1849), naturalistas alemães publicaram Link et Hoffmannsegg, *Voyage au Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799* (Paris, 1808), tradução para o francês a que Barbosa du Bocage teve acesso.

⁵⁵ Bocage, *Op. Cit.* [43], 14-15.

⁵⁶ L. Daston, *Op. Cit.* [7], 367-386.

⁵⁷ Bocage, *Op. Cit.* [43], 19.

atenção internacional, a disciplina da geografia zoológica. Bocage convoca com esta publicação um discurso moderno e informado tanto a nível dos pares nacionais como internacionais, fazendo uma verdadeira contribuição para a disciplina científica da taxonomia, sublinhando os caracteres específicos de uma espécie encontrada também na fauna portuguesa e colocando-se numa área científica recente e para a qual vai contribuir ao longo da sua carreira, a zoogeografia.

4. O Museu Nacional de Lisboa, «uma obra eminentemente útil e civilisadora»

Coleccionar e organizar é, em si, um exercício de poder e de dominação que é extraordinariamente eficiente quando comparado com as tentativas de domínio e controlo sobre as coisas vivas.⁵⁸

Os Museus de História Natural podem ser estudados como *estrutura* de legitimação, controlo e estabilização de significados de determinada perspectiva construída sobre a natureza, na tradição dos grandes projectos de síntese de Plínio ou Gessner. No entanto, também podem ser interpretados como tendo *agência*, sendo um lugar privilegiado de representação, negociação e intermediação de poder. Por seu lado, as colecções de História Natural, isto é, a posse e a atribuição de valor e significado a determinado conjunto de objectos naturais, podem ser analisadas como exercícios de poder sobre o «invisível» que esses objectos representam, permitindo a afirmação de uma «posição dominante» em determinada situação cultural.⁵⁹

O que distingue o museu de outras instituições de conhecimento é a posse de objectos, e o acesso a eles, numa reificação do conhecimento e crescente mercantilização do seu valor. A constituição do museu no século XVIII como uma instituição aberta ao público, contribuiu para uma nova forma de poder que invoca uma ordenação do mundo. As colecções dos gabinetes, que outrora eram particulares ou de acesso privilegiado, passam agora a servir um bem comum e a representar a proficiência nacional nos mais recentes modelos interpretativos epistemológicos. A estabilização da ideia de museu durante o século XIX, contribuiu para a ideia contemporânea de Estado-Nação. Os museus nacionais surgiram como instituições de representação do poder e de reforço de identidade.

No século XIX, a organização das colecções e, por consequência, do espaço do museu, é fundamental para o estudo da natureza que depende agora mais da

⁵⁸ «Collecting and arranging is itself an exertion of power or dominance, one that is remarkably successful when compared to our attempts to dominate and control living things.» in Stephen T. Asma, *Stuffed Animals and Pickled Heads. The culture and evolution of natural history museums* (Oxford: Oxford University Press, 2001) 11.

⁵⁹ Ver também Krisztof Pomian, “Colecção”, in *Enciclopédia Einaudi*, Vol.1 (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984) 51-86.

presença dos exemplares do que do acesso à sua descrição através de livros, ou outras publicações. O museu zoológico torna-se um espaço de representação da ciência zoológica; mais ainda, com o aumento crescente de colecções e do custo da sua manutenção, torna-se um repositório de interesse nacional acompanhando a construção das ideias que fundamentam o estado-nação. A pesquisa das ciências naturais passa a ser considerada ao nível nacional: o estudo e publicação das floras e faunas nacionais vai crescendo ao longo do século XIX, mas é o crescimento exponencial de colecções, dos objectos de estudo eles mesmos, que propulsiona o desenvolvimento e a sofisticação dos saberes disciplinares. A criação de museus zoológicos com laboratórios a eles associados, como foi o caso da Escola Politécnica, foi um primeiro passo para o desenvolvimento e a especialização da biologia.⁶⁰

Este capítulo pretende apresentar as iniciativas que Barbosa du Bocage realizou ao longo dos primeiros anos enquanto director da secção zoológica do Museu de Lisboa, desde a incorporação das colecções zoológicas nacionais na tutela da Escola Politécnica e sob sua responsabilidade, até à consolidação do que foi um novo programa para o Museu de Lisboa. Tomam-se como fontes três relatórios publicados por Barbosa du Bocage, ao longo do seu trabalho com as colecções zoológicas, onde se encontra expressa uma agenda para o posicionamento estratégico do Museu Nacional de Lisboa. Uma análise da retórica destes textos mostra a construção da identidade da secção do museu e a construção do *ethos* do seu director. O investimento de Bocage centrar-se-á na internacionalização da importância das colecções de Lisboa e na potenciação da investigação permitida por uma nova organização do museu e das suas colecções. As colecções zoológicas de Lisboa vão, em poucos anos, aparecer na rede internacional de discussão científica taxonómica como um nodo fundamental, principalmente no que diz respeito à investigação feita sobre espécies da fauna africana.

⁶⁰ Lynn K. Nyhart, "Natural history and the 'new' biology", in N. Jardine, J. A. Secord and E. C. Spary (Eds.), *Cultures of Natural History* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996) 426-443.

Do Museu Real ao Museu Nacional de Lisboa.

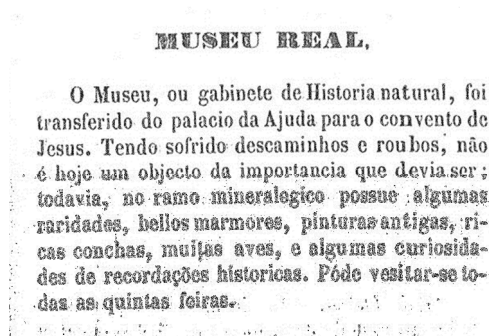


Figura 8. Pequena Guia de Lisboa (Lisboa: Typographia da Casa Catholica, 1892) 50.

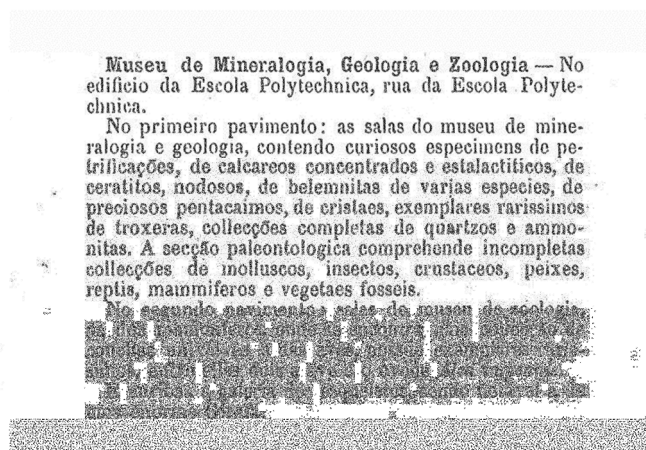


Figura 9. Novo Guia do Viajante em Lisboa e seus arredores, Cintra, Collares, e Mafra. Ornado com algumas vistas dos principaes monumentos de Lisboa (Lisboa: Na Loja de Livros de J. J. Bordalo, 1853) 61.

Em 1857, as colecções zoológicas existentes em Portugal permitiram a Barbosa du Bocage produzir e publicar o seu primeiro trabalho científico em zoologia em Portugal sobre Fauna Portuguesa. Em 1858, as colecções que formavam em Lisboa o «Museu da Academia»⁶¹ são integradas sob a tutela da Escola Politécnica e, em 1862, o mesmo acervo ganha a nova nomenclatura de *Museu Nacional de Lisboa*, por decreto de lei. O Museu Nacional divide-se em duas secções: a Secção Mineralógica e a Secção Zoológica.

No *Guia do Viajante em Lisboa* de 1853, o «Museu Real» aparece descrito como um autêntico gabinete de curiosidades. Em 1892, quarenta anos depois, alterações substanciais na direcção e na política de colecções levaram o Museu da Escola Politécnica a ser descrito de forma completamente diferente, no mesmo tipo de literatura. Esta descrição posterior refere ainda aspectos «curiosos» acerca dos espécimes expostos ao público, mas a linguagem utilizada é indicadora de um maior cuidado na mostra das colecções tanto nas salas da mineralogia e paleontologia como nas de zoologia. O uso da nomenclatura científica em latim, por

⁶¹ Muitas vezes a nomenclatura usada para as colecções de história natural em Lisboa é intermutável entre Museu Real, Museu da Academia, ou Museu Nacional de Lisboa, nesta descrição usa-se o nome Museu Real para descrever o museu aberto ao público na Academia das Ciências (no mesmo edifício do Convento de Jesus) que continha as colecções anteriormente expostas nos espaços do Museu Real no Palácio da Ajuda.

exemplo, é indicador da crescente eficácia na transmissão dos conteúdos taxonómicos implícitos na organização do museu e das suas salas.

Era esperado [no século XIX] dos museus de história natural que estimulassem os seus visitantes para uma apreciação pia dos poderes divinos através da exposição da beleza delicada das asas de uma borboleta, da incrível altura de uma girafa, ou até da maravilhosa construção de um esqueleto de peixe, e também que mostrassem a quantidade e a variedade da vida na terra através da abundância de material exposto.⁶²

Nesta altura, existem grandes colecções zoológicas em Portugal concentradas em Coimbra (sob tutela da Universidade), e em Lisboa (Museu Nacional sob tutela da Academia das Ciências), para além das colecções reais, mantidas por D. Pedro V no Palácio das Necessidades. Em Lisboa, o número elevado de espécimes que constituem as ditas colecções nacionais de zoologia e mineralogia albergadas pela Academia e a sua manutenção torna-se complexa demais e surgem demasiadas reclamações. Dentro da Academia discute-se o projecto de estabelecer um novo edifício para albergar as colecções e, finalmente, em 1858, é votada a lei que determina a transferência das colecções da Academia para a tutela da Escola Politécnica.

Mesmo se a razão principal apontada para esta transferência, para além da falta de orçamento da Academia, é o aumento da capacidade didáctica necessária para acompanhar a Aula de Zoologia, que se pretendia prática, o resultado desta transferência reforça a dedicação total de Barbosa du Bocage, em tempo e energia, à formação de um Museu, mesmo de «segunda ordem», que possa satisfazer a expectativa dos seus pares especialistas que o queiram visitar (mais do que a curiosidade dos alunos da 8ª Cadeira).

O projecto de Barbosa du Bocage é tornar as colecções do Museu da Escola Politécnica significativas a nível internacional, com colecções de referência, mas dedicando-se também a grupos específicos onde possa fazer a diferença, representando da melhor maneira possível a fauna portuguesa da metrópole e das possessões ultramarinas. Em 1858, Bocage tem 36 anos e é como responsável de

⁶² «Natural history museums were commonly expected to stimulate their visitors to pious appreciation of God's powers by exhibiting the delicate beauty of a butterfly's wings, the amazing height of a giraffe, perhaps even the wonderful construction of a fish's skeleton, as well as through the very mass of material showing the quantity and variety of life on earth.», Cf. Mary P. Winsor, *Reading the Shape of Nature. Comparative Zoology at the Agassiz Museum* (Chicago: The University of Chicago Press, 1991) 10-11.

um Museu, da regência de uma cadeira na Escola Politécnica de Lisboa e do seu respectivo Laboratório, que traça a sua carreira científica. A transferência das colecções zoológicas para a tutela de um Museu Nacional do qual será Director da Secção Zoológica marca a inauguração de uma nova responsabilidade, a de gestor das colecções zoológicas *nacionais*, que passa a ter um lugar preponderante na modelação da *persona* científica de Bocage. Neste momento Bocage não só se encarrega de organizar o ensino da 8ª Cadeira, como de coordenar o processo de transferência das colecções do Museu de Lisboa na Academia para o novo Museu de Lisboa na Escola Politécnica, e ao mesmo tempo de reivindicar o espaço disponível para a 8ª Cadeira no edifício em reconstrução⁶³.

Apenas um ano depois da transferência de tutela, em 1859, Barbosa du Bocage pede autorização para fazer uma digressão pela Europa, durante a interrupção lectiva do verão, com o objectivo de recolher informação acerca da organização dos estabelecimentos que tem a cargo, e estabelecer contactos com outras instituições semelhantes, com colecções zoológicas que possibilitem a aquisição de *mais* espécimes, que nota fazerem falta não só para o ensino mas também para a investigação da zoologia. Em sessão do conselho da Escola Politécnica, Barbosa du Bocage:

mostrou as vantagens que daria uma digressão científica do mesmo Director feita actualmente às Nações mais cultas da Europa; onde poderia por si mesmo escolher os exemplares de que o Museu carece, aproveitando muito melhor os fundos do Museu do que o pode fazer a distância; travar relações com os estabelecimentos científicos estrangeiros (...); apreciar o método de ensino, e a disposição a dar a um gabinete Zoológico, o que é importante nesta ocasião em que se trata na Escola da construção de salas para tal efeito.⁶⁴

As viagens de formação científica do século XIX, que ocuparam o lugar do *Grand Tour* setecentista, são uma estratégia das nações europeias mais periféricas no sentido do desenvolvimento de novas instituições científicas – organização de

⁶³ Em 1843, um incêndio devastou o edifício do extinto Colégio dos Nobres, então já Escola Politécnica, a aprovação do governo da planta geral de reconstrução do edifício é apenas de 1857.

⁶⁴ AHMCUL, fundo Escola Politécnica, série Actas do Conselho, Cota #1853, Livro 5, Sessão 07 de Abril de 1859, 160-161 [transcrição minha].

museus, observatórios astronómicos e laboratórios didácticos ou de investigação – com referência às instituições consideradas mais centrais e mais avançadas.⁶⁵

A característica mais conhecida da viagem de 1859 é a iniciativa de Bocage de, uma vez em Paris, e ao conhecer Isidore Saint Hilaire, filho de Geoffroy Saint Hilaire, negociar e conseguir que lhe fosse cedida «uma colecção dos seus duplicados em compensação dos que levava do Museu da Ajuda em 1808 Mr Geoffroy Saint Hillaire.»⁶⁶. Está em causa, principalmente, equilibrar a relação de forças entre o museu de Paris e o museu de Lisboa, desta vez a favor de Lisboa⁶⁷, em prol de uma relação duradoura, com Bocage como interlocutor. O conjunto de colecções que, nesta altura, foi negociado não correspondeu directamente ao que tinha sido levado em 1808, nem pretendeu corresponder. Este caso manifesta a «relação entre colecções de história natural e a construção de identidades nacionais e coloniais»⁶⁸, numa altura em que Paris e Londres se assumem como as «capitais do século», na expressão de Walter Benjamin. Ao resgatar o *Museu de Lisboa* para uma existência reconhecida internacionalmente, Bocage está também a transformar a perspectiva pela qual Portugal é entendido e como se auto-representa. Com o reinício dos estudos zoológicos em Portugal, e o crescimento de colecções de referência e a organização de remessas de espécimes das colónias, Bocage recoloca Portugal como um nó das redes entre museus e naturalistas na Europa, ultrapassando o estatuto de periferia de Lisboa face a Paris. Referindo-se mais tarde a esta transacção⁶⁹, Bocage elabora uma descrição detalhada da

⁶⁵ Uma referência fundamental para a interpretação de viagens de cientistas é a antologia Ana Simões, Ana Carneiro, Maria Paula Diogo (org.) *Travels of Learning. A Geography of Science in Europe* (Berlin: Springer, 2003), onde se apresentam várias tipologias de viagens e de viajantes.

⁶⁶ AHMB DIV 069a, manuscrito, datado de 1859, «Nota sobre as colecções d’anatomia comparada e zoologia recentemente adquiridas pelo Gabinete de Zoologia e Museu de Lisboa por ocasião de viagem ao estrangeiro do Professor proprietário da 8ª Cadeira.».

⁶⁷ Em 1808, Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844) e Domenico Vandelli (1735-1816), na altura responsável pelas colecções da Ajuda, protagonizaram uma deslocação de colecções de Lisboa para Paris. Geoffroy Saint-Hilaire foi um grande naturalista francês e foi incumbido pelo Muséum de Paris para acompanhar Junot a Lisboa, aquando das invasões francesas, para obter duplicados das colecções portuguesas, sobretudo manifestando grande interesse nos materiais vindos do Brasil, trazidos por Alexandre Rodrigues Ferreira. Vandelli, era casado com Feliciano Isabella Bon Vandelli, prima do marquês Geoffroy de Saint-Hilaire, e «com quem Domingos Vandelli mantinha correspondência», in Adílio Marques, *O professor do jovem imperador. Um naturalista luso-brasileiro: Alexandre António Vandelli* (1784-1862), (Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010) 21.

⁶⁸ Filipa Lowndes Vicente, “Travelling Objects: the story of two natural history collections in the nineteenth century”, *Portuguese Studies*, 19 (2003) 19-37, 11 [tradução minha]. Neste artigo Filipa L. Vicente argumenta que «as viagens são inseparáveis da formação de colecções» (p.9).

⁶⁹ Na publicação de José Vicente Barbosa du Bocage, *Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoológicos para o Museu de Lisboa* (Lisboa: Imprensa Nacional,

«importância numérica» das colecções «levadas» e das colecções «obtidas em compensação», mas esta negociação significou mais do que isso. O contacto estabelecido a partir daqui permitiu um incremento muito significativo das colecções de Lisboa mas, principalmente, colocou o Museu de Lisboa e a sua secção zoológica numa posição de presença efectiva como estabelecimento de ensino e investigação em zoologia na Europa.

A verdade é que, anos mais tarde, quando em 1859, o eminente Zoologista Dr. Barbosa du Bocage, em viagem de estudo, visitou o *Museum*, teve o mais simpático acolhimento da parte dos professores dêste Instituto, entre êles, de Isidoro Geoffroy, e tanto êste como Prevost, Lucas, Blanchard, Milne-Edwards e outros ainda se esmeraram em fazer concessões ao *ilustre mestre* da Zoologia portuguesa.⁷⁰

Nesta citação, Bettencourt Ferreira, que foi, como dissemos, colaborador de Barbosa du Bocage no Museu de Lisboa antes de continuar o seu caminho no Porto, pretende fazer valer a reputação de Barbosa du Bocage. É duvidoso atribuir a Bocage, em 1859, um reconhecimento como ‘ilustre mestre’ mas esta viagem assinala, sem dúvida, o início dessa identidade. Esta viagem é inaugural para a identidade partilhada que confunde o Director com o seu Museu. Ambos vão passar a ter presença nas redes internacionais de troca e de construção de informação zoológica nova.

Três relatórios, uma agenda para o Museu

Bocage, enquanto Lente da 8^a Cadeira da Escola Politécnica e sócio efectivo da Academia das Ciências, conhecia já os fundos das colecções do Museu de Lisboa na sua anterior localização. Ainda assim, é notável como desenvolve em poucos anos um novo discurso para o jovem Museu. A capacidade demonstrada por Bocage revela-se por ter conseguido precisar e desenvolver a partir do aglomerado das colecções disponíveis, um *discurso*, uma legibilidade para que os conjuntos de espécimes possam ser enquadrados num museu de investigação e de trabalho sistemático com base nas colecções. O que lhe era pedido enquanto lente

1862), que analisaremos mais à frente, Bocage acrescenta um anexo com duas partes: 1) “Colecções levadas do museu da Ajuda para o jardim das plantas de Paris em 1808 por Geoffroy Saint-Hilaire”, e 2) “Colecções obtidas, em compensação, do jardim das plantas em 1859 e 1860”.

⁷⁰ Júlio Guilherme Bettencourt Ferreira, *A Missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Hespanha e Portugal, durante a invasão francesa, em 1808* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926) 19 (ênfase meu).

proprietário e responsável da Secção Zoológica era a organização de um museu didáctico a partir dos exemplares existentes. O que Bocage se propôs a fazer é uma nova instituição com objectivos definidos a partir da consideração da posição portuguesa na Europa e no Mundo, e no interesse que poderá representar dentro da rede internacional de museus de investigação. Em 1860, quando apresenta a justificação das despesas da viagem de 1859, pela primeira vez, dá a conhecer a sua política de colecções:

Parece-me que mais convinha augmentar as collecções que se achavam mais bem representadas e numerosas no museu, do que adquirir á toa exemplares de diversos grupos zoológicos, subordinando a escolha á simples consideração de não existirem ainda no nosso estabelecimento. (...) convirá estabelecer uma exposição publica e regular das collecções que pela sua importancia e bom arranjo poderem ser submittidas á apreciação de pessoas competentes. Não me parece que o nosso museu deva aspirar a competir na riqueza e importancia das collecções geraes de zoologia com os primeiros museus da Europa, (...). No emtanto, sem pretender rivalisar com taes estabelecimentos, poderá ainda o nosso museu atraír a attenção dos sabios e honrar o nosso paiz, uma vez que a fauna portugueza e a das nossas possessões do ultramar sejam alli bem representadas.⁷¹

Fica evidente nesta citação como os objectivos que Bocage estabelece para o «nosso museu» são muito mais virados para uma presença e reconhecimento internacional do que um entendimento restrito aos conteúdos das aulas da 8ª Cadeira. O enfoque da sua política de colecções é claro: conseguir sistematizar o conhecimento sobre a fauna nacional e aumentar o da fauna das possessões ultramarinas portuguesas. Ambos são domínios que, por um lado, estão ao alcance de Portugal e do museu de Lisboa e, por outro lado, podem significar uma distinção em relação aos museus europeus, e que possibilitam colocar o museu de Lisboa como uma referência a nível europeu.

Na primeira década de trabalho na organização das colecções, Barbosa du Bocage desenha estratégias claras para a execução de uma política de colecções. O programa que fica aqui explícito, nomeadamente o de desejar adquirir colecções que completem grupos taxonómicos e de não pretender estabelecer colecções ditas gerais, resume o que se pode entender como uma política de colecções. Na gestão

⁷¹ José Vicente Barbosa du Bocage, “Relatorio apresentado ao conselho da escola polytechnica pelo lente proprietario da 8ª cadeira, ácerca das collecções scientificas recentemente adquiridas para o gabinete zoologico do museu de Lisboa, e de alguns outros resultados da sua viagem scientifica ao estrangeiro”, *Diário do Governo*, 2 de Janeiro de 1860, N.º1 (1860) 5-6, 5.

de um museu e na curadoria das suas colecções, a sua *política de colecções* traduz-se na criação de linhas orientadoras para a compra de novas peças. Está eminentemente relacionada não só com a aquisição mas também com a definição da identidade de determinada colecção. Para Bocage, é claro o que pretende como linha orientadora para a secção zoológica do museu que dirige: aumentar em diversidade e quantidade os exemplares de determinados grupos taxonómicos, que elege como fundamentais, e que vão resultar nas linhas principais da investigação do Museu nas suas primeiras décadas. É esta orientação que vai distinguir e marcar uma novidade absoluta dentro da narrativa de continuidade institucional face às colecções nacionais e reais antigas. É neste sentido que Bocage *cria* o Museu de Lisboa, corroborando-se assim uma afirmação muitas vezes enunciada. De facto, existem grandes novidades na maneira como Bocage vai passar a administrar as colecções e a dinamizar a investigação que surge com base nelas. A inovação passa por um enfoque na investigação própria do Museu, sobre as suas colecções, e a estratégia de referenciação internacional com o trabalho sobre fauna africana.

As compras e as iniciativas que toma em relação ao Museu são directamente orientadas para a possibilidade e eficácia da investigação em zoologia sistemática e descritiva em Portugal, e almejam vir a colocar o Museu de Lisboa num lugar de relevância internacional. Mesmo sem se querer comparar com outros museus a que chama «primeiros museus da Europa», Bocage entende desde logo que um museu em Lisboa, desde que tomando determinado rumo, podia «atraír a atenção dos sabios e honrar o nosso paiz»⁷² e começa a delinear as estratégias para o conhecimento da fauna do continente e das ilhas, assim como das províncias ultramarinas. Depois de dedicar algumas linhas à leitura da situação actual dos estudos sobre a fauna portuguesa, métodos e recursos necessários, Bocage prossegue, explicitando o objectivo final do seu trabalho:

Então a nossa [fauna] será estudada por portuguezes, e o nosso museu, onde se devem archivar todos os documentos que servirem este estudo, ficará habilitado para realizar vantajosas permutações com outros museus do

⁷² Bocage, *Ibidem*.

estrangeiro. Deste modo crescerá elle rapidamente em riqueza e importancia scientifica.⁷³

Fica assim proposto o caminho para a identidade de um novo museu que deverá não só estar em ligação permanente com outras colecções e museus europeus, como passar a contribuir para a investigação produzida na Europa. Em poucas linhas Bocage sintetiza o seu desejo que a fauna portuguesa seja estudada por portugueses, desejo que é viável através da reestruturação do Museu de Lisboa enquanto centro de investigação em colecções. Um futuro de regeneração científica do país, em termos da investigação zoológica, é possível a partir da criação de uma estrutura fundamental, o Museu. Ao mesmo tempo, a presença do Museu de Lisboa nas permutas científicas internacionais reabilita a capacidade intelectual do país face à Europa, à civilização e ao avanço científico. A troca entre instituições e os seus interlocutores de colecções, exemplares, publicações e epístolas é fundamental na criação e manutenção de uma República das Letras constituída por naturalistas.

A política de colecções delineada no relatório de 1860 materializa-se nas iniciativas que se seguiram. O relatório prevê duas, a publicação de instruções para controlar e aumentar o fluxo de remessas das províncias ultramarinas, e o estudo e exploração zoológica do país. Para além destas iniciativas, nos anos seguintes, Barbosa du Bocage vai reclamar o espaço do edifício da Escola Politécnica em reconstrução para alas do museu; conseguir um lugar de naturalista assistente para Félix Brito Capelo; pedir um ano de licença do serviço lectivo justificado pelo aumento de trabalho com as colecções e, finalmente, publicar uma primeira lista de fauna portuguesa numa revista francesa. As etapas da estratégia de Barbosa du Bocage resumem-se na tabela na página seguinte.

Um dos acontecimentos mais significativos para a consolidação deste esforço é, sem dúvida, a publicação, em 1866, do *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes* no seio da Academia das Ciências. Apesar do Museu Nacional não ter a possibilidade de ter a sua própria publicação periódica, Bocage, e os seus naturalistas, pôde começar a publicar sistematicamente as listas zoológicas e catálogos que são a evidência material da existência de um *museu* zoológico. É fácil analisar a importância das publicações periódicas, e da sua troca entre instituições,

⁷³ Bocage, *Ibidem*.

para a divulgação da investigação que está a ser feita. O Museu de Lisboa podia trocar agora o *Jornal* com as publicações periódicas dos outros museus e instituições científicas da especialidade. A partir da leitura dos índices do *Jornal* é evidente que era o veículo principal para a publicação das novidades científicas do Museu, publicando nos primeiros dez anos mais de setenta artigos, em português e em francês.

<p>08 de Maio de 1858, Cerimónia de tomada de posse na Academia das Ciências de Lisboa que representou a incorporação das colecções do Museu da Academia na tutela da Escola Politécnica: «As colecções de zoologia e mineralogia e todos os objectos pertencentes ao mencionado Museu são incorporados nos gabinetes de zoologia e mineralogia da mesma escola».</p>
<p>Junho a Setembro de 1859, Viagem científica por cidades e instituições europeias com um orçamento designado para as compras necessárias de equipamentos, material didáctico, livros e colecções zoológicas para a Secção Zoológica do Museu e para o ensino da 8ª Cadeira. Barbosa du Bocage visitou Madrid (Museu de História Natural, o seu director Mariano de Paz Grælls, e Laureano Perez Arcas), Bordeaux, Paris (Émile Deyrolle e os naturalistas do Muséum d’Histoire Naturelle), Strasbourg, Bruxelas, Leiden, Frankfurt e Londres.</p>
<p>02 de Janeiro de 1860, Publicação do “Relatorio apresentado ao conselho da escola polytechnica pelo lente proprietario da 8ª cadeira, ácerca das collecções scientificas recentemente adquiridas para o gabinete zoologico, o museu de Lisboa, e de alguns outros resultados da sua viagem scientifica ao estrangeiro”, <i>Diario de Lisboa</i>, 02 Janeiro 1860, Nº1, 5-6.</p>
<p>19 de Janeiro de 1861, Acta do Conselho da Escola Politécnica que dispensa Bocage da docência durante um ano lectivo «Deliberou-se dispensar o Sr. Bocage da regencia da 8ª Cad[eira]. Attendendo aos serviços extraord[inários] que tem a prestar no Museu, dando-se parte desta resolução ao Governo», AHMCUL, Actas do Conselho da Escola Politécnica, Livro 5, p.209.</p>
<p>19 de Abril de 1861, é contratado Félix Brito Capelo para a posição de naturalista adjunto. «Leo-se uma portaria do Ministério do Reino authorisando por espaço de um anno a despeza de 24\$000 mensaes applicados p[ara] retribuir os serviços de um indivíduo, q[ue] auxilie o Director do Museu na secção Zoologica, e approvou-se uma proposta do Sr. Bocage indicando o Sr. Felix Capello p[ara] este lugar», AHMCUL, Actas do Conselho da Escola Politécnica, Livro 5, p.214.</p>
<p>13 de Janeiro de 1862, Decreto de Lei que funda e determina os estatutos do <i>Museu Nacional de Lisboa</i>, tutelado pela Escola Politécnica, com duas secções: Mineralogia e Zoologia.</p>
<p>26 de Fevereiro de 1862, Publicação do “Relatorio apresentado ao conselho da escola polytechnica em sessão de 1 de fevereiro de 1862 ácerca do plano geral dos trabalhos de exploração zoologica, e aprovado na mesma sessão”, <i>Diario de Lisboa</i>, Nº46 26 Fev 1862, 603-604.</p>
<p>Agosto de 1862, Publicação de <i>Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa</i> (Lisboa: Imprensa Nacional, 1862). Em apêndice é publicada uma “Lista das Aves de Portugal com as synonymias scientifica e vulgar”.</p>
<p>09 de Junho de 1863, em consequência do falecimento de D.Pedro V em Novembro de 1861, D. Luís faz uma doação ao Museu de Lisboa das colecções do Palácio das Necessidades, incluindo colecções de grande valor científico fruto de ofertas de sábios franceses ao rei D. Pedro V.</p>
<p>Setembro de 1863, Publicação de “Liste des mammifères et des reptils de Portugal”, <i>Revue et Magasin de Zoologie</i>, 2ª Série, tomo XV, Paris, pp. 329-333.</p>
<p>1864, publicação nas <i>Memorias da Academia Real das Sciencias</i>, de vários artigos com diagnoses de diferentes espécies. Félix Brito Capelo publica “Descripção de tres especies novas de crustaceos da Africa occidental, e observações ácerca do Penoeus Bocagei. Johnson, especie nova dos nossos mares”. Ainda em 1864, Bocage publica também outros três artigos em <i>Proceedings da Zoological Society of London</i>.</p>
<p>13 de Março de 1865, publica <i>Relatório Ácerca da Situação e necessidades da Secção Zoologica do Museu de Lisboa apresentado à sua excellencia o Ministro e Secretario d’Estado dos Negocios do Reino</i> (Lisboa: Imprensa Nacional).</p>

Tabela 1. Trabalho com as colecções entre 1858 e 1865.

Quando, em 1865, Barbosa du Bocage escreve o *Relatório Acerca da Situação e necessidades da Secção Zoológica do Museu de Lisboa*, era já membro estrangeiro da Sociedade Zoológica de Londres e membro correspondente da Sociedade de História Natural de Estrasburgo.⁷⁴ Mesmo se fisicamente as colecções zoológicas ainda não se encontram no edifício da Escola Politécnica, em termos científicos encontram-se já numa fase bem adiantada de levantamento, determinação, descrição e estudo, como provam as listas e os catálogos publicados a partir de 1863.⁷⁵ Até 1865, o trabalho com as colecções é produzido apenas por Barbosa du Bocage e Félix Brito Capelo, e Bocage aproveita a escrita do relatório para descrever todas as actividades entretanto levadas a cabo e fazer um pedido de reestruturação a nível do orçamento e do quadro de pessoal. Tendo em vista a especialização crescente no campo da zoologia descritiva, Barbosa du Bocage defende que «os museus zoológicos precisam acompanhar os progressos da zoologia, mais ainda, manifestal-os, traduzil-os claramente em sua organização. Os museus zoológicos são os arquivos dos factos, das provas documentaes da zoologia. O merito d’elles, a sua utilidade e importancia dependem do numero, boa conservação, authenticity, acertada coordenação dos documentos que contêm.»⁷⁶

Para conseguir «acompanhar os progressos» da zoologia Barbosa du Bocage desenha os passos necessários que publica nos seus relatórios. Não é possível continuar a desenvolver o trabalho no museu sem mais pessoal e meios financeiros. Mas apenas com estes últimos «é facil obter ricos armazens de productos naturaes, nunca um museu de zoologia»⁷⁷. Para Bocage não basta apenas dar condições de existência física às colecções. Elas precisam ter um significado científico, que só adquirem se forem devidamente estudadas. São muitas as tarefas de organização de um museu, e Bocage é peremptório quanto ao

⁷⁴ José Vicente Barbosa du Bocage, *Relatório acerca da Situação e necessidades da Secção Zoológica do Museu de Lisboa apresentado à sua excellencia o Ministro e Secretario d’Estado dos Negocios do Reino* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1865).

⁷⁵ Em relação apenas às colecções ornitológicas, entre 1867 e 1881 (data final da publicação de *Ornithologie d’Angola*) o Museu de Lisboa publica 21 listas de Aves. A ornitologia esteve a cargo do naturalista José Augusto de Souza que assinou dois catálogos (em 1869 e 1873) para a visita do Museu e 17 artigos no *Jornal da Academia das Ciências de Lisboa*, entre 1869 e 1889. Cf. Barbosa du Bocage, *Publicações Scientificas, 1857-1901* (Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1901).

⁷⁶ Barbosa du Bocage, *Op. Cit.* [74], 22.

⁷⁷ Bocage, *Ibidem*.

que é possível realizar com os poucos meios de que dispõe. No relatório deixa bem claro que se dedica «religiosamente ao cumprimento de todos os deveres» como Director da Secção Zoológica, apesar de ter que o conjugar com o serviço lectivo. Mais à frente, Bocage cita um discurso de Louis Agassiz (1807-1873), que considera «o maior zoologista contemporâneo», onde se descreve o trabalho num museu zoológico como tarefa para mais de dezoito naturalistas-adjuntos. O relatório anual de 1860 de Agassiz, também citado por Bocage, apresenta os resultados do recém-criado estabelecimento e descreve, de facto, o acompanhamento do trabalho de dezoito naturalistas. Estes números e esta comparação servem para Bocage defender a razoabilidade da sua posição, acrescentando-lhe no seguinte comentário, uma certa carga de responsabilidade civilizacional:

isto acaba de passar-se nos Estados Unidos (...) paiz mais essencialmente votado ao progresso material, e onde a cultura das sciencias sob a fórma especulativa menos probabilidades offerencia de bom exito.⁷⁸

Para além da comparação entre instituições congéneres, Bocage lembra, aos responsáveis governativos a quem se dirige, que está em causa uma missão civilizadora e de progresso que cabe às nações cultas. O exemplo de Agassiz mostra como é possível a um museu obter financiamento para poder cumprir o seu papel como instituição de investigação científica autónoma, validando o pedido de Bocage de maior financiamento para recursos humanos. Mais à frente ainda acrescenta que não copiou «o plano do illustre Agassiz», porque pretende pedir o necessário mas também o exequível, contemplando os «obstáculos que no nosso paiz se oppõem á realisação immediata de certos melhoramentos.»⁷⁹

Com menores recursos humanos, Bocage adapta os recursos ao trabalho que é possível realizar. Prevendo a utilidade da especialização na carreira de naturalista, Bocage designa uma área específica da zoologia (ictiologia) para o seu assistente Félix Brito Capelo:

Para elle tambem está já definida a área a que terá de circumscrever-se d'aqui por diante. Para que a sciencia, o museu e o paiz venham a tirar de seus talentos e applicação todas as vantagens que lhes estão promettendo, é

⁷⁸ Bocage, *Op. Cit.* [74], 27.

⁷⁹ Bocage, *Ibidem.*

indispensavel que o nosso zeloso collaborador se conserve fiel ás especialidades em cuja cultura tanto se tem já distinguido.⁸⁰

A partir do exame das colecções antigas existentes e das doações e adições conseguidos nos primeiros anos desta reorganização, a política de colecções prevista em 1859 é visivelmente implementada. Barbosa du Bocage resume, em 1865, o programa que estabeleceu para as colecções do Museu de Lisboa:

em vez de formar muitas colleccõesinhas sem importancia e sem significação, procurei organizar algumas, poucas, colleccões interessantes e de algum vulto.

E porque o tom deste Relatório é mordaz, Bocage continua:

[as colecções] ao menos deixarão avaliar o grau de prosperidade a que já teria chegado o nosso museu com mais larga subvenção, e com um pessoal accommodado aos seus variadissimos serviços; e talvez que, ajudando a destruir os preconceitos dos que combatem todas as innovações, tambem concorram para assegurar ao nosso estabelecimento a *sympathia do publico* e a *protecção do estado*.⁸¹

Como tem um financiamento anual limitado, Bocage recorre à prefiguração do que seria possível conseguir com um orçamento adequado. Ou seja, aposta em poucas áreas de especialização condicionando a política de colecções e a distribuição de trabalho para objectivos mais específicos, para conseguir maior visibilidade para o museu e justificar o investimento estatal. O seu relatório é sempre direccionado para conseguir uma posição mais clara do apoio da nação. Para Bocage, a decisão de manter um museu de zoologia é uma decisão política. Não precisa apenas da «*sympathia do publico*» mas também de ter «*protecção do estado*». O relatório, termina com um parágrafo críptico mas muito citado pelos directores subsequentes, sempre que o Museu se encontrou em dificuldades:

Póde haver entre nós quem affirme a inutilidade d'este estabelecimento, póde mesmo ser esta a opinião predominante no paiz; porém n'este caso, exige a logica não que o deixem como está, mas que o supprimam. Ter ou não ter um museu zoologico é o primeiro ponto a decidir, mas decidido elle, o triumpho do *statu quo* não póde ser o corollario de qualquer dos alvitres que haja de adoptar-se.⁸²

Mesmo que a opinião pública não compreenda as razões para a existência de um Museu Nacional, e que o expresse, para Bocage a decisão deve ser tomada

⁸⁰ Barbosa du Bocage, *Op. Cit.* [74], 23.

⁸¹ Barbosa du Bocage, *Op. Cit.* [74], 6 (ênfase meu).

⁸² Barbosa du Bocage, *Op. Cit.* [74], 28.

tendo em conta uma estratégia política bem definida e que assuma as consequências daquilo que foi criado por lei. Dois meses mais tarde, Bocage escreve de novo aos seus superiores, desta vez para o Conselho de Instrução Pública e insiste de novo neste ponto:

Os jornaes começam a instar com uma certa energia porque se patenteia ao publico o museu de Lisboa. Os jornaes teem rasão em exigir que o paiz comece a tirar quanto antes d'um estabelecimento que estipendia todas as vantagens que elle deve procurar-lhes, porém também é certo que a secção Zoológica, a meu cargo, não está ainda em circumstancias de poder ser patenteiada ao exame de pessoas competentes ou medianamente entendidas, nem o poderá estar em quanto se não adoptarem as providencias que por vezes tenho reclamado, e que resumi e compendiei no meu ultimo relatorio.⁸³

Bocage demonstra claramente nesta carta como se sente frustrado por ter de defender constantemente o trabalho que realizou até aqui, sempre lembrando que não o fez com as condições mínimas necessárias para os padrões elevados que ele próprio impôs ao seu trabalho e ao dos seus colaboradores.

O parágrafo final do relatório de 1865 pode ser interpretado como mais uma evidência de que Barbosa du Bocage faz depender retoricamente a sua resiliência do apoio mais assertivo do Governo. Isto é, Bocage aproveita este relatório como uma oportunidade de se mostrar disponível para continuar o trabalho com as colecções mas *apenas* se o estado lhe providenciar as condições que ele define como necessárias.

Bocage publica um novo relatório, em 1877, no ano em que publica *Ornithologie d'Angola*, parte a expedição de Serpa Pinto, Hermenegildo Brito Capelo e Roberto Ivens, ao mesmo tempo em que é Presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e que Andrade Corvo é, em simultâneo, Ministro dos Negócios Estrangeiros e Director Interino da Escola Politécnica de Lisboa. Em quinze anos a produtividade aumentou muito mas os recursos humanos mantiveram-se os mesmos. Depois de mais de cinquenta publicações desde 1862, o Museu de Lisboa está agora aberto ao público.

Hoje o nosso museu zoologico tem collecções muito numerosas e de grande valor scientifico, e vastas salas onde poderão ser convenientemente expostas ao exame dos estudiosos; com taes elemento ser-lhe-ha facil assumir um logar distincto, a par de estabelecimentos analogos nos paizes mais civilisados da

⁸³ Cf. AHMB.DIV.97, Borrão de carta de José Vicente Barbosa du Bocage para o Director Geral da Instrução Pública, datada de 19 de Maio de 1865 (Transcrita em Anexo).

Europa, se os poderes publicos quizerem prestar mais benevola attenção ás suas necessidades.⁸⁴

Na mesma frase em que expõe os sucessos alcançados, Bocage inclui uma comparação com os museus europeus, para que fique sempre presente o ideal a que o Museu de Lisboa deve aspirar. Mais uma vez é bem clara a relação entre o lugar de nível internacional que está guardado para o museu assim haja atenção e investimento dos poderes políticos. Há uma correspondência directa entre o objectivo que se desenhou e a sua realização através da decisão política.

A agenda desenhada por Bocage deu resultados «graças ao concurso de circunstancias extremamente favoraveis e a despeito da sua imperfeita organização e insufficientissimos recursos.»⁸⁵ As circunstâncias «favoráveis» a que se refere Bocage são as várias colecções que o Museu recebeu como doação de várias fontes, incluindo os Museus e naturalistas com os quais Bocage se colocou em rede, e também a consequência do trabalho de Anchieta e outros colaboradores, que aumentaram significativamente o espólio e a importância da secção zoológica. A expressão «imperfeita organização» é uma referência ao limitado número de assistentes, naturalistas e preparadores do Museu.

Neste relatório, mais curto que o de 1865, Bocage elenca o aumento numérico das colecções e dos livros adquiridos para a Biblioteca. Desta vez é mais explícito em listar as necessidades e as despesas correntes:

A compra de alcool, que precisa ser incessantemente renovado, as despesas feitas com a preparação dos exemplares que têm de figurar nas colleções, com a escripturação de catalogos e etiquetas, com a conservação dos insectos, que requer cuidados especiaes e assiduos, etc., consomem annualmente uma somma muito mais avultada [do que o orçamento anual de «1:100\$000 réis»].⁸⁶

Segundo Bocage, apenas com uma gestão meticulosa das várias dotações da 8ª Cadeira e da verba destinada à exploração zoológica em Portugal⁸⁷ é possível obter os resultados que tem conseguido, apesar de sobrar pouco para a aquisição

⁸⁴ J. V. Barbosa du Bocage, *Relatorio ácerca da situação do serviço zoologico do Museu de Lisboa apresentado ao Director da Escola Politécnica* (Lisboa, 1877), 63.

⁸⁵ Bocage, *Ibidem*.

⁸⁶ Bocage, *Ibidem*.

⁸⁷ A verba para a exploração zoológica em Portugal é consagrada como uma gratificação ao Lente Proprietário da 8ª Cadeira, Cf. Ministério dos Negócios da Instrução Pública, *Orçamento da Despeza para o exercício de 1871-1872* [disponível online no Arquivo Digital dos Ministério das Finanças em <http://badigital.sgmf.pt/mitra/>].

de exemplares em falta e de novas obras «indispensáveis ao prosseguimento dos nossos estudos e trabalhos».

Na sequência desta descrição orçamental, Bocage volta a referir que é graças à manutenção de uma grande rede de correspondentes e, no fundo, de patronos, que o museu consegue resistir.

Varios museus e institutos scientificos do estrangeiro, muitos sabios de diversos paizes e algumas pessoas, que sem serem zoologistas de profissão, se interessa no paiz e fóra d'elle pelos progressos d'esta sciencia, têm contribuido larga e generosamente para collocar o nosso estabelecimento nacional n'uma situação que elle nunca attingiria se o amparasse unicamente a protecção official.⁸⁸

Ao descrever o museu como um estabelecimento *nacional*, e os seus principais protectores como *estrangeiros*, Bocage recupera de novo o *pathos* da vergonha face ao movimento europeu em direcção ao progresso. Um estabelecimento que é reconhecido no estrangeiro tem *necessariamente* de merecer o apoio e a atenção do seu próprio país, pois trata-se de uma questão de honra nacional. Ao mencionar o progresso científico da zoologia invoca novamente a relação estreita entre o sucesso deste museu e a representação pública de Portugal face ao avanço da ciência.

D'esta breve exposição concluirá v. ex.^a por certo que as nossas riquezas materiaes não têm sido tão cabalmente aproveitadas como cumpria que o fossem, para darem á secção zoológica a feição e importancia scientificas que lhe competem. Assim é: nós temos um amplo armazem, sobejamente provido de productos zoológicos com todas as condições materiaes para vir a ser um bom museu, mas não temos ainda um museu. Permitta-se-me porém accrescentar que a culpa não é minha.⁸⁹

Mais uma vez, Bocage mostra-se implacável. Sabe o que define um «museu de primeira ordem», mostra o caminho para lá se chegar, mas apresenta sempre o sucesso da situação da secção zoológica como dependente da atenção do governo, melhor expressa no aumento necessário de orçamento. Se, por um lado, Bocage apresenta os grandes êxitos da sua gestão e do seu empenho em conseguir ajuda para o estudo e o aumento das colecções, por outro lado, tem de mostrar evidências para que o estado não possa considerar o que ele está a fazer como suficiente, de outro modo, como conseguiria Bocage o aumento de verba? Assim

⁸⁸ Bocage, *Op. Cit.* [84], 68-69 (ênfase meu).

⁸⁹ Bocage, *Op. Cit.* [84], 66 (ênfase meu).

sendo, Bocage tem de jogar em dois campos contraditórios ao mesmo tempo. De um lado mostrando-se como um director dedicado e competente, por outro lado como um director insatisfeito e inflexível quanto aos seus pedidos. A questão da honra está sempre presente no seu discurso e é a razão para a expressão «a culpa não é minha». Bocage mostra-se sempre muito preocupado com as responsabilidades públicas que assume, protegendo-se deste modo de qualquer ataque que o pudesse eventualmente culpabilizar pela situação inadequada do museu. Por um lado mostra como dá tudo de si e, por outro lado, afasta-se do resultado, criando um discurso muito complexo. Pede aumento de pessoal e aumento na remuneração do pessoal de que já dispõe mas, para si próprio pede «unicamente que [lhe] seja permittido consagrar inteiramente os annos que ainda [lhe] restarem de vida ao prosseguimento d'esta obra de que [foi] o iniciador ha quasi um quarto de seculo». Apresenta-se mais à frente como um «funcionario que se não tem poupado a diligencias para desempenhar conscienciosamente [os] seus deveres»⁹⁰.

Ao designar-se como um *funcionario consciencioso*, Bocage apresenta-se, mais uma vez, austero e desinteressado. Esta atitude parece relacionar-se com o auto-apagamento do *eu* descrito por Lorraine Daston e Peter Galison⁹¹. Na análise destes autores, para atingir um ideal de *objectividade* relacionado com a prática da investigação científica, muitos cientistas adoptam um conjunto de valores que não são só epistémicos ou relacionados com a procura da 'verdade na natureza' mas, mais do que isso, se concretizam em práticas quotidianas e modelam as suas próprias personalidades. Neste aspecto, Bocage, ao contrário do que possa parecer para uma pessoa que quase nunca se expôs publicamente⁹², aparece *visivelmente invisível*. Analisado sob o ponto de vista da construção da sua persona, o autor Bocage torna-se mais concreto e real. Se a leitura dos seus textos se fizer a partir do eixo da sua auto-representação, torna-se imediatamente visível a retórica investida para o resultado, consciente ou inconsciente, de uma personalidade austera e distante.

⁹⁰ Bocage, *Op. Cit.* [84], 70.

⁹¹ Ver L. Daston, *Op. Cit.* [26], Capítulo 4 "The Scientific Self", 191-251.

⁹² Ao contrário de muitos dos seus contemporâneos Barbosa du Bocage não se dedica à popularização de conteúdos científicos. Numa época em que os projectos editoriais de periódicos eram comuns e férteis meios de comunicação de ideias, existem vários exemplos de professores da Escola Politécnica que foram popularizadores de ciência.

Nos textos dos seus relatórios, Bocage mostra o que conseguiu atingir em poucos anos de existência do museu, e o que está por fazer. Mas é claro para ele que o limite do que poderá ser atingido deverá ser sempre tido como uma questão de política pública. Bocage coloca-se, através de uma retórica de *desinteresse*, numa posição de afastamento que é própria da construção identitária de um cientista neste período. Em simultâneo com a descrição do seu trabalho no museu, faz, nos vários textos, uma exigência de rigor e de qualidade para a avaliação do que pensou e executou no museu. Assim, depois de usar muitos argumentos para estabelecer a relação entre o trabalho científico no museu e o progresso do país, e até a sua reabilitação moral, Bocage usa frases carregadas de um sentido quase fatídico que podem mesmo ser tidas como advertências. O apoio claro e visível do governo é fundamental para o *ethos* que Bocage quer projectar. A noção de serviço público é importante, tanto neste ponto como em várias etapas da sua vida. Bocage, ao contrário de muitos outros naturalistas de renome do seu tempo, parece nunca investiu a sua fortuna pessoal em assuntos do museu.⁹³ Pelo contrário, o seu capital científico e diplomático aumenta ao longo do tempo, ligado não à posse de colecções privativas ou de um investimento em nome próprio mas ao *desprendimento* que aparenta demonstrar pelo cargo e pela função que ocupa. Esta retórica específica corrobora a noção de *interesse desinteressado* que, segundo Lorraine Daston, caracteriza a República das Letras desde o século XVIII em que o «desapego extremo se tornou na maior das virtudes cívicas».⁹⁴

⁹³ Ao contrário, por exemplo, de Louis Agassiz, que conseguiu colocar em funcionamento um museu em Harvard para a nova disciplina que idealizou, a «Zoologia Comparada», este empreendimento só foi possível com grande envolvimento pessoal e também muito investimento financeiro da sua fortuna pessoal e dos vários mecenas privados que conseguiu reunir para o seu projecto. Bocage correspondeu-se com o *Museum for Comparative Zoology, Harvard*, mantendo-se em contacto através do filho de Louis, Alexander Agassiz. O trabalho de construção deste museu e da nova disciplina proposta por Agassiz encontra-se exposto de modo brilhante em M. Winsor, *Op. Cit.* [62].

⁹⁴ L. Daston, *Op. Cit.* [7], 382

5. Colaboradores e Correspondentes

Para conseguir marcar um novo período da investigação em colecções, sistemático e consistente, Barbosa du Bocage vai avançar em duas frentes: a manutenção de uma rede de contactos internacionais (que começa com a viagem de 1859) e a promoção das remessas sistemáticas e controladas de produtos naturais, tanto da fauna portuguesa como colonial, para o Museu de Lisboa.

Este capítulo incide sobre estes dois modos de reinventar a investigação na disciplina da Zoologia. Por um lado, sustentar a ideia das remessas de produtos e promover uma rede de colaboradores tanto em Portugal Continental e Ilhas como por todos os Governos-Gerais das colónias. Por outro lado, para que o Museu de Lisboa pudesse ser validado como um local de produção de novo conhecimento, tem de se destacar na República das Letras europeia e internacional.

As «Instrucções» de 1862 como um programa para a Zoologia em Portugal

A publicação *Instrucções praticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoologicos para o Museu de Lisboa*, de 1862, teve um papel de relevo no sucesso da organização de uma rede de *colaboradores*, em Portugal continental, ilhas e províncias ultramarinas, da Secção Zoológica do Museu Nacional de Lisboa, e estabeleceu as ideias programáticas para a consolidação da disciplina científica da zoologia.

Bocage atribuiu enorme importância ao envio regular de remessas de animais das províncias ultramarinas, pois tal como se depreende do relatório de 1865, as colecções existentes relativas às províncias eram ainda parcas, tanto em quantidade como em qualidade.⁹⁵

A iniciativa de publicar e enviar instruções para o ultramar não era nova. Tanto o Museu Real da Ajuda, como a Academia Real das Ciências o tinham feito em 1781 e 1836, respectivamente, e posteriormente, em 1850, foram enviadas

⁹⁵ De todos os colaboradores que Bocage conseguiu angariar nas possessões ultramarinas, o mais destacado foi José de Anchieta (1832-1897), que desempenhou um papel extraordinário em Caconda, em Angola, descrevendo e enviando remessas de animais africanos, muitos deles novidade para a ciência.

novas instruções através dos boletins das províncias.⁹⁶ Contudo, apesar dos decretos reais enviados para os governadores das províncias a acompanhar o envio de algumas destas instruções e a salientar a importância do envio de remessas para Lisboa, por motivos incompreensíveis para a metrópole, poucas remessas chegavam à capital. Os índices publicados do *Boletim de Angola* não deixam dúvidas quanto a este estado de coisas:

Recomendado a todos os chefes e comandantes o cumprimento das duas Port[arias]. de 26 de maio de 1848 e 18 de fevereiro de 1850, a que ainda não se havia satisfeito por desleixo e pouco zêlo do serviço em vista da abundancia, que havia na provincia, de productos da natureza nos seus três reinos; e declarado que seria classificado, como um serviço útil e de muita consideração o que ficava recomendado, etc.- Off[ício]. Circ[ular]. do G[overno]. G[eral]. de 19 de maio de 1855.⁹⁷

Neste contexto, e para que o Museu Nacional de Lisboa fosse investido como um centro para a organização científica de todas as contribuições nacionais e ultramarinas, Barbosa du Bocage, já como responsável e director da sua Secção Zoológica, publica novas instruções. Apesar de se poderem colocar numa longa tradição de publicações de museus de história natural, as *Instruções* escritas por Bocage inserem-se numa tipologia específica de textos de instruções que reflectem a especialização crescente na história natural. As instruções de Bocage, como as escritas por Francisco Assis de Carvalho, para a Academia das Ciências de Lisboa, dedicam-se exclusivamente aos produtos zoológicos e concentram-se nos vários instrumentos e técnicas necessárias a quem pretenda colaborar através do envio de remessas. Pelo contrário, as *Breves Instruções* do Museu Real da Ajuda publicadas em 1781 pertencem ainda a uma estrutura típica do século XVIII, remanescente das características das viagens de formação pessoal e moral do *Grand Tour*.

⁹⁶ *Breves Instruções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes á Historia da Natureza, para formar hum Museo Nacional* (Lisboa: Regia Officina Typographica, 1781); Francisco Assis de Carvalho, *Instruções sobre os modos de preparar, e conservar acidentalmente os diferentes exemplares zoológicos que houverem de ser conduzidos das possessões portuguezas ultramarinas até á sua definitiva preparação* (Lisboa: Typographia da Academia, 1836); José Maria d'Abreu, "Instruções para a colheita, preparação, acondicionamento, e transporte dos productos e exemplares dos três reinos da natureza", *Boletim Official de Angola*, 246 (1850).

⁹⁷ Luiz Antonio Figueiredo, *Indice do Boletim Official da provincial d'Angola compreendendo os anos que decorrem desde 13 de Setembro de 1845, em que foi publicado, o 1º Nº até 1862 inclusivé* (Loanda: Imprensa do Governo, 1864), Boletim Nº503, 129.

Além das questões técnicas, as “Breves Instruções” continham orientações de como observar e anotar aspectos sobre “as notícias geográficas do físico do país” e da “moral dos povos” (usos, costumes e tradições).⁹⁸

As *Instruções* de Bocage incluem-se numa tipologia de literatura científica específica identificada recentemente na historiografia internacional⁹⁹. A edição, publicação e divulgação dos textos de instruções são uma parte integrante das políticas de aquisição de colecções para os museus de história natural europeus, sobretudo nos séculos XVIII e XIX. São dispositivos que facilitam a transformação de uma experiência individual e idiossincrática em experiência partilhada, em património que pode ser partilhado por uma comunidade.

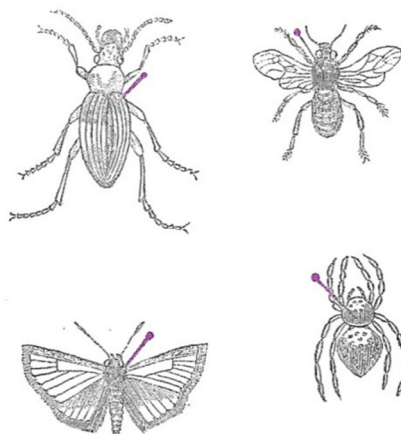


Fig. 6, 7, 8 e 9

Instruções são manuais, ou uma «colecção de regras e preceitos»¹⁰⁰, no formato de decretos ou de simples textos publicados com o intuito de acompanhar e disciplinar a experiência dos viajantes ou funcionários coloniais, distantes da metrópole. O resultado pretendido é o reenvio para a capital de objectos naturais de modo sistemático e normalizado.

Figura 10. Figuras com as «regras invariáveis quanto á maneira por que se devem cravar os alfinetes» in J. V. Barbosa du Bocage, *Instruções* (1862), 51.

Estes textos circunscrevem objectivos e desígnios das instituições que representam e são evidência da construção do discurso científico utilitarista, assim como da crescente especialização disciplinar que acontece ao longo do século XIX. Para a história da ciência, a análise deste tipo de fontes permite vislumbrar o nodo específico entre discurso científico de construção disciplinar e a representação

⁹⁸ Ermelinda Moutinho Pataca, Rachel Pinheiro, “Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro”, *Revista da SBHC*, vol. 3, N^o1 (2005) 58-79, 64.

⁹⁹ Recentemente, em 1997, um colóquio internacional organizado em Florença e intitulado «Le istruzioni scientifiche per i viaggiatori nel Sette e Ottocento» abriu o espaço para a identificação e interpretação deste tipo de produção. Seguiu-se-lhe a publicação de uma antologia de textos de instruções por Silvia Collini e Antonella Vannoni, *Les Instructions Scientifiques pour les voyageurs (XVIIe-XIXe siècle)* (Paris: L'Harmattan, 2005), Lorelay Kury já tinha antes tratado o assunto em “Les instructions de voyage dans les expéditions scientifiques françaises (1750-1830)”, *Revue d'histoire des sciences*, 51, N^o1 (1998) 65-92. Sobre outras tipologia de literatura de viagens ver também Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes. Travel Writing and Transculturation* (London, Routledge, 1992). Sobre a historiografia do tópico das viagens científicas cf. A. Simões, et al, *Op. Cit.* [65].

¹⁰⁰ Francisco Assis de Carvalho, *Op. Cit.* [96], 1.

externa da utilidade social da ciência. Tipicamente, no século XIX, os textos de instruções em zoologia descrevem técnicas de recolha, apontamentos e conselhos como «alem de frequentar os mercados, precisa-se assistir á chegada dos pescadores à praia, e haver d'elles as especies que costumam desprezar»¹⁰¹. Descrevem ainda com precisão os instrumentos e as técnicas para o acondicionamento e preservação dos espécimes recolhidos, como «é necessario esperar algum tempo para que o sangue tenha coagulado, lavar bem com agua as nodoas de sangue da plumagem (...) enxugar bem com gesso as pennas de toda a humidade»¹⁰² e incluem sugestões para a organização dos dados sobre os exemplares, que deverão acompanhar as remessas, e também listas de *desiderata*, as listas dos exemplares preferenciais para orientar a recolha.

Destes textos recolhem-se facilmente indícios que contribuem para a história das técnicas taxidérmicas (o que pode ser útil na datação de espécimes ainda hoje em dia), como também para a história da taxonomia e a discussão entre sistemas classificatórios. As listas de *desiderata* associadas a estas publicações contribuem para a reconstituição dos exemplares existentes em determinada colecção e a verificação da sua política de aquisições.

As instruções de Bocage foram enviadas em várias cópias para os governos das províncias. Para Angola foram enviadas vinte cópias¹⁰³ e, algum tempo depois, foi pedido ao próprio Governador-Geral que tomasse conhecimento delas, as recomendasse e as distribuisse pelos «governadores subalternos, administradores de concelhos e chefes»¹⁰⁴. O resultado prático destas instruções é visível pelo aumento exponencial que as colecções zoológicas tiveram nos anos subsequentes.

É a estrutura do texto que distingue claramente as instruções de Bocage das suas anteriores em Portugal e das suas semelhantes no estrangeiro. Esta publicação é a primeira oportunidade que Bocage tem de expressar as suas intenções e o seu programa para o *novo* Museu de Lisboa. Aproveita para incluir nela, vários textos que nada tem a ver objectivamente com o âmbito da publicação de umas instruções para distribuir por correspondentes. Bocage inclui para além de uma introdução alargada, e da lista de *desiderata* separada em «Productos

¹⁰¹ Bocage, *Op. Cit.* [69], 34.

¹⁰² Bocage, *Op. Cit.* [69], 26-27.

¹⁰³ L. Figueiredo, *Op. Cit.* [97], Boletim N^o869, 130.

¹⁰⁴ *Ibidem.*

Zoologicos de Portugal» e «Productos Zoologicos das Possessões do Ultramar», um apêndice intitulado «Notas» com dois textos, um sobre as colecções levadas por Geoffroy Saint Hilaire, em 1808, e a compensação obtida em 1859 e 1860, e outro com uma síntese da situação das colecções antes da transferência de tutela para a Escola Politécnica, em 1858. Por incluir um apêndice com referência aos avanços e progressos do seu trabalho no museu, carrega de *logos* o seu discurso. Por exemplo, quando enuncia e compara números de exemplares das colecções antigas e das que recebeu como oferta dos naturalistas do Muséum de Paris, está a evidenciar o papel centralizador e dinâmico do Museu Nacional de Lisboa. É neste aspecto que, fundamentalmente, a publicação de Barbosa du Bocage apresenta diferenças em relação a outros textos de instruções.

Para além deste apêndice acrescenta ainda uma «Lista das Aves de Portugal com as synonymias scientifica e vulgar». A inclusão desta *Lista* confere às *Instruções* um interesse acrescido para outros institutos de história natural que queiram ter acesso à informação actualizada acerca da fauna portuguesa. Neste sentido, não surpreende que apareça um exemplar das *Instruções* de Bocage no *Catalogue of Books and Manuscripts* do British Museum, em Londres¹⁰⁵.

Na tipologia literária das instruções, é sempre visível a aplicação de uma retórica que posiciona a ciência, e por conseguinte, a contribuição para o projecto científico em estreita ligação com o progresso das nações e o avanço moral dos povos.¹⁰⁶ Bocage não foge à regra. Na sua introdução correlaciona o interesse da ciência e o desenvolvimento da nação, mas vai ainda mais longe:

É tempo, cremos nós, de fazer cessar esta vergonha, que denuncia mais do que tudo aos estrangeiros o nosso atraso e obscurantismo; é tempo de estudar por nós mesmos o que é nosso, e de colligir pela fórma que a sciencia prescreve os documentos que devem servir de base á historia das producções naturaes do nosso paiz.¹⁰⁷

¹⁰⁵ British Museum, *Catalogue of Books and Manuscripts* Vol. 1 (British Museum, 1903) 97.

¹⁰⁶ Exemplo disso é a introdução da 4ª edição das *Instructions* publicadas pelo Muséum Royal d'Histoire Naturelle de Paris, em 1845: «Ce n'est pas seulement une instruction que nous faisons ici, c'est un appel à tous ceux qui s'intéressent à la science et au pays», in *Instructions pour les voyageurs et les employés dans les colonies, sur la manière de recueillir, de conserver et d'envoyer les objets d'histoire naturelle. Redigées sur l'invitation de M. le Ministre de la Marina et des Colonies, par l'administration du Muséum Royal d'Histoire Naturelle*, 4e Edition (Paris: A. Sirou, 1845).

¹⁰⁷ Bocage, *Op. Cit.* [69], 8.

O motivo escolhido por Bocage para fomentar uma alteração do estado de coisas é o sentimento de vergonha face ao estrangeiro, à Europa do progresso das ideias científicas. O *pathos* utilizado, ao apelar ao sentimento de lealdade e de protecção da pátria, é veemente e de grande eficácia retórica. Ao mesmo tempo, o autor posiciona-se claramente como alguém que sente e age de determinado modo, um *ethos* particular, para contribuir para o progresso e avanço que é possível alcançar «pela forma como a ciência prescreve». A ciência é o modelo para a acção moral e patriótica. Mais à frente, intensifica esta mesma ideia:

Muitas pessoas, esperâmos nós, poderão acudir do ultramar a esta imperiosa necessidade da sciencia e do decoro nacional; muitas quererão tomar a si uma tarefa que lhes trará em recompensa a satisfação moral de haverem concorrido, mesmo de longe, para a reabilitação scientifica da sua patria.¹⁰⁸

Neste excerto, fica demarcada a relação directa entre a «necessidade da ciência» e a «satisfação moral» num repto a que o leitor destas instruções terá dificuldade em não responder. Para quem se mantivesse ainda alheio ao tema e à sua importância, Bocage insiste:

Nas galerias dos museus da Europa avultam os donativos de homens estranhos á sciencia, mas não indifferentes á prosperidade e adiantamento intellectual do seu paiz. Não acreditamos que sejam hoje apanagio exclusivo de outros povos as qualidades e sentimentos que n'outras eras e sob a influencia de outras idéas nos fizeram grandes e nos collocaram á frente da civilização do mundo.¹⁰⁹

O peso da grandiosidade histórica dos portugueses é agora invocado como um argumento final e insere o futuro dos estudos da ciência zoológica numa tradição de capacidade, «qualidade e sentimentos» que persuadem sem dúvida o leitor da importância desta iniciativa. Depois de um período imperial áureo, a recuperação de Portugal na era posterior à independência do Brasil parece depender de uma exortação que representa o passado como uma herança a que o presente tem obrigação de saber corresponder. Este é um dos tropos usados nas narrativas da Regeneração.

Na selecção de excertos analisada fica patente o empenho que Bocage investe no sucesso desta sua iniciativa. Para que a publicação de instruções possa lograr, é necessário que tenham uma boa distribuição pelos funcionários coloniais mas

¹⁰⁸ Bocage, *Op. Cit.* [69], 10.

¹⁰⁹ Bocage, *Op. Cit.* [69], 11.

também que possam inspirar a partilha de um projecto comum que, só com a sua contribuição, pode existir e ter êxito. A recompensa anunciada para os que colaborarem para este projecto de «reabilitação científica» é não só a gratificação patriótica implícita mas também um reconhecimento do seu contributo materializado nas publicações do Museu. O alvo destas instruções, os «senhores governadores», os «cirurgiões da armada, facultativos e pharmaceuticos do ultramar» vão poder contribuir para «uma obra que ficará attestando o seu zêlo e competencia a nacionaes e estrangeiros.»¹¹⁰. Essa *obra* permanecerá registada nos catálogos, publicações e relatórios de Bocage, que se compromete, no relatório de 1865, a «mencionar ao lado de cada exemplar a sua procedencia, e d'esta sorte [pagar] o devido tributo de reconhecimento ás pessoas que têm concorrido para a prosperidade do nosso museu.»¹¹¹

Parafraseando Bruno Latour, os espécimes de história natural não são apenas deslocados para os museus europeus no século XIX. Para a construção e manutenção de centros de cálculo, com capacidade de «acção à distância»,¹¹² é necessário que estes *objectos naturels* sejam investidos de três níveis de carga simbólica: mobilidade, combinação e estabilidade. A *estabilidade* de que fala Latour produz-se através da criação de normas, regras, padrões, instruções, assim como da formação de vocabulário comum partilhado entre o centro e a periferia. Os textos de instruções são peças fundamentais deste processo.

Redes de Correspondentes e Trocas Simbólicas

A partir de 1858, Bocage dedica-se à promoção de uma rede de contactos visível numa vasta correspondência nacional e, sobretudo, internacional, que mantém até ao final da sua carreira. Em simultâneo com os contactos conseguidos através das *Instruções*, Barbosa du Bocage cultiva uma troca epistolar com vários correspondentes internacionais, na sua maioria sediados na Europa, mas não exclusivamente europeus.

Em Zoologia porém não basta ler o que escreveram os naturalistas, e aplicar o que se leu ao estudo e exame dos animaes. É também preciso ver os animaes

¹¹⁰ *Ibidem*.

¹¹¹ Bocage, *Op. Cit.* [69], 8.

¹¹² B. Latour, *Op. Cit.* [44].

separadamente dos livros, marcar os caracteres que n'elles descobrem os olhos sós ou auxiliados do microscopio, e em seguida comparar o fructo do nosso exame com as investigações sobre estes animaes feitas e pelos auctores publicadas. É finalmente indispensavel socorreremo-nos ao mesmo tempo dos esclarecimentos que nos possam prestar os que no mesmo campo de trabalhos e de observações connosco militam.¹¹³

A partir do acervo da correspondência recebida existente no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, no *Arquivo Histórico do Museu Bocage* [AHMB] tem-se uma perspectiva privilegiada (e, neste caso, inédita) acerca das negociações e das trocas próprias da construção do saber zoológico desta altura. Neste acervo, registei preliminarmente vinte e oito correspondentes em museus e academias europeias, americanas e australianas, com relações epistolares no período entre 1858 e 1900. Estes correspondentes encontram-se dispersos por dezassete cidades em catorze países diferentes, com pelo menos oito diferentes línguas faladas. A maioria das cartas está escrita em francês, mas também há cartas em inglês e em alemão. Apesar da variedade de nacionalidades não se registam dificuldades de entendimento devido a diferenças linguísticas.

O conteúdo das missivas é bastante diverso, como seria de esperar, sobressaindo tematicamente a discussão em torno da comparação de características taxonómicas entre espécimes em diferentes localizações e a negociação da troca de colecções entre instituições. Esta troca, por compra ou por doação de colecções, apresenta características próprias e podem ser analisadas a partir de diferentes categorias: a *compra* por transacção financeira; a *troca* de duplicados entre museus; e a *doação* de colecções privadas.

A compra de colecções é sempre feita com a apresentação de garantias de autenticidade, tendo-se muitos coleccionadores e negociantes em Paris tornado referências para o meio da , apesar de desenvolverem o seu trabalho fora das Universidades ou dos Museus.

¹¹³ Barão de Castelo de Paiva, “Monographia Molluscorum Terrestrium, Fluviarium, Lacustrum Insularum Maderensium”, *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Classe de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, Nova Serie, Tomo IV, Parte I (Lisboa: Typ. da Academia, 1869) XVIII.

Ofereço-lhe material de primeira qualidade. De algumas espécies, apenas tenho um único exemplar. (...) Tenho também (...) espécies (...) todas identificadas pelo Sábio Ictiólogo Professor Bleccker [sic].¹¹⁴

Neste excerto, os bens que o coleccionador Adolphe Boucard (1839-1905) pretende vender são legitimados e autenticados através da referência à autoridade de Pieter Bleeker (1819-1878), um conhecido ictiólogo. A ligação entre Boucard e Bleeker confere às suas colecções de peixes o reconhecimento que pretende, pois Bleeker fez a identificação dos exemplares, atribuindo a esta colecção interesse científico reconhecido para um museu.

Outro tipo de transacção, característica dos museus de história natural é a troca de colecções de duplicados entre museus. Esta troca é, tipicamente, uma troca directa, ou seja, as remessas entre dois museus são, ou tentam ser, recíprocas e quando se estabelece uma destas relações, em princípio, ela mantém-se ao longo do tempo. Assim, as colecções de duplicados têm uma função dupla num museu, pois para além de servirem o ensino ou a exposição pública, possibilitam as condições de troca por exemplares em falta.

A doação de colecções é uma terceira modalidade para o aumento de colecções de um museu. Na troca de correspondência com o diplomata George Henry Barnet Lyon (1848-1918) durante o ano de 1868, é visível a economia da dádiva que também pode caracterizar a circulação de colecções de história natural. Barnet Lyon, diplomata holandês na Bélgica, é irmão do cônsul português no Suriname e contacta Bocage servindo de intermediário entre os dois. Em questão está a oferta de uma colecção de 150 modelos tridimensionais de frutos exóticos americanos para o Museu de Lisboa. Em troca desta oferenda, o cônsul português em Paramaribo, Suriname, recebe uma condecoração honorífica. Em Abril de 1868,¹¹⁵ Barbosa du Bocage recebe uma carta de agradecimento pela nomeação como «Cavaleiro» da Ordem da Conceição de Vila Viçosa. As comodidades oferecidas ou doadas, sejam colecções científicas, ou outros materiais, não são transferidas com o intuito de receber lucro material ou tangível mas antes em troca de prestígio social. Neste caso particular, uma colecção de modelos de

¹¹⁴ «C'est le premier choix que je vous offre. De certaines espèces, je n'ai qu'un seul exemplaire. (...) J'ai aussi (...) espèces (...) tous nommés par le Savant Icthiologue Professeur Bleccker [sic].» Cf. AHMB CE.B.27 [A. Boucard para Barbosa du Bocage, 12 de Agosto de 1873].

¹¹⁵ Cf. AHMB CE.L.23 [Sally Lyon para Barbosa du Bocage, Abril de 1869].

botânica foi convertida num título honorífico, dando a indicação de como a circulação dos objectos de história natural é também um exercício de troca de capital simbólico.

Um dos aspectos que também vale a pena salientar é o papel de intermediário que Bocage ocupa, desta vez entre especialistas em zoologia e a Coroa portuguesa.¹¹⁶ A inclinação de D. Pedro V para as Letras, fez com que o Palácio das Necessidades, ocupado até à sua morte prematura, possuísse um museu com colecções zoológicas e mineralógicas de alto nível, que posteriormente foram doadas por D. Luís ao Museu de Lisboa.

A comunidade de naturalistas, da qual Bocage passa a fazer parte, mostra-se também empenhada num progresso do conhecimento que tem como característica estar em constante ampliação. Uma particularidade interessante que se retira da leitura de muitas destas trocas epistolares é a do entendimento mútuo e partilhado de que o conhecimento taxonómico se constrói a partir de uma comunicação intensa e de uma observação crítica e de reflexão, que circula na comunidade de especialistas. Na citação seguinte, as alterações propostas por Bocage ao artigo do americano Daniel Giraud Elliot (1835-1915) são entendidas como um acréscimo a um conhecimento que é universal e que corresponde a uma realidade que deve ser descoberta colectivamente:

Agradeço-lhe pelas observações sobre o Bucorvus, se cometo um erro, desejo que me corrijam. Tendes razão e eu estou em falha (...). Procuramos apenas a verdade, e para esse objectivo é necessário que nos corrijamos uns aos outros. (...) Para saber de onde corre o rio, é necessário subir à nascente.¹¹⁷

A expressão «Para saber de onde corre o rio, é necessário subir à nascente», é uma marca clara do *cientismo* presente também na sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX. A realidade, natural ou política, é tida como

¹¹⁶ «Informé par Mon. [Monsignore] José Vicente Barboza du Bocage du favorable accueil que votre Majesté a bien voulu faire à ma Monographie des genres Galatea et Fisheria, et encouragé par cette haute bienveillance j'ose prendre encore la liberté, Sire, de venir offrir une autre variété rare de la Galatea Bernardii». Cf. AHMB CE.B.14 [A. C. Bernardi para Dom Pedro V (via Barbosa du Bocage), não datada (1861)],

¹¹⁷ «Je vous remercie pour vos observations au sujet des Bucorvus et quand je fais quelques fautes, je veux bien qu'on me corrige. Vous avez raison, et je suis en erreur [...]. Nous cherchons que la verité, et dans ce but il faut nous corriger les uns les autres. [...] Pour savoir d'ou vient la fleuve il faut monter à la source.» Cf. AHMB CE. E.08 [D. G. Elliot para Barbosa du Bocage, 01 de Novembro de 1877].

possuindo uma só solução, tal como um puzzle. Mesmo com opiniões ou caminhos diferentes, o resultado final deve ser só um.

A correspondência com Elliot foi trocada durante a sua estadia em Paris em 1877. É o testemunho de um intenso intercâmbio de ideias acerca do bico de uma ave, um caracter distintivo da espécie *Bucorvus*. As correcções que Bocage propôs, por iniciativa própria, para o artigo de Elliot desencadeiam uma intensa troca de informações em busca da precisão acerca dos caracteres que distinguem duas subespécies entre si, discutindo a possibilidade dos caracteres que estão a ser tomados em conta serem, de facto, diferenças entre exemplares juvenis e adultos. Como os espécimes-tipo que serviram para as descrições de cada uma das subespécies sugeridas pelos diferentes autores, se encontram dispersos por várias instituições a comparação revela-se complexa. Para a resolução deste problema, Elliot sugere o contacto com o artista John Gerrard Keulemanns (1842-1912), célebre ilustrador de ornitologia. Com a ajuda da ilustração do exemplar descrito por Hermann Schlegel (1804-1884), que se encontra no Museu de Leiden, e com a sua comparação com o de Lisboa, descrito por Bocage, poder-se-á determinar se o exemplar do Museu de Lisboa se refere a uma espécie ainda desconhecida.¹¹⁸

Muitos são os exemplos na sua rede de correspondentes, que mostram como Barbosa du Bocage se coloca numa situação em que está conectado com uma série de instituições e de especialistas. Este processo de pertença a uma rede é cumulativo. A relação com um especialista de determinado museu pode resultar numa nova relação com alguém, por sua vez, pertencente a uma nova rede. A 2 de Abril de 1863, Barbosa du Bocage dirige-se a Albert Günther (1830-1914), encarregue desde 1857 da classificação da colecção herpetológica do Museu Britânico, via um amigo comum, Mr. Lowe. Depois do pedido para estabelecer um processo de troca de duplicados, Bocage faz directamente um pedido delicado:

Permita-me Senhor, que me dirija a si para lhe comunicar os resultados das minhas investigações e para lhe pedir assistência e conselho? Não tendo aqui ninguém que me possa orientar neste estudo tão difícil, e privado mesmo de

¹¹⁸ «Si le *guineensis* Schlegel, actuellement possède la plaque, c'est possible que mon *pyrrhops* est le même, mais en ce cas votre oiseau sans plaque est une espèce inconnu.» Cf. AHMB CE.E.09 [Carta de D. G. Elliot para Barbosa du Bocage, 01 de Dezembro de 1877].

quaisquer leituras indispensáveis, será para mim uma verdadeira felicidade poder recorrer às suas luzes.¹¹⁹

Bocage recorre abertamente à República das Letras para suprir a falta de orientação e de suporte científico que sente em Lisboa. Neste apelo não está em causa defender a honra dos estudos feitos em Portugal. Assumir que não há em Portugal e em Lisboa quem o possa guiar, é assumir a importância de uma República das Letras, da comunidade de naturalistas europeus que, esses sim, são o garante da qualidade dos estudos zoológicos. Por sua vez, anos mais tarde, é Eduardo Boscá (1844-1924) que se socorre das relações do seu colega e amigo Ignacio Bolívar (1850-1944) para se dirigir a Barbosa du Bocage com as seguintes palavras:

Caro Senhor, É confiando na *boa vontade* que sempre reina *entre todos* os que se dedicam ao estudo da natureza, e *animado pelo meu amigo Mr. I. Bolivar*, que me falou da sua bondade, que ousou vos escrever para pedir alguns conselhos sobre um exemplar de Batráquio do género *Hyperolius*, cuja espécie não conheço.¹²⁰

Em primeiro lugar, Boscá faz menção ao *interesse desinteressado* da República das Letras e dos que nela se dedicam ao estudo da natureza, mencionando um grupo a que ambos pertencem. Para além disso, Boscá dirige-se a Bocage, como *amigo* de Bolívar, que já tem relação estabelecida com Bocage, o que lhe confere uma posição mais favorável para iniciar a troca de informações que pretende. Muitas trocas epistolares, como esta, iniciam-se a partir de um conhecido comum às duas partes, o que mostra a natureza cumulativa da República das Letras.

Em 1893, Oskar Boettger (1844-1910), curador de herpetologia do Museu Senckenberg, em Frankfurt dirige-se a Bocage acerca de um trabalho sobre herpetologia africana e sobre o género *Dendroaspis* [mamba africana]:

¹¹⁹ «Me permettez-vous, Monsieur, de m'adresser à vous pour vous communiquer les resultats de mes recherches et pour vous demander assistance et conseil? N'ayant ici personne qui puisse me diriger dans cet étude assez difficile, privé même de quelques livres indispensables, ça serait pour moi une veritable bonheur de pouvoir recourir à vos lumières.» Cf. AHMB CN.B.32 [Cópias dos manuscritos da correspondência recebida pelo British Museum, dirigida a A. Günther e enviada por Barbosa du Bocage].

¹²⁰ «Honoré Monsieur, C'est en confiant en la *bienveillance* qui règne toujours parmi ceux qui se dédient à l'étude de la nature et *animé par mon ami Mr. I. Bolivar* qui m'a parlé de votre bonté, que j'ose vous écrire pour demander quelques renseignements sur un exemplaire de Batracien du genre *Hyperolius* dont je ne connais pas l'espèce.» Cf. AHMB CE.B.24, Carta de E. Boscá para Bocage, 11 de Julho de 1876 (ênfase meu).

Em atenção à sua Dendr. Neglecticus eu coloquei-a anteriormente na sinonímia jamesoni (sob a denominação fasciolatus Fisc.), coisa que fiz talvez um pouco precipitadamente considerando o pouco material que tinha. Presentemente vejo que a dispersão pelos 3 grandes territórios africanos, que você me fez notar, é muito bem em concordância com a sua maneira de ver, e renovarei as minhas comparações para resolver o valor específico da sua D. neglectus.¹²¹

A mudança de estatuto que Bocage logrou obter com o seu trabalho com o Museu de Lisboa é visível através da análise da sua correspondência. Ao longo da segunda metade do século XIX, o seu nome e o do Museu de Lisboa passam a ser um nodo incontornável da rede de museus e especialistas em zoologia.

Entre a primeira publicação em zoologia, em 1857, e o final da sua carreira como zoólogo reconhecido internacionalmente, Barbosa du Bocage transforma-se de 'aprendiz' em 'sábio', conseguindo uma posição de autoridade para si próprio e para o Museu de Lisboa. Em 1857, era Bocage quem se dirigia a outros sábios para obter conselhos e ensinamentos acerca de correctas determinações taxonómicas, agora, anos depois, é ele que ocupa o lugar de sábio e perito em zoologia africana.

¹²¹ AHMB CE.B.21 [Carta de O. Boettger para Bocage, 16 de Maio de 1893].

6. Administração Colonial e Expertise Científico

No sábado de 7 de Julho de 1877 (7-7-77), «um soberbo dia, assoalhado e fresco, luminoso e estimulante» o paquete *Zaire*, da carreira de Angola, partiu de Lisboa em direcção a África. Nele seguia «a expedição geographica portugueza que ia como que representar o paiz na gloriosa e dura campanha do desvendamento scientifico dos sertões africanos»¹²². No *Zaire* seguiam Alexandre Alberto Rocha Serpa Pinto e Hermenegildo Brito Capelo. Roberto Ivens iria juntar-se-lhes mais tarde em Luanda. Esta seria a primeira expedição científica portuguesa ao sertão africano com o apoio do ministério da Marinha e Ultramar, que tinha formado um ano antes a *Commissão Central Permanente de Geographia*,¹²³ e com o apoio da recém-formada *Sociedade de Geographia de Lisboa*¹²⁴, com dotação de trinta contos de réis e objectivos aprovados pelo Decreto de 11 de Maio de 1877.

Esta expedição tinha como objectivos «explorar, no interesse da sciencia e da civilização, os territorios comprehendidos entre as provincias de Angola e Moçambique, e estudar as relações entre as bacias hydrographicas do Zaire e do Zambeze»¹²⁵. Logo depois de se ter organizado uma conferência internacional em Bruxelas que demonstrou, abertamente, os interesses do Rei Leopoldo da Bélgica na bacia do rio Congo, Portugal reagiu de modo a poder acompanhar as restantes nações europeias.

Fundada em 1830, a *Royal Geographic Society* de Londres foi uma instância legitimadora das missões de David Livingstone (1813-1873), e não só, pelo interior do continente africano. A iniciativa privada e a forte publicidade nos jornais da época fizeram parte integrante do movimento *civilizador* europeu em África. As viagens e os relatos de Henry Morton Stanley (1841-1904), na década de 1870, causaram grande sensação no público americano e europeu. A publicação de

¹²² Luciano Cordeiro, «A Expedição Geographica Portugueza á Africa Austral», *Occidente*, Vol.1, Nº1 (1 de Janeiro de 1878), 6-7, 6.

¹²³ A *Commissão Central Permanente de Geographia* foi criada no âmbito do Ministério da Marinha e Ultramar, por Andrade Corvo através do Decreto de 17 de Fevereiro de 1876.

¹²⁴ A Sociedade de Geografia de Lisboa teve a sua primeira reunião de fundadores em 1875, embora os seus estatutos e as suas primeiras publicações sejam de 1876.

¹²⁵ J. S. Ribeiro, *Op. Cit.* [45], 70.

diários de viagem foi primeiro alvo de grande curiosidade e, logo depois, a evidência para a contestação de primazia e ‘descoberta’ em favor das nações europeias mais envolvidas no movimento que se veio a chamar *Scramble for Africa*. O olhar renovado sobre o continente africano, visto agora como um potencial de matéria-prima imenso, fez confluír na Europa interesses privados, políticos e científicos. O domínio territorial em África construiu-se através da legitimidade do *conhecimento* técnico e científico que marca o discurso da *missão civilizadora*. Conhecer a realidade do continente desconhecido equivale ao domínio político e, conseqüentemente, comercial das riquezas naturais escondidas do sertão africano.

É também nesta mesma data (7-7-77), que Barbosa du Bocage simbolicamente assina o preâmbulo do seu primeiro livro *Ornithologie d'Angola*. Esta obra consiste na compilação actualizada de mais de vinte listas ornitológicas que foram publicadas desde 1863 pela secção zoológica do Museu de Lisboa. O título completo da obra é *Ornithologie d'Angola. Ouvrage publié sous les Auspices du Ministère de la Marine et des Colonies*. Para além de ser publicada pelo Presidente da Sociedade de Geografia em exercício, Barbosa du Bocage, o enquadramento político que subsidia esta publicação é o Ministério do seu amigo e colega João de Andrade Corvo.¹²⁶ O conhecimento e o estudo das colónias com enfoque especial em África é, ao mesmo tempo, uma parte da agenda de Barbosa du Bocage para o museu e um interesse político das nações europeias, traduzido na organização de *expedições científicas*.

A tipologia das obras científicas de Bocage, em investigação sistemática, ao contrário do que possa parecer, não serve apenas como inventariação das colecções e descrição das salas de um museu. Mesmo fazendo parte da geração de zoólogos que assistiram à discussão da *Origem das Espécies* de Charles Darwin, muitos naturalistas se dedicaram ao estudo taxonómico como construção de uma base empírica primordial. Sobre a obra *Ornithologie d'Angola*, Germano Sacarrão diz que Bocage «atribui uma importância essencial à variabilidade da espécie ao

¹²⁶ Numa carta de Andrade Corvo para Bocage em 1871, lê-se «Já saberás que me apanharam para Ministro dos Negocios Estrangeiros: n'esta posição talvez te possa ser útil n'alguma cousa.» Lote 79 (manuscrito autógrafa de 14 de Setembro de 1871) in Luís P. Burnay e Rita Burnay (Orgs.) *Catálogo de um seleccionado Leilão de Manuscritos, Autógrafos e Fotografias. 13 de Dezembro de 2008* (Lisboa: Fotogravura União, Lda., 2008).

longo da respectiva área geográfica»¹²⁷. E vai ainda mais longe, contextualizando o trabalho de Bocage com o dos seus pares fundadores da «nova» Sistemática:

(...) uma concepção biológica da espécie como unidade não uniforme e estreitamente vinculada a uma área geográfica ao longo da qual existe uma variabilidade intra-específica dependente (como hoje se sabe) da combinação de factores genéticos, geográficos e ecológicos que para esses e outros antigos taxonomistas era devida a efeitos lamarquianos.¹²⁸

Barbosa do Bocage privilegiou uma ideia de ciência fundamentada numa *objectividade estrutural*, desfavorecendo a generalização e a teoria. Baltasar Osório também aproxima Bocage do naturalista francês Jean-Baptiste Lamarck (1744-1829). Osório enumera vários momentos da carreira de Bocage em que ele se depara com as evidências da variabilidade dentro da espécie, notando a possibilidade de generalização e de teorização. Apesar das oportunidades, Bocage prefere nunca *expor* esses argumentos que lhe trariam o «louvor de todos os *sectários d'esta doutrina* [transformismo]». ¹²⁹ Isto é, para Osório, Bocage mantém-se distante do campo da discussão entre teorias, para o qual poderia ter contribuído com diversas provas. Mesmo possuindo provas que corroboravam uma das *doutrinas* do seu tempo, Bocage não participa da discussão tomando um partido ou outro. Ao contrário, na construção específica desta *persona*, Bocage esforça-se para não 'ceder' à subjectividade implícita às teorias, correspondendo ao conceito de *objectividade estrutural* proposta por Lorraine Daston e Peter Galison.¹³⁰

A expedição de 1877

Mais do que a *descoberta* de novos territórios, a Europa da segunda metade do século XIX vai concentrar-se na noção de *influência civilizadora* sobre os territórios colonizados. A Europa representa-se a si própria como um centro político cuja bandeira é o progresso e a civilização, conceitos que conjugam força política com potencial técnico-científico. A expansão europeia para o continente

¹²⁷ Germano Sacarrão, "As origens dos estudos zoológicos portugueses", *Naturália*, Vol. IV (1953), 15-40, 33.

¹²⁸ Germano Sacarrão, *Op. Cit.* [127], 34.

¹²⁹ B. Osório, *Op. Cit.* [1], 34.

¹³⁰ Cf. Conceito de objectividade estrutural articulado como parte de um *ethos* característico in L. Daston, *Op. Cit.* [26], 257-265.

africano, como a expressão *Scramble for Africa* indica, foi representada como uma corrida aos produtos e matérias-primas africanas, e explicitamente como uma solução para o problema do escoamento dos produtos da Europa industrializada.

Mesmo encontrando-se na periferia europeia, desde há muito que Portugal mantinha direitos e deveres no território africano. Mas se as possessões na costa africana eram razoavelmente bem delimitadas e controladas, os territórios do sertão estavam à mercê da influência de outras nações que empreendessem ligações com os régulos locais.

Um dos objectivos da constituição da Sociedade de Geografia de Lisboa, embora não o único, foi claramente organizar a participação portuguesa no conhecimento científico do território africano, pelo menos na área entre as duas costas de domínio português, Angola e Moçambique. Assim, uma das primeiras iniciativas da Sociedade de Geografia foi elaborar uma proposta, para apresentar ao governo, defendendo a «conveniencia scientifica, economica e política de se emprehender uma expedição portugueza através do sertão africano, de costa a costa, prestando-se a Sociedade a promover uma subscrição nacional para auxiliar este emprehendimento».¹³¹

Quase em simultâneo, a *Sociedade de Geografia de Lisboa*, uma entidade particular e a *Comissão Central Permanente de Geografia*, um organismo oficial, irão discutir o mesmo problema, a necessidade organizar uma expedição portuguesa ao sertão africano. Andrade Corvo, na sessão de 21 de Outubro de 1876, pediu aos vogais da Comissão que se «formulasse um plano geral da expedição portuguesa à Africa que, depois de discutida e aprovada pela Comissão, deveria ser proposta ao Governo.»¹³²

Em jogo encontram-se várias decisões a tomar, entre dois tipos de projecto para a expedição. Se seguiriam duas expedições uma partindo de cada costa, e que se encontrariam no centro; ou se seguiria uma expedição de atravessamento costa-a-costa ou uma expedição de reconhecimento hidrográfico mais delimitada na área geográfica. Segundo o estudo de H. Gabriel Mendes:

¹³¹ Sociedade de Geografia de Lisboa, *Actas da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Vol.1 (1876-1881) 11.

¹³² H. Gabriel Mendes, “As origens da Comissão de Cartografia e a acção determinante de José Júlio Rodrigues, Luciano Cordeiro e Francisco António de Brito Limpo. A história política das explorações africanas de Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e Serpa Pinto”, *Separata da Revista do Instituto Geográfico e Cadastral*, 2 (1982) 7-48, 13.

(...) para o Dr. Barbosa du Bocage, o que era necessário era fixar claramente o intuito da expedição, sem prejuízo do que pertencia ao Governo e ao poder legislativo definir e resolver (...). Considerando a expedição dividida em dois grupos, a um destinar-se-ia a tentativa de penetrar na região ignorada do Congo, e ao outro a de descer esse mesmo rio para o sul, explorando o território confinante com a nossa dominação ou ainda sujeito a ela.¹³³

Tendo em conta que o atravessamento costa-a-costa era já conhecido pelas rotas de pombeiros e demais comerciantes, o projecto de partir um grupo de cada costa era considerado um grande aumento de despesa. Mendes acrescenta mais uma opinião emitida por Barbosa du Bocage:

Por si só a expedição não nos conquistaria o lugar que nos competia no movimento civilizador, e no seu entender deveríamos tratar seriamente de uma reforma radical e profunda da nossa administração colonial e dos hábitos e tradições deploráveis dessa administração, que eram as verdadeiras causas da má vontade que a dominação portuguesa em África encontrava, e das contrariedades impostas à posse efectiva da nossa soberania no Zaire¹³⁴ e outras regiões.¹³⁵

A história das discussões que o projecto para a expedição de 1877 desencadeou não cabe no âmbito deste texto. Sobretudo interessa aqui mostrar como esta é uma iniciativa que parte tanto do aval do governo como do apoio da Sociedade de Geografia de Lisboa que se organiza em torno de um plano concreto de reabilitação da administração das colónias africanas.

A partir de Março de 1877, já com Barbosa du Bocage na presidência, a Sociedade de Geografia forma a *Comissão Nacional de Exploração e Civilização de África*, que vai ficar conhecida como a *Comissão de África* e que tem por finalidade:

- a) Estudar e promover publica e particularmente, e dentro e fora do território portuguez as explorações, progressos e medidas a empreender e realizar no intuito de tornar melhor conhecido e aproveitado pela sciencia, pelo comercio e pela industria o continente africano;
- b) Reforçar nele a acção civilisadora, particularmente a portugueza, pelo meio indicado no paragrafo antecedente, pelo estudo das reformas a realizar na

¹³³ H. G. Mendes, *Op. Cit.* [132], 14.

¹³⁴ Apesar de nem sempre designarem o mesmo objecto, a palavra Zaire ou Congo é muitas vezes usada intermutavelmente nas fontes da época, e pode ainda aparecer usada tanto para a descrição do rio como da região que lhe é limítrofe. O uso de Congo é usado maioritariamente por Stanley e pelo Rei Belga, o que faz com que possivelmente a palavra Zaire seja usada por portugueses com significado político. Zaire é comumente a designação da bacia do rio e do seu trajecto final ao entrar no Oceano, ao passo que Congo é a designação usada para a secção do rio ao longo do interior do continente.

¹³⁵ H. G. Mendes, *Op. Cit.* [132], 14.

administração colonial africana, e por todos os meios tendentes a continuar a tradição abolicionista de Portugal.¹³⁶

Nesta citação é evidente a consonância entre objectivos científicos, económicos e políticos no discurso que defende o progresso e a civilização. Por outro lado, é também notável a posição híbrida que a Sociedade de Geografia ocupa na sociedade portuguesa, entre a iniciativa privada e a administração pública. Não sendo uma estrutura governativa nem partidária, este grémio tem, desde o início, como propósito fortalecer a capacidade do estado e participar na reforma administrativa colonial. Barbosa du Bocage, não sendo um fundador da Sociedade de Geografia, participa neste projecto desde o seu início, e faz, simultaneamente, parte do projecto ministerial de Andrade Corvo, a *Comissão Central Permanente de Geografia*, enquadrada no Ministério dos Negócios da Marinha e do Ultramar.¹³⁷ A preocupação pelos destinos do país e a proposta proactiva de soluções e alternativas dentro de uma estrutura que é não-governamental e não-partidária confere um estatuto interessante à Sociedade de Geografia, enquanto objecto de estudo. E muito aliciante para as personagens que, como Bocage, se manifestam (retoricamente ou não) alheadas dos cargos políticos e desgastadas pelo funcionamento das estruturas partidárias.

A expedição de Serpa Pinto, Capelo e Ivens renova o interessa sobre as colónias africanas e aproxima a possibilidade de Portugal vir a ter um *explorador* como Stanley ou V. L. Cameron (1844-1894). Um atravessamento costa a costa é um acontecimento que não passaria despercebido à cultura popular europeia, ávida de histórias entusiasmantes de perigos e aventuras no desconhecido continente negro. Portugal precisava de um *intrépido explorador*. Como acto simbólico, antes da partida, «em sessão solene especialmente convocada para o efeito, foi-lhes oferecida uma bandeira nacional»¹³⁸ para acompanhar a exploração portuguesa ao longo de todo o percurso.

Os planos iniciais são gorados quando, logo depois da chegada a Luanda, os viajantes portugueses recebem a notícia de que Stanley tinha acabado de fazer

¹³⁶ Sociedade de Geografia de Lisboa, *Op. Cit.* [131], 37-38.

¹³⁷ Cf. H. Gabriel Mendes, *Op. Cit.* [132], 11. Tanto Luciano Cordeiro como Barbosa du Bocage fizeram parte dos vogais efectivos desta Comissão. Curiosamente, Andrade Corvo nunca fez parte da Sociedade de Geografia de Lisboa.

¹³⁸ H. Gabriel Mendes, *Op. Cit.* [132], 18-19.

uma travessia pelo Zaire. Os exploradores, em conjunto, decidem mudar os planos previstos e rumar ao Sul para a exploração das bacias hidrográficas do Zambeze. A comissão do governo que concedia o financiamento para esta expedição também estabelecia um plano geral para a exploração, com a adenda que os exploradores, no terreno, pudessem decidir sobre a rota específica a tomar.

Decidimos, que fôsse eu ao Sul procurar carregadores em Benguelle; e que, se ali os obtivêsse, entrássemos pêla foz do rio Cunene, subindo-o até ás suas nascentes; e depois seguíssemos com os nossos estudos para S.E., até ao Zambeze.¹³⁹

Inicialmente a expedição encontra vários problemas de adaptação à sua missão. A carga que levam é pesada e não é fácil encontrar carregadores em número suficiente. O objectivo dos primeiros tempos, para além de proporcionar ocasião para os oficiais se adaptarem ao clima e às condições de uma expedição tão longa, era conseguir o número de carregadores necessário, tarefa nada fácil pois «nada mais desagradavel pode haver para quem quer viajar em África, e tem 400 cargas, do-que dizer-se-lhe: Não ha carregadores.»¹⁴⁰ Os exploradores tentam contactos com várias figuras importantes (em Luanda, o Governador Geral; em Cabinda, o explorador Stanley; em Belmonte, o influente António Francisco da Silva Porto (1817-1890), etc.) que lhes possam conseguir contactos para arranjar um grupo sólido e consistente de carregadores de confiança.

Sempre com mais cargas do que carregadores disponíveis, o curso das primeiras semanas é errante, mas segue por terras conhecidas. Em Caconda reúnem-se a José d'Anchieta, encontro que Serpa Pinto descreve com um dramatismo paralelo ao da famosa frase de Stanley: «Dr. Livingstone, I presume?»:

(...) vi entre os meus companheiros um homem de estatura mais que mediana, aspecto macilento, testa ampla e elevada, olhar pouco fixo, trajando casaca e gravata branca, que o Capello me apresentou, dizendo-me, "Aqui tem José d'Anchieta." Estava diante de mim o primeiro explorador zoologista d'Àfrica, esse homem que tinha passado 11 annos nos sertões d'Angola, Benguella, e Mossamedes, enchendo as vitrinas do museu de Lisboa com valiosissimos exemplares.¹⁴¹

¹³⁹ Serpa Pinto, *Como eu atravessei África*, Vol. I (Londres: Sampson Low, Marston, Searle, e Rivington, 1881), 25.

¹⁴⁰ Serpa Pinto, *Op. Cit.* [139], 16.

¹⁴¹ Serpa Pinto, *Op. Cit.* [139], 63.

Encontrar Anchieta é um encontro com um explorador experiente e com um homem de ciência que merece respeito tanto pelo trabalho científico que produz com Bocage como também merece «o respeito dos Portuguezes seus compatriotas; porque, trabalhador infatigavel, tem sabido honrar o seu paiz, conservando-se elle mesmo honrado e pobre, no meio do vicio e da desmoralização que lavra nas terras em que vive». ¹⁴² A reunião com Anchieta versa naturalmente sobre o «Dr. Bocage», que Serpa Pinto descreve, a propósito dos laços que unem Anchieta e Bocage, como o «homem que completa na Europa o trabalho que [Anchieta] começa em África». ¹⁴³

Da história da expedição de 1877, não fazem apenas parte os viajantes, Capello e Ivens e Serpa Pinto. Em Lisboa, o *naturalista de gabinete* Barbosa du Bocage continua a desempenhar o seu papel no museu, que funciona como um centro de acumulação para os espécimes de fauna africana. Também a expedição de 1877 teve instruções de remeter exemplares zoológicos para o Museu de Lisboa e da carga que levavam os exploradores faziam parte «[d]uas caixas, contendo o necessario para conservar exemplares zoológicos e botânicos [que] nos fôram enviadas pelos S^{nrs.} Dor. Bocage e Conde de Ficalho.» ¹⁴⁴

Depois das peripécias iniciais e das dificuldades inesperadas, Serpa Pinto vai interpretar o projecto da expedição como uma missão de *atravessamento* deixando Capelo e Ivens para trás. De um grupo expedicionário, para poupar despesas, passou-se a ter duas expedições com propósitos completamente diversos. A expedição de Capelo e Ivens vai fazer cumprir o propósito do projecto inicial, e tomar a si a árdua tarefa de determinação geodésica e hidrográfica da bacia do Zambeze, numa missão de reconhecimento científico do território, que tem de ser executada sistematicamente e cujo resultado é um conjunto de mapas rigoroso e actualizado. A expedição de 1877 é, afinal, dividida em duas. De um lado, os oficiais Capelo e Ivens irão cumprir o que lhes foi pedido pelo Governo e, do outro, Serpa Pinto, irá desempenhar a persona de *intrépido explorador*. Para descrever o

¹⁴² Serpa Pinto, *Op. Cit.* [139], 65.

¹⁴³ Serpa Pinto, *Ibidem*.

¹⁴⁴ Serpa Pinto, *Op. Cit.* [139], 14.

momento da sua decisão, «Decidi seguir ávante»¹⁴⁵, Serpa Pinto usa o adágio romano «*audaces fortuna juvat*»¹⁴⁶.

Serpa Pintovai empreender a maior viagem da sua vida, atravessando o continente africano. *Como atravessei África*, o título do livro com a descrição na primeira pessoa das suas façanhas, conta a história desta viagem *épica*, finalmente construindo para Portugal uma primeira figura de *explorador*, de destaque e reconhecimento internacional.

As viagens n'Àfrica produzem sempre um romance, e algumas vêzes tambem um livro de sciencia.¹⁴⁷

Serpa Pinto publica o seu livro em inglês e em português, ambas as edições produzidas e impressas em Londres, acompanhadas por ele. O livro *Como atravessei África* é dedicado a D. Luiz I e a Andrade Corvo. Nos agradecimentos, Serpa Pinto menciona as várias instituições e personalidades que coadjuvaram o projecto desta expedição, e expressa o desejo que o livro «venha a dar novos incitamentos á grande e sublime cruzada do século XIX, a cruzada da civilização do Continente Nêgro».¹⁴⁸

Depois de regressar a Lisboa, a 16 de Junho de 1879, no Salão Trindade, Serpa Pinto deu a sua primeira conferência pública, com apoio de Barbosa du Bocage e Jayme Batalha Reis (1847-1935)¹⁴⁹.

Nesta conferência presidida por D. Luiz I e D. Fernando e também por Barbosa du Bocage, como Presidente da Sociedade de Geografia, Serpa Pinto termina o seu discurso com uma acção simbólica. Assim como na cerimónia de lançamento da expedição, os exploradores tinham recebido uma bandeira nacional, agora era Serpa Pinto quem retribuía à Sociedade de Geografia «a bandeira que serviu na [sua] expedição»¹⁵⁰. Barbosa du Bocage, que ainda não se

¹⁴⁵ Serpa Pinto, *Op. Cit.* [139], 80.

¹⁴⁶ «A Fortuna favorece os audazes» Cf. Serpa Pinto, *Op. Cit.* [139], 80.

¹⁴⁷ Serpa Pinto, *Op. Cit.* [139], xxi.

¹⁴⁸ Serpa Pinto, *Op. Cit.* [139], xx.

¹⁴⁹ Ao tempo, J. Batalha Reis era, para além de sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa, Professor substituto do Instituto Agrícola (o proprietário da cadeira era Andrade Corvo), colaborador do periódico *Occidente*, e tinha feito parte, em 1876, da Comissão para a Exposição Internacional de Filadélfia.

¹⁵⁰ Manuel Ferreira Ribeiro, *As conferencias e o itinerario do viajante Serpa Pinto atravez das terras da Africa austral nos limites das provincias de Angola e Moçambique, Bié a Shoshong, Julho a Dezembro de 1878. Estudo critico e documentado contendo duas cartas geographicas* (Lisboa: Typographia Nova Minerva, 1879), 148.

tinha manifestado, ao receber a bandeira das mãos de Serpa Pinto, faz um discurso de encerramento cheio de emoção:

A bandeira, que o *intrepido explorador* nos oferece, é um trophéu glorioso, que a Sociedade guardará com o maior cuidado, porque lhe recorda um dos factos que mais illustra nos tempos modernos a sociedade em geral, mas sobretudo alcança para o nosso paiz honra immorredoura. (...). Esta bandeira ha de perpetuar, entre nós, a memoria d'este acto heroico que colloca o sr. Serpa Pinto a par dos mais respeitaveis nomes dos antigos portuguezes.¹⁵¹

Mas não é só ao nível nacional que Bocage considera o feito de Serpa Pinto:

A viagem do nosso illustre consocio concorrerá para demostrar com os mais certos e seguros dados da *sciencia moderna* a injustiça com que se tem pretendido apagar vestigios que attestavam os nossos descobrimentos; concorrerá para estabelecer o *commercio e a civilização* na Africa, e transformar aquellas raças selvagens (...). Esta bandeira, levada a regiões em grande parte desconhecidas para a sciencia, nunca percorridas por europeus, foi *annunciar o advento da civilização* (...).¹⁵²

No discurso de Barbosa du Bocage encontra-se resumido um conjunto de valores intrínsecos ao investimento europeu em explorações em África. A bandeira de Serpa Pinto simboliza a chegada da civilização aos territórios bárbaros. Mais do que um estandarte nacional, representa a “sciencia”, o “commercio e a civilização” europeias. Mais do que um explorador português, Serpa Pinto é um símbolo da penetração dos valores morais e das práticas culturais europeias.

A viagem de Serpa Pinto foi um sucesso para a imagem externa das expedições portuguesas¹⁵³. Mesmo que o trabalho científico, as observações e as medições astronómicas e geodésicas, não fosse convincente em absoluto, a prioridade parece ter sido *mostrar* Serpa Pinto como o explorador que tinha acabado de atravessar o desconhecido continente africano, tal como Livingstone, Cameron ou Stanley. A persona de *intrépido explorador* é consolidada e disseminada com a publicação, em 1881, do seu livro *Como atravessei África*. Capelo e Ivens também publicam um livro com as memórias da sua parte da viagem, no entanto, a recepção das notícias do trabalho de Capelo e Ivens não se compara à receptividade que recebeu o feito de Serpa Pinto. Depois da

¹⁵¹ M. F. Ribeiro, *Op. Cit.* [150], 148.

¹⁵² M. F. Ribeiro, *Op. Cit.* [150], 149.

¹⁵³ Apesar de contestado ao nível nacional pela falta de rigor científico nalgumas afirmações por geógrafos como Manuel Ferreira Ribeiro (1839-1917), sócio da Sociedade de Geografia, Cf. M. F. Ribeiro, *Op. Cit.* [150].

emocionante conferência no Trindade, Serpa Pinto parte para uma tournée europeia de conferências públicas em associações científicas, que resultam na sua notoriedade internacional e, também, na discussão alargada do tema político das fronteiras do território português em África. Em simultâneo com o acompanhamento da expedição, Luciano Cordeiro ia relatando no *Occidente* os feitos dos exploradores portugueses, contribuindo para a construção da *persona* de *intrépido explorador* para Serpa Pinto e os seus companheiros de viagem.

Também em 1881, o ano de publicação dos livros de viagem de Serpa Pinto, em Londres, e de Capelo e Ivens, em Lisboa¹⁵⁴, a Sociedade de Geografia de Lisboa publica um folheto de distribuição nacional lançando «Ao Povo Portuguez» uma subscrição nacional para angariação de fundos para o projecto de criação de «Estações Civilisadoras nos territórios sujeitos e adjacentes ao domínio Portuguez em Africa».¹⁵⁵ Na página final desta brochura encontra-se um mapa de África com a seguinte legenda: «Mappa d'África indicando as Estações civilisadoras portuguesas em projecto». No mesmo mapa estão representadas as rotas de exploração dos anos anteriores, e a zona considerada território português está colorida de carmim (a mesma cor que preenche o território de Portugal continental, ilhas e Guiné).

O projecto das «Estações» tinha como objectivo uma ocupação territorial efectiva, promovendo a ideia, pouco aceite em Portugal metropolitano, de que emigrar para o sertão africano era



Figura 11. “Mappa d’África” anexo in SGL, *Ao Povo Portuguez...* (1881).

¹⁵⁴ Hermenegildo Capello e Roberto Ivens, *De Benguela ás terras de Iácca*, 2 Vols. (Lisboa: Imprensa Nacional, 1881). Esta obra tem uma dedicatória inicial «À Nação Portuguesa», uma dedicatória a Andrade Corvo e ao Visconde de S. Januário e, depois, um agradecimento especial à autora anónima da bandeira nacional bordada que lhes tinha sido oferecida pela Sociedade de Geografia.

¹⁵⁵ Sociedade de Geographia de Lisboa, *Ao Povo Portuguez em nome da Honra, do Direito, do Interesse e do Futuro da Patria, a Comissão do Fundo Africano creada pela Sociedade de Geographia de Lisboa para promover uma Subscrição Nacional Permanente destinada ao estabelecimento de Estações Civilisadoras nos territórios sujeitos e adjacentes ao domínio Portuguez em Africa* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1881).

proveitoso economicamente. No folheto pode ler-se que as estações deveriam ser estabelecimentos «dirigidos por homens energicos, dedicados, patrioticos, ajudados por um certo numero de serviçaes europeus para ensino e para exemplo de um numero maior de indigenas (...). Assim crear-se-hão escolas, officinas; ensaiar-se-hão culturas, processos de acclimação e se procurará estabelecer relações amigas e de tráfico honesto com os indigenas.»¹⁵⁶

O projecto não logrou sucesso, mas disseminou a nível nacional uma representação do território africano considerado português. A faixa horizontal que liga a costa de Angola à costa de Moçambique, e que ficou conhecida como o «Mapa Cor-de-Rosa», aparece materializada visualmente e associada a um plano de *ocupação efectiva* do território.

É também no ano de 1881 que Bocage se jubila, trinta anos depois de ter ocupado pela primeira vez, como Proprietário, a 8ª Cadeira da Escola Politécnica. Apesar de deixar de ser o Lente Proprietário, o título que o fazia também responsável por dirigir a Secção Zoológica do Museu, vai manter a direcção da Secção. Finalmente, Bocage pode dedicar-se inteiramente aos trabalhos científicos, sem encargos escolares, como tinha desejado e requisitado aos seus superiores tantas vezes. No entanto, Bocage não é apenas um naturalista.

Em 1875, é eleito vice-presidente da Academia das Ciências de Lisboa e desde 1866 que fazia parte do Conselho Superior de Instrução Pública. Foi eleito Deputado da Nação em 1879 e fez parte das comissões de Instrução Pública, Saúde e Negócios Externos e do Ultramar. «Já com uma sólida reputação científica, Barbosa du Bocage afirmou-se no Parlamento pelo tratamento que deu às questões geográficas e coloniais».¹⁵⁷ No final de 1881, depois de jubilado, Barbosa du Bocage passa a acumular mais um cargo de responsabilidade política e toma posse como Par do Reino, a 25 de Janeiro de 1882. Ainda em 1881, é convidado a presidir a Secção Zoológica do Congresso Geográfico Internacional em Veneza.

No início de 1883, como mencionado no capítulo 2, Alberto Rocha Serpa Pinto escreve um perfil para o *Diario Illustrado* dedicado ao «doutor Bocage».¹⁵⁸ Este pequeno texto com direito a preencher toda a capa deste número inclui a

¹⁵⁶ SGL, *Op. Cit.* [155], 7.

¹⁵⁷ Z. Pereira, *Op. Cit.* [21], 396.

¹⁵⁸ A. Rocha [Serpa Pinto], *Op. Cit.* [10], 1-2.

gravura de Barbosa du Bocage. Inclui também, para além da narração pormenorizada da infância e juventude de Barbosa du Bocage e da menção dos seus feitos científicos, uma provocação em forma de pergunta:

Ninguem discute a capacidade do notavel zoologista como um dos mestres da actualidade em materias da sciencia que professa; mas será elle alguma cousa mais do que zoologo?¹⁵⁹

A partir deste momento, Serpa Pinto passa a discorrer acerca da relação própria que a zoologia tem dentro das outras ciências:

O mathematico póde ser só mathematico. O naturalista tem de ser geographo e o geographo tem de ser mathematico. Se ha sciencia que prenda com todos os conhecimentos humanos é de certo a philosophia natural. (...) *ser* zoologista é estudar a vida de cada ser, os seus costumes, o seu paiz, as funcções mais detalhadas do seu completo organismo.

O zoologista é sempre um grande geographo.¹⁶⁰

Serpa Pinto escreve um longo texto para concluir que «[n]ão podia por isso o dr. Bocage deixar de ser um geographo distincto sendo um mestre nas sciencias zoologicas». A relação entre saberes disciplinares é claramente vantajosa para a zoologia, mas a questão de fundo é o conhecimento dos assuntos coloniais.

Há uma teleologia implícita na construção destas linhas, e a partir deste parágrafo fica claro qual é propósito do texto. Serpa Pinto está a correlacionar todos os eventos e feitos da vida de Barbosa du Bocage para justificar o lugar que ocupa actualmente na sociedade portuguesa. Mais ainda, o conjunto de argumentos que Serpa Pinto articula neste texto constitui um autêntico programa político que coloca Barbosa du Bocage como o candidato ideal para o desempenho futuro de funções na política colonial portuguesa.

Serpa Pinto mostra um Bocage que «entregue ao estudo e ao trabalho, não lhe sobejava tempo para as lides mesquinhas da pequena politica» e, assim, relaciona o *desinteresse* pela política e a dedicação absoluta aos assuntos científicos, ao mesmo tempo que elogia ambas as atitudes como superiores. Para justificar, mais à frente, que Bocage tem capacidades para desempenhar cargos políticos é invocada de novo a retórica do *interesse desinteressado*, como se verifica na frase seguinte:

¹⁵⁹ A. Rocha [Serpa Pinto], *Op. Cit.* [10], 1.

¹⁶⁰ *Ibidem.*

Foi assim quasi *involuntariamente* que o dr. Bocage adquiriu conhecimentos geographicos coloniaes que o deviam conduzir a um logar distincto na commissão Central permanente de geographia e depois á presidencia da Sociedade de Geographia de Lisboa.¹⁶¹

O artigo continua, passando a descrever as participações políticas de Bocage como deputado e como membro do partido regenerador. A finalidade deste texto é justificar a nomeação de Barbosa du Bocage, semanas antes, para o cargo de Ministro da Marinha e Ultramar do governo de Fontes Pereira de Melo.

O anterior Ministro, José de Mello Gouveia (1815-1893) anunciou que se queria afastar do cargo e, a 30 de Janeiro de 1883, Bocage tomou posse da pasta da Marinha e Ultramar. Apesar de ter várias vezes recusado convites semelhantes, «[a]s exigencias politicas do partido de que é fiel soldado levaram-no porém a acceitar um cargo para que é competentissimo.»¹⁶² O artigo de Serpa Pinto espelha, mais uma vez, a retórica do afastamento como uma virtude moral.

Para além de defender a nomeação de Barbosa du Bocage, Serpa Pinto apresenta as evidências que fazem deste Ministro a melhor opção para o lugar. Mas também deixa desde já claro que, apesar de que o «seu nome é garantia segura», e de poder desempenhar com responsabilidade o cargo, o fardo é pesado e os resultados difíceis de obter a curto prazo:

Poderá com os seus vastos conhecimentos coloniaes, com a sua intelligencia, com a sua boa vontade regenerar as colonias?

Francamente não o cremos.

São tantas as dificuldades a vencer, seria preciso tanto tempo para se conseguir com perseverança insana um resultado bom, que o proprio dr. Bocage, apesar da sua competencia, não irá tão longe como elle quieria e como elle poderia ir.¹⁶³

Num singelo artigo, Serpa Pinto apresenta à opinião pública os feitos científicos e políticos já obtidos por Bocage, para corroborar a escolha de Fontes Pereira de Melo e, em simultâneo, oferece desde logo a protecção contra os falhanços nas políticas de regeneração da administração colonial que *necessariamente* fazem parte do cargo, e não dependem da natureza do indivíduo.

¹⁶¹ *Ibidem.*

¹⁶² A. Rocha [Serpa Pinto], *Op. Cit.* [10], 2.

¹⁶³ *Ibidem.*

A mesma retórica é seguida no debate na Câmara dos Pares do Reino, na sessão em que Bocage se apresenta como Ministro da Marinha e Ultramar. Fontes Pereira de Melo diz que de Barbosa du Bocage «nada mais precis[a] dizer senão que a elevação do seu character, altas qualidades de espirito, profunda sciencia e notavel competencia são de todos bem conhecidas».¹⁶⁴ Logo depois, o Par Miguel Osorio intervém para reconhecer as capacidades tanto do demissionário Mello Gouveia como do recém-nomeado Barbosa du Bocage, mas avisa que «por muito grande que seja a sua boa vontade, muito o seu saber, intelligencia e talentos, a sua missão é muito difficil de cumprir.»¹⁶⁵

O comentário de Bocage reforça o seu posicionamento de modéstia e despretensão:

particularmente lhe agradeço o haver chamado de novo a minha atenção para as consideraveis difficuldades da posição que venho occupar. Tenho-as bem presentes e (...) tenho, infelizmente para mim, a consciencia do meu pouco merito, da grande ausencia de qualidades indispensaveis para ven-cel-as.¹⁶⁶

Neste seu primeiro discurso, perante a Câmara dos Pares, enquanto Ministro, Barbosa du Bocage estabelece o seu programa político como uma proposta para o «melhoramento» das colonias baseada numa solução apartidária. Isto é procura resolver o problema da administração colonial obsoleta e endividada com consensos que ultrapassem as diatribes partidárias:

(...) a minha principal esperanza está em que, com referênciã á administração colonial, se estabeleça um dia uma especie de treguas na politica militante, de modo que todos os grupos políticos se associem no empenho sincero de procurar obter um plano de reforma e melhoramento das nossas possessões no ultramar.¹⁶⁷

Este posicionamento é típico de alguns políticos nestas discussões, mas na construção da *persona* de Bocage, neste como noutros domínios, é fundamental. Mais ainda, faz questão de garantir à Câmara que a sua actuação será sempre feita respeitando «sempre os principios da justiça por que me tenho dirigido no decurso da minha vida publica, sem que no [seu] espirito influam as indicações da politica partidaria». Para além de contar com as «indicações da [sua] consciencia», Bocage

¹⁶⁴ *Diário da Câmara dos Pares do Reino*, (31 de Janeiro de 1883), 65-82, 68.

¹⁶⁵ *Diário da Câmara dos Pares do Reino, Op.Cit.*, 69.

¹⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁶⁷ *Diário da Câmara dos Pares do Reino, Op.Cit.*, 70.

também expressa confiança nos empregados do Ministério que diz serem, para além de competentes, «alguns dos [seus] antigos amigos».¹⁶⁸

Os objectivos políticos de Bocage no governo são semelhantes aos que defendeu dentro da Sociedade de Geografia. Nomeadamente, «cooperar para o engrandecimento e prosperidade das províncias do ultramar, o qual depende do impulso que é necessario dar aos povos d'aquelles territorios para os trazermos a uma phase mais adiantada de civilização.»¹⁶⁹ Os tropos usados definem sempre a posição de soberania e superioridade de Portugal metropolitano face às colónias. A missão civilizadora dos países europeus é, ao mesmo tempo, o seu destino.

Bocage ocupa a pasta da Marinha e Ultramar apenas durante alguns meses até à remodelação governamental de Outubro de 1883, que o transfere para a pasta dos Negócios Estrangeiros, sucedendo a António Serpa Pimentel e a Hintze Ribeiro.

O Mapa Cor-de-Rosa

Enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros, Barbosa du Bocage é responsável pelo tratado Luso-Britânico sobre a disputa das margens do Congo. O tratado é assinado a 26 de Fevereiro de 1884¹⁷⁰ mas o governo alemão, pela voz de Otto von Bismarck (1815-1898) recusa o tratado, complicando a situação que já era de si delicada. Esta região ficou bastante comprometida depois da exploração de Stanley, e do apoio que este explorador conseguiu junto do Rei da Bélgica.

O reconhecimento da Associação [Internacional Africana dominada pelo Rei Leopoldo da Bélgica] como possuindo direitos de soberania numa área indefinida do Congo, poderia causar confusão e complicar uma situação já extraordinariamente difícil. Nestas circunstâncias, Bocage considerou que uma conferência internacional era quase a única solução: seria a única agência eficaz para conciliar a concorrência das potências interessadas no tratado. Faltava apenas decidir que potências seriam convidadas, e se os convites seguiriam apenas em nome de Portugal ou também em nome de Inglaterra.¹⁷¹

O mecanismo de conferência internacional e da publicação de actas passou a fazer parte do direito internacional na segunda metade do século XIX. A

¹⁶⁸ *Ibidem.*

¹⁶⁹ *Ibidem.*

¹⁷⁰ Fernando de Castro Brandão, *História Diplomática de Portugal. Uma cronologia* (Lisboa: Livros Horizonte, 2002), 245.

¹⁷¹ E. Axelson, *Op. Cit.* [21], 69.

conferência internacional de 1884-1885, pensada por Bocage, aconteceu na Alemanha, foi organizada por Bismarck e ficou conhecida por Conferência de Berlim. Portugal enviou como seus representantes António de Serpa Pimentel, Luciano Cordeiro e Marquês de Penafiel, com os secretários Carlos Roma do Bocage, o Conde de São Mamede e o Conde de Penafiel.

Entre 15 de Novembro de 1884 e 15 de Fevereiro de 1885, decorreram os trabalhos em reuniões diplomáticas entre as nações europeias envolvidas numa distribuição territorial do continente africano.

Apesar de não estar presente em pessoa, Barbosa do Bocage tem o secretário pessoal, o seu filho como representante nas trocas diplomáticas. Enquanto a conferência de Berlim decorria, Bocage deu instruções ao Marquês de Penafiel para assegurar da parte da Inglaterra, da França e, especialmente, da Alemanha, um acordo para a promulgação de um protectorado português através da África central, isto é, para a criação de uma faixa horizontal entre Angola e Moçambique. Nenhum acordo com este conteúdo foi conseguido durante a conferência internacional.¹⁷² No entanto, a 12 de Maio de 1885, num tratado Luso-Francês o governo francês reconhece implicitamente a soberania portuguesa sobre os territórios entre Angola e Moçambique¹⁷³.

É necessário correr depressa; não podemos dar a outros tempo para se nos anteciparem e tornarem o nosso esforço ineficaz (...) o momento é oportuno para concretizar a realização da tarefa sonhada.¹⁷⁴

Barbosa do Bocage tenta outra estratégia a partir de acordos bilaterais e, durante 1886¹⁷⁵, sob o Ministério de Henrique de Barros Gomes (1843-1898), Portugal consegue acordos com a Alemanha e com a França sobre a delimitação territorial em África aos quais é apensa uma carta de África que implica a soberania portuguesa numa faixa territorial horizontal. Em 14 de Julho de 1887, é assinado um convénio Luso-Germânico, onde a Alemanha «reconhece a Portugal o

¹⁷² C. Nowell, *Op. Cit.* [21], 126.

¹⁷³ F. Brandão, *Op. Cit.* [170], 246.

¹⁷⁴ Carta de Barbosa do Bocage para Pinheiro Chagas (15 Maio de 1885) *Apud* C. Nowell, *Op. Cit.* [21], 127 [tradução minha].

¹⁷⁵ F. Brandão, *Op. Cit.* [170], 246.

direito de exercer influência soberana e civilizadora sobre o território entre Angola e Moçambique». ¹⁷⁶

Nacionalmente, em ambas as câmaras e na opinião pública, há diatribes acerca do plano nacional para as colónias africanas, principalmente há os que acreditam na reabilitação colonial e nas vantagens que daí podem advir para a metrópole, outros que acreditam que o equilíbrio financeiro do país se conseguia rapidamente cedendo territórios africanos às potências europeias credoras de Portugal. Para além do problema territorial, e das concessões ao livre comércio que a Inglaterra queria impor ao governo português, havia um problema financeiro grave de excesso de dívida externa, devido a pressões dos credores da dívida de D. Miguel. Num discurso em 1888, Bocage volta a referir que «entende que as questões colonias devem ser tratadas fóra da influencia de idéas partidarias» e apela ao consenso, mesmo defendendo o ideal do Mapa Cor-de-Rosa.

[O orador] deseja deixar bem expressa a sua convicção de que as nossas colónias são a mais segura garantia da nossa independencia e da manutenção da nossa nacionalidade. Não vae porem tão longe que não reconheça que circunstancias poderosas possam aconselhar a alienação de alguma parte do nosso dominio colonial, reconhecida que seja a nossa impotencia em valorisar e em cumprir n'ella a missão que por dever nos incumbe de a civilisar e fazer prosperar. ¹⁷⁷

Os acontecimentos diplomáticos precipitam-se nos anos seguintes e há uma intensa troca entre representantes de Portugal e de Inglaterra, e será o Ministro Barros Gomes o responsável pelas negociações difíceis que se seguiram.

Mesmo tendo sido incomodado pelas consequências que as suas negociações trouxeram, Barros Gomes, num discurso na Câmara dos Pares a 10 de Junho de 1891, defende o projecto do Mapa Cor-de-Rosa e o seu autor:

Eu não fui o auctor do mappa cor de rosa. Apareceu elle anexo a um dos protocollos das conferencias celebradas em Paris para delimitação da Guiné. Declinando de mim a responsabilidade d'esse mappa, não envolvo n'esse acto uma censura qualquer ao seu auctor e meu amigo o digno par Barbosa du Bocage. Bem pelo contrario. Presto homenagem aos intuitos patrioticos que o animaram e que eram justificaveis na epocha em que o mappa referido foi coordenado. ¹⁷⁸

¹⁷⁶ F. Brandão, *Op. Cit.* [170], 248.

¹⁷⁷ *Diario da Camara dos Dignos Pares do Reino*, (30 de Janeiro de 1888) 119-128, 126.

¹⁷⁸ *Diário da Câmara dos Pares do Reino* (10 de Junho de 1891), 1-30, 17-18.

Em 1890, a Inglaterra pressionou definitivamente o governo português e a 10 de Janeiro apresentou um *Ultimatum* para que Portugal retirasse as suas tropas do norte de Moçambique. Seguiram-se dias de manifestações públicas e Portugal ficou em crise interna durante meses. A 20 de Agosto de 1890, foi firmado um tratado em Londres, com a Inglaterra, que não foi aceite pelas Côrtes portuguesas, o que levou à queda do governo. Depois de muito pressionado João Crisóstomo de Abreu e Sousa (1811-1895), chefiou um governo ultra-partidário¹⁷⁹, em que Barbosa du Bocage participa com a pasta dos Negócios Estrangeiros.¹⁸⁰

Cabe agora a Barbosa du Bocage reatar as negociações diplomáticas com a Inglaterra, garantindo ao mesmo tempo a coesão política interna. Apesar do seu perfil de distante e desinteressado Bocage mantém a sua reputação, o seu capital político, e a sua rede de contactos. O seu filho, Carlos Roma du Bocage, é o seu secretário e o seu apoio na diplomacia europeia. Em Inglaterra pode, por exemplo, mais uma vez contar com o auxílio de Batalha Reis para a campanha de bastidores que necessariamente teria de acompanhar a negociação diplomática:

Sei que a situação é difficilima, mas conheço bem a V. Ex^a por isso me felicito de o ver no posto de honra que é, neste caso como sempre, o mais arriscado do combate.¹⁸¹

O *modus vivendi* que Barbosa du Bocage conseguiu negociar com Inglaterra permitiu que se conseguisse chegar a uma solução convincente, embora danosa para Portugal.

Ao longo, dos anos que se seguiram a 1881 Bocage não se dedicou apenas à produção científica e à gestão das colecções zoológicas do Museu de Lisboa, antes pelo contrário. Mas é impossível distinguir períodos apenas de produção científica ou apenas de preocupação política. Ao longo deste período de maturidade da sua reputação científica Bocage não só toma assento em posições políticas de grande responsabilidade, como mantém a sua rede de correspondentes internacionais

¹⁷⁹ E. Axelson, *Op. Cit.* [21], 263.

¹⁸⁰ Veja-se a intimidade que Bocage mantinha com D. Carlos I e as pressões para que aceitasse o cargo na transcrição de carta de D. Carlos I a Barbosa du Bocage: «N'este momento difficil devemos todos ao nosso país e nenhum de nós deve recuar deante d'aquillo que eu considero um dever sagrado á Patria e ao mesmo tempo fazer o que lhe pede o seu rei e seu amigo...», Lote 39 (manuscrito autógrafo s/d) in Luís P. Burnay, *Op. Cit.* [126].

¹⁸¹ Alice Godinho Rodrigues, *Correspondência de J. Batalha Reis para Barbosa du Bocage* (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990) 22, Carta VI (Jaime Batalha Reis para Barboza du Bocage: Paris, 14 de Outubro de 1890]

activa. As desavenças políticas entre nações europeias não perturbam a rede de contactos da República das Letras. Em 1895, quando Bocage publica a obra *Herpétologie d'Angola et du Congo*¹⁸² mantém a prática de agradecer a cada um dos seus colaboradores, e de mencionar os nomes dos vários naturalistas com quem partilhou e validou as suas ideias. As redes tecidas entre naturalistas e instituições científicas dentro da Europa parecem fazer parte de uma sociedade cuja única filiação é a natureza e o compromisso com a sua descrição. Na leitura da correspondência internacional de Barbosa du Bocage, mesmo quando se insinua uma contaminação entre os problemas diplomáticos internacionais, ou posições políticas, e o desenvolvimento do trabalho científico, prevalece sempre a defesa da investigação desinteressada sobre a natureza, deixando cair para segundo plano os problemas «menores» da política. Para que a pertença a uma República das Letras imaginada e partilhada possa coexistir pacificamente em cada um dos indivíduos com a militância dos valores nacionalistas que se concretizam ao longo do século XIX, os 'sábios' constroem para si uma *persona* distante, austera e apartada dos assuntos triviais a que se dedica a política. Barbosa du Bocage é, ao longo da sua carreira científica, constantemente 'acossado' pela vida pública e pela participação política, pertence, afinal de contas, à elite que governa o país, mas deixa-se sempre envolver numa capa de desinteresse que o protege. Para fazer investigação científica a sua relação com os pares internacionais é fundamental. Para manter essa relação e poder participar na acção política do seu tempo, tem de conseguir manter uma espécie de distância de segurança, que lhe é conferida pela identificação com uma *persona* específica.

¹⁸² Bocage, Op. Cit. [20].

7. Conclusões

A partir de 1851, quando Barbosa du Bocage se torna responsável pela regência da 8ª Cadeira da Escola Politécnica, a carreira de Bocage desenrola-se em paralelo com o projecto político da Regeneração. Este período, que se costuma identificar com as décadas entre 1851 e 1891, corresponde à época significativa da produção científica e à actividade política de Barbosa du Bocage. Esta é uma etapa intensa de reestruturação interna do país a partir de um investimento no desenvolvimento técnico e na engenharia. Similarmente, coincide com o período em que Portugal e a Europa concentram a sua atenção nas potencialidades do *hinterland* africano.

Nesta dissertação acompanhou-se a construção do percurso de Barbosa du Bocage nas primeiras décadas da afirmação e internacionalização do seu trabalho científico, um caminho que lhe permitiu emergir como figura respeitada e admirada, tanto em Portugal como na Europa. No final do século XIX, a visibilidade da secção zoológica do Museu Nacional de Lisboa da Escola Politécnica é evidente, e foi conseguida através de múltiplas iniciativas de Barbosa du Bocage, que construiu ao longo de décadas, um *lugar* para a investigação zoológica em Portugal, ao mesmo tempo que orquestrou a sua própria posição em termos nacionais e internacionais.

Acompanhando o caminho de um indivíduo, e a sua participação nas circunstâncias históricas a que esteve sujeito, esperamos ter mostrado o interesse de uma análise conjunta das instituições, das ideias, das práticas e do papel da retórica científica e política. Desde o primeiro trabalho de Barbosa du Bocage sobre zoologia nacional, em 1857, versando sobre a Cabra-do-Gerês, até ao último grande trabalho sobre fauna colonial em 1895, a *Herpetologie d'Angola et du Congo*, passaram-se décadas de grandes transformações tanto na política europeia como na própria *philosophia natural*. Através do itinerário de Barbosa du Bocage ficou aberta uma janela para a análise mais detalhada da sociedade científica e política da segunda metade de oitocentos. Desde o curso de Medicina na Universidade de Coimbra, até ao lugar de Lente Proprietário na Escola Politécnica, e à

responsabilidade pelas colecções na Academia das Ciências de Lisboa, desde a altura em que se tornou Deputado pelo Partido Regenerador, até ser proponente do Mapa Cor-de-Rosa nos tratados internacionais de 1885-1886, este foi um caminho complexo. O estudo dos membros geração que produziu, durante as décadas em foco nesta tese, um discurso político de progresso e civilização e, em simultâneo, um discurso científico de melhoramento social e avanço nacional pode vir a dar um contributo mais detalhado para a história das políticas coloniais portuguesas e europeias. A análise que fiz para Barbosa du Bocage deverá ser ampliada e pode ser estendida a outros membros da sua geração.

Levantam-se muitas pistas para trabalhos futuros a partir desta dissertação. Falta ainda construir uma narrativa mais detalhada dos significados, causas e consequências do '*cientismo*' na política portuguesa deste período. A criação da Sociedade de Geografia de Lisboa, em 1875, por exemplo, revela-se como um nó entre os discursos *cientistas* do progresso e da ciência, e da indústria e do comércio em Portugal, e os discursos políticos para a administração colonial. É, pois, nos assuntos coloniais que mais se torna visível o encontro entre política e ciência, entre a República das Letras, a sua universalidade e valor de neutralidade, e a confirmação da unidade Estado-Nação e dos valores de patriotismo e de afirmação nacional face a uma Europa em competição. O contributo de Barbosa du Bocage nesta fase da vida portuguesa não é negligenciável e merece ser abordado com maior atenção, visto tratar-se de um caso singular de um cientista que se dedicou a fundo a criar um campo disciplinar e que, em simultâneo, participa activamente na construção do discurso político e colonial do seu tempo. Espero que este trabalho possa contribuir para futuras discussões acerca da construção do papel da ciência e da tecnologia na sociedade.

Anexo I. Transcrição de manuscritos

1. Carta dos Naturalistas do Museu ao Director da Escola Politécnica (1905)

DOCUMENTO:

Arquivo Histórico do Museu de Ciência, Universidade de Lisboa
PT/MCUL/EPL Caixa 1679

DESCRIÇÃO:

Carta manuscrita e autógrafa da iniciativa dos Naturalistas da Secção Zoológica do Museu ao Director da Escola Politécnica [Luiz d'Almeida e Albuquerque]. Assinada por: Fernando Matoso Santos (1849-1921); Baltasar Machado da Cunha Osório (1855-1926); Júlio Guilherme Bettencourt Ferreira (1866-1948); Carlos França (1877-1926) e Antero Frederico Ferreira de Seabra (1874-1952) e datada de 10 de Janeiro de 1905. 5 páginas manuscritas [mudança de página marcada pelo sinal //].

TRANSCRIÇÃO:

[Timbre Impresso] Museu de Lisboa – Secção Zoológica
[Anotações manuscritas sobre o documento a posteriori] N^o1058 [...] / - Visto - / Decreto 10 abril de 1905

[Manuscrito]

Illmo e Exmo Snr

Entre as satisfações d'uma longa vida consagrada ao ensino e ao estudo, experimentou V. Ex^a sem duvida uma das maiores, e bem própria dos espíritos do nosso tempo, assistir á consagração e ás homenagens votadas aos homens illustres pela sciencia e pelo talento, manifestações semelhantes ás de um culto que outr'ora se tributava somente aos heroes ou aos deuses.

Representa este facto um progresso enorme, revela não só uma concepção mais alta e mais nobre da dignidade humana, e muitas vezes também maior respeito pelo trabalho, de veneração e consideração pelo dever nobremente cumprido.

As palmas, côroas de bronze, e as estátuas concedidas aos grandes homens, os laboratórios, a que poderia com propriedade chamar votivos por no átrio se consagrar um nome e no seu amago se continuarem os estudos iniciados por aquelles em honra do qual se fundaram, constituem títulos gloriosos de muitas nações modernas.

Para muitos d'esses que pelas suas obras se immortalisaram, a justiça chegou demasiado tarde, não tanto por culpa d'ella, mas porque foi preciso que a intelligencia do homem subisse, que pudesse // aprecia-las o maior numero e não somente o grupo estreito dos esclarecidos d'outras eras.

Felismente para nós, viemos num tempo melhor, podemos tributar o nosso reconhecimento á memoria dos que se foram da lei da morte libertando, e mais ainda, e que é bem mais dos nossos dias, não deixar para os nossos descendentes o pagamento d'uma divida que será d'elles também mas que é primeiro nossa.

É mais nobre e mais levantado que aquelles que merecem que se lhes diga “acabou-se o teu dia, trabalhaste com abnegação e sacrificio”, o ouçam da bocca dos seus concidadãos e que levem para a sua velhice a idea consoladora de que guardaremos

d'elles tudo quanto nos não é dado a morrer, o seu nome, a sua forma, a sua obra valiosa.

Durante mais de meio seculo um homem trabalhou incessantemente para o engrandecimento d'um instituto que pertence á Escola Polytechnica, o Museu de Zoologia. Não tendo mais obrigação do que ser professor, e foi-o ilustre, teve a inegalavel coragem de se dedicar aos estudos da Zoographia // desde os melhores dias da sua mocidade, até que a vista se lhe foi de todo, próximo dos oitenta anos.

Comevedor e veneravel procedimento! Mesmo depois de cego, servindo-se da vista de estranhos, sentindo a cada passo a necessidade dos órgãos mais necessarios ás suas investigações, ferido pelas contrariedades resultantes de trabalhos executados em semelhantes condições, e que mais lhe avivavam a dôr d'uma perda irreparável, continuou todavia.

Que doloroso e sublime labutar! E para que? Para acrescentar nome? Não. É conhecido em todos os paizes cultos. Para colher honras? Não. Tem todas do seu paiz, e muitas que os paizes, e as maiores q[ue] as sociedades scientificas estrangeiras podiam votar-lhe. Para augmentar riquezas? Não. Demasiado sabia que o trabalho a que se consagrou lhas não devia trazer. Então para que? Para cumprimento do dever imposto de ser prestante enquanto tivesse alentos.

Nome e fama entre os seus e entre os estrangeiros, falta-lhe porêm a consagração carinhosa, a prova d'estima dos que foram seus companheiros no professorado, dos seus discípulos, de todos aquelles que assistiram de perto ao avolumar incessante da // sua importante obra, da Escola em que leu e para cujo engrandecimento contribuiu, para o brilho da qual deu fama do nome que tem.

É pequena a homenagem que ambicionamos para o nosso director, e da nossa ambição pedimos a V. Ex^a que queira sêr interprete junto dos dignos professores da Escola Polytechnica, e junto do governo de Sua Magestade.

Desejamos que se dê ao Museu de Zoologia o nome de Museu J. V. Barboza du Bocage por homenagem da nação.

Que na sala em que estão reunidos os seus principaes trabalhos seja collocada uma lapide em que esteja escripto o decreto em que o governo em nome do paiz presta esta homenagem.

Que um busto feito por um artista de incontestavel merito seja collocado no Museu, em logar que se prepará[sic] para este effeito.

Outras homenagens de diversas indoles desejamos ainda prestar ao nosso Veneravel Director e contamos para esse effeito // effeito com as testemunhas de consideração e respeito a que V. Ex^a assim como o corpo docente d'esta Escola vota sem duvida ao seu antigo e prestigioso colega.

Deus guarde a V. Ex^a

Ill.mo e Ex.mo Snr Conselheiro Luiz d'Almeida e Albuquerque

Director da Escola Polytechnica

Lisboa, Secção Zoológica do Museu em 10 de Janeiro de 1905

[Assinados]

FMattozoSantos O Director Interino
Balthazar Ozorio Prof e director interino do Museu
JBethencourtFerreira naturalista adjunto

Carlos França naturalista coadjuvante
AFSeabra conservador

2. Carta de J. V. Barbosa du Bocage à Direcção-Geral da Instrução Pública (1865)

DOCUMENTO:

Arquivo Histórico do Museu Bocage, Universidade de Lisboa
DIV.97

DESCRIÇÃO:

Borrão de carta manuscrita e autógrafa de José Vicente Barbosa du Bocage para o Director Geral da Instrução Pública, datada de 19 de Maio de 1865. 4 páginas manuscritas [mudança de página marcada pelo sinal //].

TRANSCRIÇÃO: [Manuscrito]

Illmo Ex.mo Sr

Os jornaes começam a instar com uma certa energia porque se patenteia ao publico o museu de Lisboa. Os jornaes teem rasão em exigir que o paiz comece a tirar quanto antes d'um estabelecimento que estipendia todas as vantagens que elle deve procurar-lhes, porém também é certo que a secção Zoológica, a meu cargo, não está ainda em circumstancias de poder ser patenteiada ao exame de pessoas competentes ou medianamente entendidas, nem o poderá estar em quanto se não adoptarem as providencias que por vezes tenho reclamado, e que resumi e compendiei no meu ultimo relatorio.

Destas providencias umas carecem de sancção legislativa, outras não. É d'estas que me occuparei.

O donativo valiosissimo de El-Rei veio dar ao nosso museu um inesperado incremento; mas trouxe-lhe ao mesmo tempo encargos a que cumpre satisfazer sem demora. Para conservar, preparar e coordenar os exemplares das collecções oferecidas por El-Rei carece-se de um pessoal que o museu não tem. Ora estas colecções achavam-se nas Necessidades a cargo de 2 empregados d'El-Rei, que poderiam // sem inconveniente ficar addidos ao quadro do museu. D'este modo conseguir-se-hia de prompto ter pessoas habilitadas, o que fôra bem difficil de encontrar no nosso paiz, e de mais a mais sem a necessidade de lhes arbitrar ordenados correspondentes aos dos outros empregados do museu, mas bastando dar-se-lhes gratificações mais modestas.

Há já 2 annos que El-Rei ofereceu ao Estado o usufructo do seu museu. Desde logo sollicitei a providencia que acabo de expor a V. Ex^a, e tenho sido incansável em instar por ella, verbalmente e por escripto. É todavia, em quanto rasões obvias aconselham diligencia em tal assumpto, nada se acha ainda resolvido a tal respeito.

Disse e demonstrei no meu relatorio que me não cabia nas forças, que me era impossivel continuar a accumular o exercicio do professorado com os pesadissimos encargos de director da Secção Zoológica e classificador de uma parte das suas collecções. Se ao Governo parecer mais conveniente fazer-me substituir nestas ultimas funcções, resolva-o assim: se porem tiver por mais acertado dispensar-me do exercicio da minha cadeira durante algum tempo, durante alguns an // nos, parece-me de justiça, que o resolva com brevidade. Não faltam precedentes com que possa justificar esta resolução. Bastar-me-há citar, creio eu, o que tem succedido e está succedendo com o Lente de Astronomia da Universidade, que é também director do

Observatório, e com o Lente da 7ª Cadeira na Eschola Polytechnica, que é membro da commissão geológica.

Se a desigualdade de merito pessoal é que explica a desigualdade com que tenho sido tratado, se ha motivos para se suppôr que eu não esteja á altura das obrigações que procuro desempenhar, nesse caso o que cumpre ao Governo é fazer-me substituir por quem tenha dado mais provas de aptidão e capacidade para o cargo que exerço. Não me falta abnegação e desinteresse para ceder, sem a menor dificuldade, o meu logar ao mais digno.

São estes os assumptos que estam a pedindo mais immediata decisão; e por isso venho pedir a V. Exª que se sirva submettel-as á consideração de Sua Exª o Sr Ministro do Reino.

Os jornaes por ora somente fazem instancias por que se abra o museu; não tardará porem muito que lançando- // me ás costas responsabilidades que me não pertencem, comecem a accusar-me, a injuriar-me talvez, por aquillo de que não sou culpado. Algumas mófos e insultos, eis a mais certa recompensa que devo esperar de meus serviços.

Para então preciso de estar ao menos estar armado com documentos que atestem a minha innocencia. Este officio será um d'elles.

Deus g.de a V. Exª. Museu de Lisboa: 17 de maio de 1865

Ill.mo Ex.mo Sr Director Geral da Instrucção Publica

(assignado)

José Vicente Barbosa du Bocage

Fontes manuscritas citadas

Arquivo Histórico do Museu Bocage

AHMB CN (Correspondência Nacional)

CN.B.32 [Fotocópias dos manuscritos da correspondência recebida pelo British Museum, dirigida a A. Günther e enviada por Barbosa du Bocage].

AHMB CE (Correspondência Estrangeira)

CE.A.01-03 [Alexander AGASSIZ (1835-1910) para Barbosa du Bocage]
CE.B.14 [A. C. BERNARDI para Dom Pedro V (via Barbosa du Bocage)]
CE.B.24 [Eduardo BOSCAÍ i Casanoves (1844-1924) para Barbosa du Bocage]
CE.B.43-47 [George Albert BOULENGER (1858-1937) para Barbosa du Bocage]
CE.E.01-04 [Alphonse MILNE-EDWARDS (1835-1900) para Barbosa du Bocage]
CE.L.03-06 [Michele LESSONA (1823-1894) para Barbosa du Bocage]
CE.L.16-21 [George Henry Barnet LYON (1848-1918) para Barbosa du Bocage]

AHMB DIV (Diversos)

DIV.24-DIV.31e Documentação sobre a transferência do material do Museu Real da Ajuda para o edifício da Academia das Ciências, em 1836, por ocasião de um furto de «barrinhas de ouro».

DIV.69a José Vicente Barbosa du Bocage, “Nota sobre as colecções d’anatomia comparada e zoologia recentemente adquiridas pelo Gabinete de Zoologia e Museu de Lisboa por ocasião de viagem ao estrangeiro do Professor proprietário da 8ª Cadeira” [manuscrito, datado de 1859].

Arquivo Histórico do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa

Fundo Escola Politécnica, Secção Conselho da Escola Politécnica, série Actas do Conselho (PT/MCUL/EPL/CEP/01): Cota #1853, Livros 4, 5 e 7.

Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa

Processo Académico de José Vicente Barbosa du Bocage.

Fontes impressas

Academia das Ciências de Lisboa

[Academia das Ciências de Lisboa], *Breves Instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos produtos e noticias pertencentes á História da Natureza, para formar hum Museo Nacional* (Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781) [Disponível em <http://purl.pt/720>].

[Academia das Ciências de Lisboa], *Regulamento do Museu da Academia Real das Sciencias de Lisboa* (Lisboa: Na Typographia da mesma Academia, 1839).

CARVALHO, Francisco de Assis de, *Instrucções sobre o modo de preparar, conservar acidentalmente os diferentes exemplares zoológicos, que houverem de ser conduzidos das possessões ultramarinas até á sua definitiva preparação* (Lisboa: Tipografia da Academia, 1836).

Guias de Lisboa

Novo Guia do Viajante em Lisboa e seus arredores, Cintra, Collares, e Maфра. Ornado com algumas vistas dos principaes monumentos de Lisboa (Lisboa: Na Loja de Livros de J. J. Bordalo, 1853).

Pequena Guia de Lisboa (Lisboa: Typographia da Casa Catholica, 1892).

José Vicente Barbosa du Bocage

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, “Memoria sobre uma espécie nova do genero *Capra* L., a Cabra-Montez da Serra do Gerez, em Portugal apresentada e lida á 1ª classe da Academia real das sciencias pelo socio J. V. Barboza du Bocage na sessão de 16 d'outubro de 1856,” *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Classe de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes. Nova Série*. Tomo II, Parte I (1857) 1-20.

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, “Noticia zoológica sobre a Cabra-Montez da Serra do Gerez”, *Annaes das Sciencias e Lettras* (1857) 21-31.

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, “Relatorio apresentado ao conselho da escola polytechnica pelo lente proprietario da 8ª cadeira, ácerca das collecções scientificas recentemente adquiridas para o gabinete zoologico e Museu de Lisboa, e de alguns outros resultados da sua viagem scientifica ao estrangeiro”, *Diario do Governo* (2 de Janeiro de 1860).

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, “Origem dos animaes domesticos”, *Diario de Lisboa* Nº7 (10 de Janeiro de 1860) 27-28; Nº13 (17 de Janeiro de 1860) 51-52; Nº27 (3 de Fevereiro de 1860) 106-107.

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, *Instrucções praticas sobre o modo de coligir, preparar e remeter produtos zoológicos para o Museu de Lisboa* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1862).

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, “Relatorio apresentado ao conselho da Escola Polytechnica em sessão de 1 de fevereiro de 1862, ácerca do plano geral dos trabalhos de exploração zoologica, e approved na mesma sessão”, *Diario de Lisboa* (26 de Fevereiro de 1862), 603-604.

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, *Relatorio ácerca da situação e necessidades da secção zoologica do Museu de Lisboa* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1865).

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, “Relatorio ácerca da minha viagem ao estrangeiro e visita á exposição de Paris”, *Diario de Lisboa* (30 de Janeiro de 1868).

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, *Relatorio ácerca da situação do serviço zoologico do Museu de Lisboa apresentada ao Director da Escola Polytechnica* (Lisboa, 1877).

BOCAGE, José Vicente Barbosa du Bocage, *Ornithologie d’Angola* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1877).

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, *Herpétologie d’Angola et du Congo* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1895).

BOCAGE, José Vicente Barbosa du, *Publicações Scientificas, 1857-1901* (Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1901).

Periódicos: Diário da Câmara dos Pares do Reino (1842-1910) [disponível em <http://debates.parlamento.pt/>]

Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino (09 de Março de 1849) 306-307.

Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino (31 de Janeiro de 1883) 68.

Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino (30 de Janeiro de 1888) 125-127.

Diário da Câmara dos Dignos Pares do Reino, (10 de Junho de 1891) 1-39.

“Parte Não Official. Extracto da Sessão da Câmara dos Dignos Pares de 28 de Janeiro de 1845”, *Diario do Governo* (29 de Janeiro de 1845).

Periódicos: *Diário da Câmara dos Senhores Deputados da Nação Portuguesa (1822-1910)* [disponível em <http://debates.parlamento.pt/>]

Diário da Câmara dos Deputados (25 de Abril de 1857).

Diário da Câmara dos Deputados, Legislatura 24, Sessão N^o2, N^o100, (17 de Dezembro de 1883) 1719-1734.

Câmara dos Senhores Deputados (Coord.), *Documentos para a historia das Cortes Geraes da Nação Portuguesa*, Vol. 5 (Lisboa: Imprensa Nacional, 1883-1891), 478-484 [disponível em <http://purl.pt/12101> na Biblioteca Nacional Digital].

Periódicos: *Occidente (1877-1915)* [disponível em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>]

CORDEIRO, Luciano, “A Expedição Geographica Portuguesa á Africa Austral», *Occidente*, Vol.1, N^o1 (1 de Janeiro de 1878) 6-7.

“O Novo Ministerio Portuguez”, *Occidente*, Vol. 1, N^o4 (15 de Fevereiro de 1878), 27-28.

Occidente Vol.6, N^o149, (11 de Fevereiro de 1883) 38.

“O conflicto Anglo-Portuguez. O Major Serpa Pinto e os Limites Portuguezes em Africa”, *Occidente*, Vol. 13, N^o397 (1 de Janeiro de 1890), 3 e 8.

“O conflicto Anglo-Portuguez. Alvaro Ferraz”, *Occidente*, Vol. 13, N^o399 (21 de Janeiro de 1890), 19-22, 24.

LOBATO, Gervásio, “Chronica Occidental”, *Occidente*, Vol. 13 N^o399 (21 de Janeiro de 1890) 18.

CHAGAS, Pinheiro, “João de Andrade Corvo”, *Occidente*, Vol. 13, N^o405 (21 de Março de 1890) 66-67.

“11 de Janeiro de 1890 – Grande Subscrição Nacional – Aos Portuguezes”, *Occidente*, Vol. 13, N^o405 (21 de Março de 1890), 70.

Occidente N^o425 (11 de Outubro de 1890), 232.

FERREIRA, Júlio Guilherme Bethencourt, “J. V. Barbosa du Bocage”, *Occidente*, vol. 30, N^o1040 (1907) 250-251.

Periódicos: *Diario Illustrado (1872-1911)* [disponível em <http://purl.pt/14328>]

PINTO, [Alexandre] Alberto Rocha [Serpa Pinto], “O Doutor Bocage”, *Diario Illustrado*, 3508 (1883).

“O novo ministerio”, *Diario Illustrado* Nº3769 (1 de Novembro de 1883).

“A Crise”, *Diario Illustrado* Nº6295 (11 de Outubro de 1890).

Sociedade de Geografia de Lisboa

Sociedade de Geographia de Lisboa, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, série 1, Nº1 (Lisboa: Typographia de Christóvão Augusto Rodrigues, 1877).

[Sociedade de Geografia de Lisboa], *Ao Povo Portuguez em nome da Honra, do Direito, do Interesse e do Futuro da Patria, a Commissão do Fundo Africano creada pela Sociedade de Geographia de Lisboa para promover uma Subscrição Nacional Permanente destinada ao estabelecimento de Estações Civilisadoras nos territórios sujeitos e adjacentes ao domínio Portuguez em Africa* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1881).

Sociedade de Geographia de Lisboa, *A Questão do Zaire. Memorandum* (Lisboa: SGL, 1883).

[Sociedade de Geografia de Lisboa], *Stanley's First Opinions. Portugal and the Slave Trade* (Lisboa: Tipografia Cristóvão Rodrigues, 1883).

[Sociedade de Geografia de Lisboa], *Sócios em 1890* (Lisboa: Typ. Commercio de Portugal, 1890).

BURNAY, Eduardo, “Conselheiro Barbosa du Bocage”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 21ª Série, Nº7 (1903) 245-253.

Referências bibliográficas

- ALEXANDRE, Valentim, “O Império Português (1825-1890): ideologia e economia”, *Análise Social*, 169 (2004) 959-979.
- ALMAÇA, Carlos, *Bosquejo Histórico da Zoologia em Portugal* (Lisboa: Museu Bocage, 1993).
- ALMAÇA, Carlos, *Museu Bocage. Ensino e Exibição* (Lisboa: Museu Bocage, 2000).
- ALMEIDA, Maria Antónia Pires de, “José Vicente Barbosa du Bocage”, *Biografias de Engenheiros e Cientistas – Projecto do Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia – CIUHCT* (www.ciuhct.com).
- ANDRADE, António Alberto Banha de, *O Naturalista José de Anchieta* (Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985).
- AREIAS, Maria das Dores, “Viagens e Expedições Científicas dos Portugueses ao continente africano durante o século XIX. Contributos para o conhecimento da geologia africana” in Maria Paula Diogo e Isabel Maria Amaral, *A outra face do Império. Ciência, tecnologia e medicina (sécs. XIX-XX)* (Lisboa: Edições Colibri, 2012) 31-48.
- ASMA, Stephen T., *Stuffed animals and pickled heads. The culture and evolution of Natural History Museums* (Oxford: University Press, 2001).
- AXELSON, Eric, *Portugal and the Scramble for Africa, 1875-1891* (Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1967).
- BEER, Gillian, “Travelling the other way”, in Nick Jardine, et al (Eds.), *Cultures of Natural History* (Cambridge: Cambridge Press, 1996) 322-337.
- BLANCO, Alberto Gomis (Apresentação e Apêndice), *Ignacio Bolivar Y Las Ciencias Naturales en España* (Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1988 [1921]).
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima, *A Monarquia Constitucional 1807-1910* (Alfragide: Texto Editores, 2010).
- BOURDIEU, Pierre, “The Specificity of the Scientific Field and the Social Conditions of the Progress of Reason”, in Mario Biagioli (Ed.) *The Science Studies Reader* (London: Routledge, 1999) 31-50.

- BRANDÃO, Fernando de Castro, *História Diplomática de Portugal. Uma cronologia* (Lisboa: Livros Horizonte, 2002).
- BRIGOLA, João Carlos, *Coleções Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII* (Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia e Fundação Calouste Gulbenkian, 2003).
- British Museum, *Catalogue of Books and Manuscripts*, vol.1 (1903) 97.
- BROWNE, Janet, “Biogeography and Empire”, in Nick Jardine, et al (Eds.), *Cultures of Natural History* (Cambridge: Cambridge Press, 1996) 305-321.
- BURNAY, Luís P., Rita Burnay (org.) *Catálogo de um seleccionado leilão de Manuscritos, Autógrafos e Fotografias, 13 de Dezembro de 2008* (Lisboa: Fotogravura União, Lda., 2008).
- CANTINHO, Manuela, *O Museu Etnográfico da Sociedade de Geografia de Lisboa. Modernidade, Colonização e Alteridade* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2005).
- CAPELO, Hermenegildo e Roberto Ivens, *De Benguela às Terras de Iacca: Descrição de uma viagem na África central e ocidental compreendendo narrações, aventuras e estudos importantes sobre as cabeceiras dos rios Cu-nene, Cu-bango, Lu-ando, Cu-anza, e Cu-ango, e de grande parte do curso dos dois ultimos; alem da descoberta dos rios Hamba, Cauali, Sussa e Cu-gho, e larga noticia sobre as terras de Quiteca N'bungo, Sosso, Futa e Iacca, 2 Volumes* (Lisboa: Imprensa Nacional, 1881).
- CAROLINO, Luis Miguel, “The making of an academic tradition: the foundation of the Lisbon Polytechnic School and the development of higher technical education in Portugal (1779-1837)”, *Paedagogica Historica*, 48 (3) (2012) 391-410.
- CARVALHO, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal: desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar-Caetano* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001 [3ª Edição]).
- CASTRO, Maria João e Ludovina Capelo, “Inventário da Coleção Martinho da Fonseca”, *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Vol. 13-14 (1995) 99-159.
- CATROGA, Fernando, “Cientismo Político e Anticlericalismo” in José Mattoso (Coord.) *História de Portugal*, Vol. 5 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1993) 583-593.
- CERÍACO, Luís, João Brigola, Paulo de Oliveira, “Zoologia e museus no século XIX: o contributo de Barbosa du Bocage e o museu da escola polythecnica de lisboa para o conhecimento da fauna metropolitana e colonial”, in Carlos Fiolhais, Carlota Simões, Décio Martins (Coords.) *Livro de Actas do Congresso Luso-Brasileiro de História das Ciências* (Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011) 1241-1256.

- COLLINI, Sylvia, Antonella Vannoni, *Les instructions scientifiques pour les voyageurs* (Paris: L'Harmattan, 2005).
- CORDEIRO, Luciano, *Portugal and the Congo: a statement* (London, 1883).
- DASTON, Lorraine, "The Ideal and Reality of the Republic of Letters in the Enlightenment", *Science in Context*, 4 (1991) 367-386.
- DASTON, Lorraine, H. Otto Sibum, "Introduction: Scientific Personae and Their Histories", *Science in Context*, 16 (2003) 1-8.
- DASTON, Lorraine, Peter Galison, *Objectivity* (New York: Zone Books, 2010).
- DÓRIA, Álvaro, *O Mapa Cor-de-Rosa* (Braga: [Separata da Revista Bracara Augusta, Vol. 38, 85/86] 1984).
- ELSNER, John, Roger Cardinal (eds.), *The cultures of collecting* (London: Reaktion Books, 1997).
- FERREIRA, Júlio Guilherme Bethencourt, *A Missão de Geoffroy Saint-Hilaire em Hespanha e Portugal, durante a invasão francesa, em 1808. Documentos para a História do Museu Nacional de Lisboa* (Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926).
- FIGUEIREDO, Luiz Antonio, *Índice do Boletim Oficial da provincial d'Angola compreendendo os anos que decorrem desde 13 de Setembro de 1845, em que foi publicado, o 1º Nº até 1862 inclusivé* (Loanda: Imprensa do Governo, 1864).
- FINDLEN, Paula, *Possessing Nature. Museums, Collecting and Scientific culture in early modern Italy* (London: University of California Press, 1994).
- FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas* (Lisboa: Edições 70, 1988).
- FRANÇA, Carlos, "Le Professeur Barbosa du Bocage", *Buletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*, tomo II (1908) 141-182.
- GALVÃO, Alexandre Lopes, "O "Mapa Cor-de-Rosa" e a Sociedade de Geografia", *Revista do Ultramar*, Ano 1, Nº3 (1948) 11-12.
- HANKINS, Thomas L., "In defense of biography: the Use of Biography in the history of Science", *History of Science*, 27 (1979) 1-16.
- HOOPER-GREENHILL, Eilean, *Museums and the shaping of knowledge* (London: Routledge, 1992).
- HUDSON, Kenneth, *Museums of Influence* (Cambridge: Cambridge University Press, 1987).
- JORDANOVA, Ludmilla, "Objects of knowledge: a historical perspective on museums" in Peter Vergo (ed.), *The New Museology* (London: Reaktion Books, 1989), 22-40.

- KOPYTOFF, Igor, "The Cultural biography of Things: Commodization as process" in Arjun Appadurai (Ed.), *The Social Life of Things. Commodities in Cultural Perspective*, Cambridge: Cambridge University Press, 1986) 64-91.
- KURY, Lorelay, "Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar", *Intelléctus*, Ano 2, Nº1 (2003) 1-11.
- KURY, Lorelay, "Les instructions de voyage dans les expeditions scientifiques françaises (1750-1830)", *Revue d'histoire des sciences*, 51 (1998) 65-91.
- LARSEN, Anne, "Equipment for the field", in Nick Jardine, et al (Eds.), *Cultures of Natural History* (Cambridge: Cambridge Press, 1996) 358-377.
- LATOUR, Bruno, *Science in Action* (Cambridge: Harvard University Press, 1987).
- MACHADO, Joaquim José, *O Caminho de Ferro de Lourenço Marques – Parecer da Comissão Africana* (Lisboa: Sociedade de Geographia de Lisboa, 1882).
- MAIA, Carlos Machado Faria e, *Memórias da Villa Roma. E das famílias que com a família Roma tiveram mais relações de parentesco e de amizade. Memórias e resumos genealógicos das famílias Teles de Meneses e Matos, da Ilha da Madeira* (Lisboa, 1940).
- MARQUES, Adílio, *O professor do jovem imperador. Um naturalista luso-brasileiro: Alexandre António Vandelli (1784-1862)*, (Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010)
- MARTINS, Francisco A. Oliveira, "Capelo & Ivens e o Monomotapa", *Cartaz*, 8 (1965) 120-124.
- MARTINS, Francisco A. Oliveira, "Serpa Pinto e Augusto Cardoso na Política do Mapa Cor-de-Rosa", *Independência*, 38 (Separata) (1968) 36-58.
- MATOS, José Norton de, "Duas cartas célebres", *Portucale*, II Nºs. 1-3 (1947) 3-17.
- MENDES, H. Gabriel, "As origens da Comissão de Cartografia e a acção determinante de José Júlio Rodrigues, Luciano Cordeiro e Francisco António de Brito Limpo. A história política das explorações africanas de Hermenegildo Capelo, Roberto Ivens e Serpa Pinto", *Separata da Revista do Instituto Geográfico e Cadastral*, 2 (1982) 7-48.
- Ministério dos Negócios da Instrução Pública, *Orçamento da Despesa para o exercício de 1871-1872* [disponível online no Arquivo Digital do Ministério das Finanças em <http://badigital.sgmf.pt/mitra/>].
- Museu da Ciência, *Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Passado / Presente e Perspectivas Futuras* (Lisboa: Museu da Ciência da Universidade de Lisboa, 1987).
- Muséum Impérial d'Histoire Naturelle, *Instructions pour les voyageurs et employés dans les colonies sur la manière de recueillir de conserver et d'envoyer les objets d'histoire naturelle*, 5e Edition (Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1860).

- NOWELL, Charles E., *The Rose-Colored Map. Portugal's attempt to build an African Empire from the Atlantic to the Indian Ocean* (Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1982).
- OSÓRIO, Baltazar, *Elogio Histórico do Illustre Naturalista e Professor J. V. Barboza du Bocage* (Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1909).
- OUTRAM, Dorinda, "New Spaces in Natural History", in Nick Jardine, et al (Eds.), *Cultures of Natural History* (Cambridge: Cambridge Press, 1996) pp.249-265.
- PAIVA, Barão de Castello de, "Monographia Molluscorum Terrestrium, Fluviarium, Lacustrium Insularum Maderensium", *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Classe de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, Nova Serie, Tomo IV, Parte I (Lisboa: Typ. da Academia, 1869).
- PATACA, Ermelinda M., Rachel Pinheiro, "Instruções de viagem para a investigação científica do território brasileiro", *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*, Vol.3, Nº1 (2005) 58-79.
- PATO, Raimundo Bulhão, *Memorias. Tomo I. Scenas de Infancia e Homens de Lettras* (Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias).
- PEREIRA, Ana Leonor, João Rui Pita, "Ciências", in José Mattoso (Coord.) *História de Portugal*, Vol. 5 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1993) 653-667.
- PEREIRA, Zélia, "BOCAGE, José Vicente Barbosa du (1823-1907)", in Maria Filomena Mónica (coord.), *Dicionário Biográfico Parlamentar 1834-1910*, Vol. I (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – Assembleia da República, 2004) 395-397.
- PINTO, [Alexandre Alberto Rocha] Serpa, *Como eu atravesssei África do Atlantico ao mar Indico, viagem de Benguella á contra-costa, a-travès regiões desconhecidas; determinações geographicas e estudos ethnographicos*, Vol I, Primeira Parte – A Carabina d'El-Rei (Londres: Sampson Low, Marston, Searle, e Rivington, 1881).
- POMIAN, Krzysztof, "Colecção", *Enciclopédia Einaudi*, 1 (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987) 50-86.
- POUILLON, François, "Dádiva", *Enciclopédia Einaudi*, 28 (Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995) 95-113.
- RAMOS, Rui, "A formação da intelligentsia portuguesa (1860-1880)", *Análise Social*, 27 (1992) 483-528.
- RIBEIRO, Augusto, "Dr. J. V. Barbosa du Bocage", *Revista Portuguesa Colonial e Marítima*, Ano 6 (1903) 97-101.
- RIBEIRO, Conde do Casal, "Barbosa du Bocage", *A Semana de Lisboa. Suplemento do Jornal do Commercio*, 12 (1893) 89-91.

- RIBEIRO, José Silvestre, *História dos Estabelecimentos Científicos, Litterarios e Artísticos de Portugal* (Lisboa: Typographia Academia Real das Sciencias, 1873).
- RIBEIRO, Manuel Ferreira, *As conferencias e o itinerario do viajante Serpa Pinto atravez das terras da Africa austral nos limites das provincias de Angola e Moçambique, Bié a Shoshong, Julho a Dezembro de 1878. Estudo critico e documentado contendo duas cartas geographicas* (Lisboa: Typographia Nova Minerva, 1879).
- RODRIGUES, Alice Godinho, *Correspondência de J. Batalha Reis para Barbosa du Bocage* (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990).
- SACARRÃO, Germano Fonseca, "A obra do Doutor Barbosa du Bocage e a zoologia em Lisboa anteriormente à fundação da sociedade portuguesa de Ciências Naturais", *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais* (Separata), 12 (1968) 1-16.
- SANTOS, Maria Emília Madeira, *Viagens de exploração terrestre dos portugueses em África* (Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Centro de Estudos de Cartografia Antiga, 1978).
- SANTOS, Vítor Marques dos, *A Questão Africana e as relações Luso-britânicas 1884-1914* (Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2007).
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal. O terceiro liberalismo (1851-1890)*, Vol. 9 (Lisboa: Editorial Verbo, 1977).
- SHORTLAND, Michael, Richard Yeo (Eds.) *Telling lives in science. Essays on Scientific Biography* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996).
- SILVA, Padre Fernando Augusto da, e Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense*, Vol. 1 (Funchal: Tipografia "Esperança", 1921) 243-244.
- SIMÕES, Ana, Ana Carneiro, Maria Paula Diogo (Eds.) *Travels of Learning. A Geography of Science in Europe* (Berlin: Springer, 2003).
- SÖDERQVIST, Thomas, "A New Look at the Genre of Scientific Biography", in Thomas Söderqvist (Ed.) *The History and Poetics of Scientific Biography* (Hampshire: Ashgate, 2007) 1-15.
- TEIXEIRA, Nuno Severiano "Colónias e Colonização Portuguesa na cena internacional (1885-1930)", Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri (dir.) *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 4 (Lisboa: Círculo de Leitores, 1998) 494-520.
- TEIXEIRA, Nuno Severiano, *O Ultimatum inglês: política externa e política interna no Portugal de 1890* (Lisboa: Alfa, 1990).
- TERRALL, Mary, "Biography as Cultural History of Science", *Isis*, 97 (2006) 306-313.

TORRES, João Romano (Ed.), *Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico*, Volume II (1914-1915) [edição electrónica 2000-2010 Manuel Amaral].

VICENTE, Filipa Lowndes, "Travelling Objects: the story of two natural history collections in the 19th century", *Portuguese Studies*, 19 (2003) 19-37.

WINSOR, Mary P., *Reading the Shape of Nature: Comparative Zoology at the Agassiz Museum* (Chicago and London: University of Chicago Press, 1991).